

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Patrono	Cadeira	Acadêmico
João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	Antonia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4	Antonio Lopes Baltazar
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Moreira Lobato	6	João Bosco da Silva
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Carlos Ferreira da Silva
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	José Alaércio Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho (Luiz Otávio)	12	José Alves do Carmo
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ary Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugênio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannochia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Negreiros
João da Cruz de Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clóvis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28	Estanislau Henrique da Cunha
Silvio Ourique Fragoso	29	Angela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Hermínio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	(Vaga)
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	José Roberto Machado
Laerte Romualdo de Souza	33	Mario Yoshinaga
Geraldo Penteado de Queiroz	34	(Vaga)
Néfi Tales	35	(Vaga)
Antonio Filardi Luiz	36	(Vaga)
Norlândio Meirelles de Almeida	37	(Vaga)
Milton Luiz Ziller	38	(Vaga)
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	(Vaga)
João Ranali	40	(Vaga)

Acadêmica correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos honorários: Eloi Pietá, Rafael Rodrigues Filho, Terezinha Silva Maltez de Souza, Gasparino José Romão Filho e Edmilson Souza Santos

ISBN 85-87676-50-7



9 788587 1678508

Revista Academia Guarulhense de Letras - nº 10 - Ano X - 2008

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS



Revista nº 10

Ano X - 2008



AGL

Em tempos em que os valores essenciais: família, amor, amizade, solidariedade, perdão... estão, no mínimo, confusos em sua compreensão e vivência, urge creditarmos aos escritores a sobrevivência de situações que encantem e justifiquem o viver mais feliz, sonhando e realizando uma travessia responsável e partilhada com todos.

Certamente, quando falamos escritores, nos referimos àqueles que escrevem, não somente com fundamentos acadêmicos, mas tantos que, através do exemplo de vida, nos diferentes campos da atividade humana, conseguem perceber o quanto tem a construir para si e para outros e deixam marcados, por onde passam, seus exemplos preciosos.

Academia Guarulhense de Letras

Revista nº 10 - Ano X - 2008

UNI REPRO Serviços Tecnológicos Ltda.

© Copyright 2008 by UNI REPRO Serviços Tecnológicos Ltda.,
São Paulo, Brasil

Aceita-se permuta

Exchange is solicited

Aceptamos intercambio

On demande L'échange

Man bit ttet um Austausch

Si prega L'intercambio

Revista da Academia Guarulhense
de Letras - nº 10 - Ano X - 2008

**Academia
Guarulhense
de Letras**

Copyright © by - Academia Guarulhense de Letras - 2006

EDITOR:

Direitos reservados à Academia Guarulhense de Letras
UNIREPRO Serviços Tecnológicos Ltda.
Rua Fradique Coutinho, 980
Cep 05416-001 - São Paulo - SP
Fone: 3095-8001
Internet: www.unirepro.com.br
E-mail: unirepro@unirepro.com.br

FICHA TÉCNICA

Projeto Editorial: Rubenal Hermano
Preparação de originais: UNIREPRO Serviços Tecnológicos Ltda.
Capa: Fabio Vicente
Revisão: AGL

ISBN: 85-8767-8-50-7

Impresso no Brasil 2008

Printed in Brazil

AGL - Academia Guarulhense de Letras
Correspondência: Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98
Vila Lanza - Cep 07115-020 - Guarulhos - SP
Fones: 2409-0098 - 2443-5618
Sede: Rua Francisco G. Vasconcelos, 42
Vila Galvão - Cep 07074-040 - Guarulhos - SP
E-mail: maitezadv@terra.com.br

Presidente - Gestão 2008/10:

Castelo Hanssen

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Revista Guarulhense de Letras. --
Guarulhos, SP: A Academia. 2008

Vários autores.

1. Contos brasileiros - Coletânea
2. Crônicas brasileiras - Coletâneas
3. Poesias brasileiras - Coletâneas

07-8360

CDD - 869.9308
- 869.9108

Índice para catálogo sistemático

1. Contos: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira
869.9308
2. Crônicas Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira
869.9308
3. Poesias: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira
869.9108

SUMÁRIO

Apresentação	9
A. Ibrahim Khouri	11
Antonia C. Vaz Duarte	33
Aristides Castelo Hanssen	39
Bismael B. Moraes	47
Clarimundo Aguiar Oliveira	55
Clovis Domingues	73
Eugênio Shinji Asano	87
Estanislau M. Cunha	95
Espedito Pinheiro de Souza	103
Gasparino José Romão	119
Isabel Borazanian M. de Oliveira	129
José Augusto Pinheiro	141
José Luiz Negreiros	149
José Roberto Machado	155
Lineu Roque Aceiro	161
Mário Yoshinaga	173
Plínio Tomaz	185
Silvio Ribeiro	201
Valdir Carleto	213
Wenceslau Nasari Campos	227

APRESENTAÇÃO

OS DEFENSORES DA VERDADE, DA JUSTIÇA E DO AMOR

É sempre uma renovada satisfação, para quem gosta dos embates intelectuais criativos, a incumbência de fazer a apresentação de mais um número da Revista da Academia Guarulhense de Letras. Esta nobre tarefa que ora me cabe, antes de representar-me um peso, faz-se por demais agradável, porque reúne a contribuição do pensamento e das idéias de ilustres confrades deste sodalício, materializados por suas criações literárias.

São artigos, crônicas, contos, poesias, prosas e outras manifestações artísticas da lavra dessas inspiradas cabeças, que procuram abrir caminhos sociais e iluminar consciências para o bem. Pois, ao verdadeiro criador, defensor da verdade, da justiça e do amor, muito mais do que visar a um pote de ouro, lhe apraz que lhe sorvam a criação, porque isso lhe satisfaz a alma, alegra o seu coração e lhe produz a felicidade.

Nas páginas desta publicação, vinda à luz com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, encontra-se um punhado de contribuições culturais dos acadêmicos de Guarulhos, perenizando-lhes a participação efetiva como munícipes e, ao mesmo tempo, como artífices das letras.

Por último, aos nobres leitores da Revista da Academia Guarulhense de Letras / 2008, ousamos um pedido: descubram quão maravilhoso é fazer bom uso da razão e viciar-se na cultura. Boa leitura e boa sorte.

Acadêmico **BISMAEL B. MORAES**
(Mestre em Direito Processual pela USP)
Presidente da AGL

A. IBRAHIM KHOURI

SOB O VASO

Após a partida de Harpagão e Subastis, o silêncio cobriu o palácio como um manto sombrio. Todos sentiram a falta do misterioso visitante, sua presença exerceu uma forte atração naqueles que o haviam conhecido. Sâmia se encheu de tristeza e saudade, mas, também, se apegou a um certo encantamento. Percebeu que agora se preocupava em esperar alguém. Tinha o coração e a alma cheios de poesias, a tristeza aumentava quando, na grande sala, via aquele cúmplice vaso e, sob ele, a ausência do pergaminho. O ambiente parecia vazio e sem vida. Faltavam as palavras e o olhar iluminado que a despia. A falta do que nunca teve começou a existir com a presença daquele ser vindo de terras distantes. Ele trouxe um calor perfumado, uma forte paixão no brilho do olhar, enchendo-a de esperança, fazendo-a enxergar a vida com encanto, com desejo, com vontade e com alegria.

Subastis segue fascinado com as deslumbrantes belezas dos lugares visitados por ele, na companhia do amigo Harpagão. Cada recanto era um verdadeiro paraíso protegido por acidentes geográficos, onde somente as pequenas embarcações poderiam se aproximar com segurança e, mesmo assim, guiadas por hábeis tripulações. Qualquer aventureiro que tentasse se aproximar teria sua embarcação destruída ou atacada. A natureza era o primeiro e mais eficiente obstáculo, isolava a ilha protegendo suas riquezas naturais. Subastis olhava as tonalidades da água, a quantidade de peixes, os pássaros, as praias, a exuberante vegetação daquele fascinante lugar. Esta ilha era a parte mais alta de uma cadeia de montanhas submersas. Ao fundo, a olho nu, a beleza variada e indescritível dos recifes de

corais podia ser apreciada. Mas aquele belo espetáculo o deixou profundamente nostálgico. Pergunta a si mesmo:

– Com quem repartir o encanto que tenho à minha frente? Sâmia emprestou-me seus olhos e não sei o que fazer com tanto esplendor. Falta-me aquele olhar barulhento e brilhante, capaz de pôr um riso em minha face e alegria no meu coração.

– Harpagão! – pergunta Subastis – É neste paraíso que você vive com Dafca e seu mais novo filho?

– Não, meu caro amigo. Aqui vive Assur, um dos meus filhos – dá uma pequena pausa e, olhando fixamente para Subastis revela – nunca trouxe ninguém a esta ilha. Olhe! Não muito distante estão as terras ao norte dos nossos domínios. Lá, pessoas habilidosas, sob o comando de Assur, fazem as mais belas jóias e as armas mais eficientes, sempre me surpreendem com uma nova invenção. É para lá que vamos. Vou buscar jóias e armas, as quais serão vendidas. E levo para lá todo tipo de metal que encontro nas mais diversas regiões, como também, as mais variadas pedras preciosas e semi preciosas, em estado bruto. Aproveito para trazer, também, bastante alimento para suprir qualquer eventual falta, muito embora, em nossos domínios, não nos descuidemos da agricultura, nem da criação de ovelhas e cabritos. Quando ver Assur e sua família, sempre sou surpreendido com finas jóias ou com um melhor armamento. Assur escolheu a dedo cada homem que o auxilia, levando em conta o caráter e o talento, além de trazer a família de cada um, todos moram neste lindo e protegido lugar e a razão está na frente dos nossos olhos. Olhe amigo, já fomos vistos!. Três pequenos navios vêm de encontro a nós. Estão fortemente armados por hábeis arqueiros. É preciso dar um sinal para não sermos atacados.

Após o sinal, feito por um dos seus homens assoprando um chifre de carneiro, ouvem-se gritos de alegria e boas vindas de centenas de arqueiros, que num abrir e fechar de olhos, tornaram-se visíveis. Ainda ia continuar falando quando um barulho metálico, forte, nunca ouvido antes, ecoou pelas montanhas. Harpagão desembarcou. Assur o recebe de braços abertos, beija-o e mostra,

antes que o pai lhe pergunte, um instrumento oval, da altura de uma pessoa, que produziu aquele som. Informa ao pai que conseguiu fabricá-lo através da fundição, utilizando novas ligas. Leva-o junto com Subastis à fundição dos metais preciosos, onde habilidosos ourives dedicavam-se ao fabrico de jóias para atender aos crescentes mercados do Oriente Médio e do nordeste da África. Tudo que lá era feito prosperava, tanto os faraós, como os nobres, absorviam todas as jóias, artisticamente produzidas para o seu uso, exteriorizando assim seu poder, ou para presentear as mulheres dos seus haréns. Mostrou-lhes, também, os experimentos para a fabricação de armas mais resistentes, resultado da mistura de vários metais. Assur explica a Subastis o processo utilizado para fundir qualquer peça. Era necessário criar um molde em madeira, de preferência o cedro, que havia em abundância, era resistente e de fácil conformação. De posse da réplica perfeita da peça que desejava produzir, preparava-se a moldagem, que era feita em areia natural, misturada a outros ingredientes. Por ser a areia mais refratária e seus grãos mais homogêneos, os gases tinham vazão rapidamente o que acelerava o processo de endurecimento e o controle de qualidade das peças fundidas. Assur solicitou que um dos seus ourives colocasse o modelo dentro de uma caixa bem resistente e, após bem socado na areia, o modelo foi removido, formando, assim, os canais de vazamento que recebiam o metal na forma líquida. Tudo foi feito com extremo zelo, para que a peça fundida não apresentasse trincas ou vazios em razão da contração que ocorria, tanto na solidificação, como no resfriamento do metal. Mostrou-lhes as inúmeras armas de ponta de talha e acha de metal, produzidas a partir das novas experiências. Eram armas bem mais resistentes que as fabricadas até então. Com elas era possível atacar um animal ou um invasor, ferindo-os, de longe, por arremesso em razão da dimensão da vara pontiaguda. Assur aprimorou também o arco e as setas, sendo esta a primeira máquina de defesa e de ataque do mundo. Harpagão olha para o amigo e, sorrindo de satisfação, abraça o filho dizendo:

– Quando venho ver Assur e sua família, sempre sou surpreendido ou com finas jóias ou com um melhor armamento.

O filho, extremamente alegre, diz:

– Pai, temos jóias, as mais belas, o senhor ficará fascinado com as novas criações e também com a enorme quantidade de armas bem resistentes, suficientes para encher um navio - e conclui - Já estava me preparando para levá-las para os nossos domínios ao Sul, aproveitando para ver minha mãe e os nossos parentes de lá.

– Assur – diz Harpagão – Não vou ficar muito tempo na ilha, só o necessário para matar a saudade de meu filho Hamurabi, de Dafca e da pequena população que vive lá, depois podemos ir juntos, pois preciso voltar para o Nilo, prometi levar cedro. Serão utilizados muitos navios e, só não peço que me acompanhe, em razão da importância de sua presença aqui.

Harpagão faz uma pausa, vê aprovação num gesto de cabeça feito pelo filho, que trocando de conversa diz:

– Pai, como o senhor me pediu, tenho ido à ilha onde vive Dafca e meu irmão. Ele me adora, é um menino muito esperto, eu o trouxe aqui e ele ficou olhando tudo ao seu redor e me perguntou:

– Assur! Como a vegetação daqui é igual à da ilha?

– Boa pergunta! – diz Assur – isso demonstra que você tem meu sangue e o sangue de nosso pai – olha-o com profunda admiração em razão da sua observação em tão tenra idade e responde:

– Querido irmão, são os pássaros que se alimentam de frutas e transportam as sementes no estômago e no intestino, os ventos, as sementes que vão e vêm do continente para a ilha e da ilha para o continente através do vaivém das ondas do mar.

O menino ouve atentamente a explicação.

– Mas, Assur! – Pergunta novamente intrigado – Até as flores são semelhantes?

– Graças aos insetos, às abelhas, e às borboletas que são capazes de irem à ilha. – Responde Assur.

Harpagão ouve com carinho a atenção e a boa relação que há entre Assur e seu irmão mais novo. Após se alimentarem, assistindo

a um exuberante pôr-do-sol, de uma bela edificação numa rocha próxima à praia, Harpagão pergunta ao amigo:

– O que achou das novas invenções de meu filho?

– Harpagão! - Comenta Subastis – Só os sábios aprendem com os animais, com as aves, com os insetos e com as plantas as estratégias para a sobrevivência, ora com armas defensivas, ora com as de ataque, que é uma forma de defesa. Até os frutos não venenosos nos são apontados pelos pássaros, se deles se servem, podemos comê-los sem medo. – Olha fixamente para o filho de Harpagão e conclui – Assur é um desses seres capazes, que enxergam aquilo que não vemos, as armas servem mais para a paz do que para a guerra. Basta ver estes paraísos que formam seus domínios. Qualquer invasor descuidado, que viajar por estas águas, terá contra si a natureza como suas armadilhas, depois, seus homens bem armados. Tudo isso constitui para o invasor o caminho de sua derrota, por isso procuram atacar outros povos onde sua iniciativa pode levá-lo à vitória.

Assur abraça Subastis em sinal de agradecimento. Harpagão, emocionado, com as palavras do amigo, também o abraça. Vê uma precisão nos argumentos daquele ser, que tem como parte de sua família, e diz a Subastis:

– Graças à garra de todo o meu povo, nós temos o monopólio comercial destes mares, bem como do Mar Vermelho, do Mar Árabe e do reino do Nilo. Compramos e vendemos tudo – diz, orgulhosamente, Harpagão.

Enquanto a tripulação preparava o navio, os três aproveitaram para conversar com a população local. O mar estava calmo, o céu cheio de estrelas para orientar sua rota. Após abraçar o filho e os amigos, eles seguem com o seu navio rumo à ilha. Não demorou muito, a bela e ágil embarcação aportou numa pequena baía, protegida das ondas e do vento. Foram recebidos com carinho pelo pequeno filho de Harpagão, por Dafca, que se surpreende com a presença de Subastis e pela população local.

– Queridos! – diz Harpagão com o filho nos braços – fizemos uma longa viagem, estou feliz em vê-los! Amanhã faremos uma

grande festa e todos vocês estão convidados, irão também conhecer meu amigo.

Subastis, após um banho, deitou-se pensando em Sâmia e logo adormeceu. Quando acordou, pela manhã, deparou-se com um dia esplendoroso. Ao chegar à sala, havia uma festa com música e dança, carne de cabrito e de ovelha, muitas frutas, pães feitos sobre as cinzas quentes em abundância, preparados especialmente para a cerimônia. Todos comeram e beberam até a tarde, conversaram sobre histórias e acontecimentos recentes. Subastis olha o carinho e o respeito daquela festa em homenagem a Harpagão e, por fim, após acabar a música e a dança, a maioria dos convidados levou o visitante para conhecer parte da ilha onde era feito o plantio. Subastis parecia estar vendo, em pequena proporção, o mesmo cuidado com o cultivo empregado nas suas propriedades, os canais de irrigação, cujas águas vinham de fontes com quedas d'água. Olhou tudo, demoradamente, dizendo em seguida ao amigo e aos presentes:

– Nunca vi lugares tão encantadores como esses que estou conhecendo, graças a esse meu irmão. A formidável riqueza natural que pensei não existir, pessoas maravilhosas que tocam o meu coração e este providencial isolamento, são a razão de ser de cada um de vocês. Venho de longe, pensei que tivesse tudo, que era um ser realizado. Só agora percebo o quanto ganhei nesse curto espaço de tempo, quase toda uma vida nesta viagem e, por certo, quero para mim um lugar semelhante a esse até o dia de me encontrar com o El ou Osíris. E, se encontrá-lo, certamente irei demorar bastante para fazer ir além das estrelas.

Depois de conhecer também o rebanho local, Subastis se recolhe, sentia-se cansado e saudoso, adormeceu e só acordou quando a noite tomava conta da ilha. Já era madrugada. Subastis foi atraído por uma misteriosa música, um hino apaixonado vindo com o barulho das ondas que se quebravam nas pedras e na praia, não o deixando dormir. Era um ruído, chegando com um murmúrio de vozes, sussurrando brandamente aos seus ouvidos. Foi, a passos lentos, em direção da praia. A lua brilhante produzia sobre a su-

perfície da água, uma fonte luminosa, formando ângulos sólidos numa só direção. O céu estava cheio de estrelas, havia nele tantos pontos cintilantes, todos que podem caber naquele espaço ilimitado. Parou, baixou a cabeça com respeito às coisas sagradas. Um gesto de reverência a Isis. Teve uma sensação benéfica. O caminho fez-se mais claro, um largo corredor ladeado por mata, ia da bela construção, onde vivia Dafca e o filho, até a areia. Na ilha, havia, em grande quantidade, fontes e quedas d'água que antes de desembocar no mar, corriam por aquelas terras, cheia de canais de irrigação, favorecendo o plantio. Colinas extremamente altas contornavam aquele pedaço de chão. A vasta vegetação, as flores, os pássaros, os animais, a variedade de peixes, as frutas, o canto dos trabalhadores no plantio. Todo aquele encantamento agora o entristecia. Faltava o olhar que se voltava para o seu, que o fascinava e o protegia da solidão. Aqueles olhos que o investigavam, deitando sobre os seus sentidos, o encanto daquela mulher que o enfeitiçou, que o seduziu. Por fim, chegou à areia, olhou demoradamente aquela massa de água em movimento que, intermitentemente, arrebentava-se nas rochas, nas pedras e vinha repousar próxima aos seus pés. Novamente ouviu a música, vinha da deusa inspiradora da poesia, ouviu a voz de Vânia, sentiu a presença daqueles olhos, cuja lembrança não mais o abandonou. Pegou um graveto e começou a escrever na areia uma poesia, cujo título era "Infinito".

*Eu a marquei na areia,
eternizei-a... foi tão breve,
bastou uma onda forte,
o sopro de uma brisa leve
e tudo se desmanchou.
Mas ficou gravada na mente,
a imagem que se anseia,
de vê-la deitada na areia,
no mar da minha retina,
onde ficou aquela bela menina,
cujo tempo não desmanchou.*

*Naquela marca havia
um pouco de presente e passado,
que se transformou em poesia.
Na areia, só a minha pegada.
Lembrei-me do doce pecado,
aquele que El inventou.
Perdão, se não me lembro do nada,
só ele se desmanchou.*

O desejo deixou de viver no subterrâneo, abaixo das aparências, escondido no pensamento, distante da palavra, do gesto, do semblante, não havia mais como escondê-lo e, por certo, esta sensação se tornaria evidente quando estivesse, novamente, na presença da mulher amada. Enxergava a dor da distância com as emoções e manifestações da alma humana, com suas cores e as estações da vida.

– E agora? – pergunta-se Subastis.
Escreve na areia e continua dando asas à imaginação.

*“E agora?
que o amor não é escasso
que todo o tempo é tão eterno
quando a tenho tão distante,
e não passa de um instante
quando a tenho presa aos braços?
E agora?”*

Bem antes, no outro extremo, a deusa Vânia sai do bosque, ao cair da tarde e chega, cheia de harmonia próxima aos rochedos, entre os tons marrons avermelhados e a verdura de pequenas, mas abundantes vegetações que desafiavam a rudeza do solo aparecendo aqui, ali, além para embelezar a vasta e bela paisagem. Lá embaixo, se perde contemplando a orla, os seus contornos, a espuma abundante das águas se arrebatando contra as rochas. A beleza delas, com diferentes tonalidades. Há, tanto de um lado como do outro da praia, pedras enormes esculpidas pelo tempo, que a imaginação

de quem ama, numa esplêndida ousadia, avista estas gigantescas muralhas, humanizadas, em forma de corpos se amando. O dia se perdeu por inteiro no poente. No céu, milhares de pontos cintilantes, a lua atraindo, de modo irresistível os olhos de quem a contempla.

Sâmia deixa-se vencer seduzida, sai no terraço, faz como a deusa, deixa os olhos se perderem ao longe, demoradamente e entrega-se, apreciando com a vista e com a alma as obras da natureza. Aflora em seu coração o poder de fazer, a faculdade espiritual própria do ser humano, a concepção do Universo, dos sentimentos e das idéias, a identidade das coisas, a sua substância, a sua essência, esta íntima relação entre as grandezas de sensações que o corpo vai absorvendo, este conhecimento belo de si mesma. Sente em si o germe do desejo, brotando loucamente num delicioso e estranho sentimento. Não há palavras para exprimir a medida de todas as emoções. Um lado seu se recusa, o outro, louco, cheio de viço, fresco exuberante de vida, se entrega. Tudo ocorre com o barulho da paisagem. Dentro dela, há também um silêncio barulhento, numa linguagem eloqüente e inexplicável. Uma viagem realizada com a imaginação, onde ela reconhece a força daquela grandeza, sem se preocupar em avaliar os perigos. Há uma total migração do seu lado hostil, os sentidos começam a perceber o sabor das coisas, provocam e desafiam a ausência e a falta de afeto. Naquele chão que pulsava seco, agora surge um ser que a faz, a cada instante, quebrar as rígidas regras impostas às mulheres. Surge, na superfície de sua vida, um rosto que traz esperança e a faz conhecer um novo horizonte, não como uma miragem, uma ilusão perdida, um engano. Naquele açude vazio, agora corre água cristalina e, no lençol d'água da imaginação, vê seu corpo e o dele se refletirem. Aparece, novamente, Astartéia e diz àquela jovem:

– Que importa se for curta a estação das chuvas! Tudo vai continuar se mantendo em movimento. - Uma pausa longa, só quebrada pelos barulhos das ondas e pelos pios das aves noturnas. – Continua dizendo – está lhe fazendo bem esta louca travessia. Descubra o que há neste longo trecho do seu caminho. Só na

estação do amor é que aprendemos a descortinar a harmoniosa arte e a beleza. Somente vivenciando é que compreendemos o encanto que há naquilo que as pessoas julgam imperfeito. Como é bom experimentar o cheiro do amor em toda parte, conhecer, por sinais, a sensação física!

Sâmia percebe que é impossível interromper o curso daquele nobre sentimento, sempre insatisfeito, a cada instante exigindo mais. Segue, como as águas da fonte, conversando com as pedras, formando um rio, cujo leito não se pode desviar. Corre de todas as fontes e termina no seu delta com uma força sensual significativa, exprimindo, com clareza, revelações que os sentidos vão traduzindo. É uma imagem que toma o espaço de todo o seu ser, não como crença, mas algo real se opondo à fantasia. Estes sonhos delicados e ousados se tornam permanentes, duradouros e ingressam, de forma definitiva, no universo da sua vida. Já não há uma massa cobrindo as paredes dos pensamentos, uma substância divina reveste o estado interior, protegendo-a dos maus invasores. Há tempo Sâmia via os sinais que a deixavam muda. Na face, uma mistura de alegria, espanto e medo. Estes ecos encontraram abrigo em seu peito, cheio de encanto e de suspiros.

– O que será que está para acontecer e mudar o rumo da minha história? – dizia ela à Astartéia.

A deusa nada respondia e Samia conclui:

– Só agora percebo com que atenção ouvia o tio Harpagão falar sobre as histórias do amigo Subastis. Só agora percebo o quanto eu estava ligada a elas.

No mesmo instante, Subastis dá alguns passos. Pensativo, tentava formar uma idéia exata que encerrasse uma afirmação do seu estado em busca de direção. Olhou, demoradamente, para o céu cheio de estrelas. Após permanecer um bom tempo naquela contemplação, disse a si mesmo:

– Convém viver, por certo, pela última vez, intensamente.

No seu semblante, uma expressão iluminada de paz, no olhar profundo um brilho de encanto e ternura. Diz à Isis:

– Tudo parece tão perto e tão inatingível como as suas estrelas.

Porém, sinto que com um passo a mais vencerei a distância, mesmo tendo este enorme espaço que me separa de Sâmia.

Sentia o grito do vento transmitindo as sensações que se operavam no coração da amada, nas ondas percebia a oposição do seu corpo ao racionalismo. Era uma sensação física, não imaginária, mas uma consciência de que ambos experimentavam as mesmas sensações naquele exato momento. Havia a presença do ardente olhar naquele instante indeterminado de tempo, uma força magnética ligando, com sua corrente e com grande intensidade, os dois amantes. Uma enorme vontade tomou conta de Sâmia. Atraída pela paisagem e pela música, deixa o terraço e o quarto, ganha os corredores do palácio, abre a grande porta e sai, descalça. Ruma em direção da praia convidada por um estranho encantamento, o barulho das ondas, o pôr de Osíris, a chegada de Isis e as estrelas, toda aquela magia irresistível transformou o ânimo daquela bela mulher, frágil e delicada. Vânia a espera sentada na areia, distante de onde as ondas chegam e voltam. Sâmia senta-se ao seu lado, na mesma posição e ambas deixam os olhos se perderem naquele espaço sem medida, ilimitado, infinito, a imensidão do mar, clareada pela vastidão do céu. De repente, as águas chegam em seus corpos. Ambas sentem uma energia percorrer-lhes o corpo inteiro, uma sensação prazerosa que as excita, uma lubricidade se concentrando na fonte dos seus desejos se irradiando pelos seus corpos. As ondas chegam intermitentes e mornas, há nelas a presença de Subastis, elas cobrem a silhueta morena e pálida de Sâmia, são as mãos de Subastis acariciando, suavemente, o corpo da amada. Surge Astartéia e diz:

– Sâmia, aprecie o que seu corpo quer pôr à prova, submetase a sua vontade! - faz uma pequena pausa e continua - deixe correr, naturalmente, estas forças misteriosas do Universo. Fique nua, jogue sua roupa lá na areia.

Sâmia fica nua, assusta-se, enche-se de prazer com aquela ousadia. Só as deusas, as estrelas, Isis e o mar assistem aquele belo espetáculo. Isis nunca clareou tanto aquelas águas, formando um imenso corredor que se perdia ao longe. Diante daquela cena, a deusa da fecundidade continuou a falar.

– Perceba jovem, como somos pequenos diante dos grandes mistérios - mais uma pausa e conclui - não ofereça resistência, estas sensações vêm do seu amado. São toques invisíveis, mas cheios de energia e se orientam na sua direção. Sinta como ele a atrai, não perca este espaço, este campo de atração que se transforma num feixe de luz - daquele momento em diante Sâmia sentiu-se outra pessoa, seus pensamentos já não eram mais vagos e dispersos. - Estas águas estão cheias de vozes, de versos e de poesias - disse ela a si mesma.

Há naquela bela nudez uma total entrega, seu corpo, delicado e nu, sente as carícias das ondas, a proximidade de um corpo que a toca. Onde misturam-se o prazer e a dor, duas sensações tão conflitantes, uma necessitando da outra para existir, duas formações humanas que se encontram.

Sâmia percebe as carícias de Subastis percorrerem todo o seu corpo, seus lábios, sua boca. Sente-se intimamente fecundada de amor. Vânia, a deusa misteriosa, sussurra uma música que simboliza o gemido de corpos apaixonados, como se fosse o vento suave acariciando as folhas das palmeiras, tão próximas daquele paraíso. Há o contato entre eles, unem-se os corpos através da massa líquida. Ambos se envolvem na intensidade daquele encantamento. Subastis percebe que se une às vibrações das ondas, ao corpo da mulher predestinada a entrar no seu mundo. Uma sensação impenetrável à razão humana, incompreensível para as pessoas que não estão envolvidas. É a presença do sobrenatural unindo, com vínculo afetivo e com toda intensidade, aqueles dois corpos, que estavam apenas presos ao olhar e às lágrimas. Naqueles espaços de areia que se confinam com o mar, um raio luminoso unia-os como se ambos se prendessem num nó, aderindo-se fortemente no jogo da felicidade. Uma força invisível os encantava e os seduzia como se tudo estivesse determinado pelo destino.

Misteriosamente as ondas se afastaram. Sâmia, vestida pela deusa, ficou largada na areia. Era outra mulher. Renasceu, perdeu a tranquilidade que há no mundo de aparências. Rompeu com o passado presente, estava inquieta e irreconhecível. Atravessou aque-

la enorme muralha que a mantinha submissa. Sua alegria brotou no semblante. Aquele acontecimento foi o elo que a fez despertar para o presente. Levantou-se e rumou para o palácio. No caminho lembrou-se das mãos levantando o vaso. Sentia falta das significativas revelações, as mesmas mãos que colheram suas lágrimas e tocaram parte do seu rosto, as mesmas, que há pouco, percorriam suavemente seu corpo, de forma misteriosa. A palavra, falada ou escrita, era incapaz de traduzir as sensações que atuaram no seu organismo. No seu corpo se dá a apreensão natural, espontânea do toque nunca sentido. Houve, através das ondas, uma proximidade entre o real e o imaginário. As ondas ganharam vida e tocaram as belas curvas do corpo daquela mulher, percebeu as mãos, a boca e os suspiros do amado numa brisa quente, numa água morna. Foi um momento de transformação e de prazer, revelando os segredos mágicos, próprios de algo que, inevitavelmente, estava predestinado a acontecer. A total ausência de resistência denunciava que ambos se preparavam para a louca entrega. É uma relação suave e ao mesmo tempo cheia de ansiedade, trazendo, à alma, tranquilidade e aflição, provocando um ardente desejo. Algo além da percepção visual, não um acontecimento isolado. Segue um traçado misterioso, um caminho percorrendo o próprio corpo, onde ficam registrados todos os momentos especiais e, a cada fato, o desejo pede mais, a vontade é mais intensa, o olhar já não basta, por si só, já não satisfaz. O corpo sente a necessidade de conhecer, além da palavra, novas linguagens que consigam satisfazer todos os anseios. Uma boca transitando em todas as direções da sua delicada escultura humana, numa entrega legítima e sem limites. A não ser a lua, as estrelas e a música, ninguém viu quando Sâmia deixou o mundo real ou imaginário e entrou no castelo, ganhou os corredores, as escadas e, por fim, os seus aposentos. Deita e chora intensamente, não de tristeza, mas por ter vivido um acontecimento extraordinário que acordou os seus sentidos, fazendo-a surpreender-se com a sua sensibilidade emocional e física. Levantou-se, foi para o terraço. Olhou o céu e disse a Isis:

– Deusa do meu amado, que incrível irradiação! Que poderosa

ação atingiu-me com força! Surgiu de um ponto qualquer e tomou conta de mim. Espalhou-se pelo corpo inteiro, trazendo-me paz e ansiedade. Veio de um olhar que não se apaga. Trazia junto uma linguagem silenciosa, cheia de encanto e mistério. Surgiu inesperadamente em minha direção com ardente intensidade. Pensei tê-lo aprisionado, mas lá fiquei presa sem vontade de me libertar. Percebo o olhar emergindo dentro de mim, numa energia contínua e, até então, irracional. As lembranças, como as águas que batem nas rochas e escorrem pelas pedras lapidando-as, vão esculpindo sonhos na imaginação como diamantes que surgem à flor da terra. Quantos mistérios estão escondidos nos labirintos das montanhas? Quantos fatos estão guardados sob essas águas azuis? Quantas histórias não poderiam contar estas oliveiras milenares com suas raízes, buscando, há milhares de anos, água, às vezes, num solo árido?

Subastis mergulhou no tempo e se viu num deserto próximo a um oásis, aos pés das tamareiras, uma bela jovem o espera. Está com a face coberta por um véu, pouco se vê do seu rosto, os olhos são brilhantes, têm uma energia que vem dos astros. Este mergulho no passado liga-se ao presente. Aquela mulher era uma promessa. Esses momentos que sempre o intrigaram, hoje, vêm à tona na imagem de Sâmia. A música entoada pela deusa Vânia era a mesma de séculos atrás. A memória defendeu, zelosamente, as lembranças, ligando-as e misturando-as aos fortes vestígios de outra existência. Foi um contínuo exercício para relembrar e justificar esta coexistência, este existir, que às vezes se dá ao mesmo tempo. A vida deixou de ser vazia, agora, após submergir no passado, pôde, intensamente, compreender esta agitação amorosa embalada pela deusa. Pôde neste momento, mais do que nunca, perceber o elo formado entre ele e Sâmia. O destino, de forma silenciosa e solitária, escondeu os momentos passados e sombrios da outra existência. Esses dois seres que estavam perdidos um dentro do outro como se nada mais existisse, se isolaram do resto do mundo, sem saber que estão, aos poucos, resgatando algo precioso, perdido no tempo, mas que tem uma memória que está sendo despertada pelos vestígios. Eram dois seres sedentos, ouvindo o barulho da água. Os lugares onde

viveram, como um rico tesouro, caprichosamente, a natureza preservou. Não tardaria para que estes recantos comessem a inundar a vida de ambos. Era um acesso tortuoso e difícil, e por mais sedutor que tenha sido este reencontro, nesta intersecção do infinito, havia momentos rudes, era preciso que ambos soubessem que no oásis, a parte fértil do deserto, onde há encanto, vegetação, vida, sol abundante, havia também perigos, pois o amor é algo tão precioso como a água.

Vários dias se passaram. O tempo necessário para que Subastis conhecesse praticamente toda a ilha. Certa manhã ele convida o amigo Harpagão para um passeio a um arquipélago, seria um teste para a tripulação do navio que comprara do amigo. Pelo caminho, nas águas claras, avistaram enormes peixes e cardumes de várias espécies. O cuidado, sempre dobrado, nas águas pouco profundas. Em todas as ilhas a mata era densa. No final da tarde o céu começa a escurecer. Harpagão alerta o amigo:

– Subastis, olhe para o horizonte, veja os relâmpagos, embora estejam longe, se não formos rápidos, por certo esta tempestade irá nos alcançar. Subastis dá ordem para voltar à ilha, pois lá o mar de dentro poderá protegê-los, onde a baía é resguardada das ondas e dos ventos por extensas muralhas capazes de conter o mar. Foi o tempo de chegarem e se livrarem dos efeitos destrutivos da tempestade que caiu. Subastis olha para Harpagão e diz - como foi bom que você nos acompanhou, esta é uma lição a mais que aprendemos – e conclui – nunca deparei com uma tempestade tão forte. Não fosse esta baía, por certo, teríamos uma trágica experiência.

O amigo responde-lhe:

– Vou lhe dar umas informações sobre os lugares seguros por onde você pode poderá dirigir-se quando estiver por esses mares. E quando pra lá for, dê o sinal que vou lhe ensinar, para não ser atacado. Quando atracar, diga que é meu irmão.

No dia seguinte, deu para se ter uma idéia clara da devastação, dos efeitos destrutivos da tempestade. Havia centenas de corais quebrados na praia, troncos de árvores arrancados das ilhas e dos manguezais.

Dias depois, Assur chega, alegre Hamurabi vai ao seu encontro. Que amor! Que carinho há naqueles dois seres que se abraçam fraternalmente! Vem com o navio carregado, porém Harpagão diz que precisa permanecer um tempo maior na ilha. Subastis olha o amigo e diz:

– Você já me proporcionou as melhores surpresas, agora, caro irmão, gostaria de seguir com Assur até os seus domínios ao sul e depois "tudo será surpresa, por certo, mais arriscado sem a sua presença. Logo nos encontraremos, porque, você, querido amigo, é o senhor dos mares.

Sâmia foi para o terraço, olhou para o céu, respirou fundo e sentiu o perfume que vinha do bosque misturado ao cheiro da terra, após a forte chuva que havia caído. Um estranho calor tomou conta de todo seu corpo, com ele, mais intensamente, surgiram fortes, as lembranças das sensações que teve na noite anterior, dominando-a por completo. O perfume, as mãos que percorreram com ternura todo seu corpo. Vagarosamente, ela repete com as mãos os mesmos trajetos das águas, percorrendo sua silhueta. Sentiu com a língua os seus lábios carnudos, sensuais, desenhados pela natureza, mordiscou-os com os seus dentes alvos. Tinha o corpo envolto por um linho finíssimo ressaltando sua nudez, seus encantos, suas curvas perfeitas. O branco transparente deixava nítidas as partes escuras dos seus mamilos, os cabelos negros caíam descuidadamente pela face e pelos ombros. Após a demorada contemplação entrou e descansou seu delicado corpo sobre uma almofada.

– O que mais haveria de interesse para mim - perguntou-se, ergueu a cabeça, olhou para os cantos do seu aposento e logo seus olhos foram atraídos pelos versos de Subastis que havia sobre a cama. Procurou controlar as emoções, sentir a voz de Subastis soar em seus ouvidos. Por fim, cortando o silêncio, afirmou, olhando para todos os escritos – Sim! Serei sua, toda sua! – Levantou-se, pegou um pergaminho e numa ousadia sem dimensão, começou a escrever para o amado, sem saber de que forma poderia fazê-lo chegar, com segurança, às suas mãos.

Subastis

*Tudo isso é uma loucura, é impossível, nada vai acontecer.
Assustam-me todas as suas revelações, assustam-me todas as
suas Poesias, como também os seus gestos. Tudo me fascina.
Seus poemas, deixados sob o vaso, fazem
parte do meu aposento, -*

*Divido com eles minha cama...eles não são mais os mesmos,
Agora, há neles, o toque dos meus lábios, da minha pele e
O cheiro do meu corpo.*

A cada palavra tornavam-se mais intensas as batidas do seu coração. Pára de escrever para conter as emoções que lhe tiram o ar. Sentiu-se possuída por um estranho desejo. Conclui:

*Estou aqui escrevendo, tentando, não sei como esquecê-lo.
Há uma canção em cada palavra. Palavras que me assustam.
Às vezes, prefiro não lê-las, mas quando as tenho nas mãos,
Encho-me de felicidade, descobro-me colhendo em cada detalhe
O porquê do meu apego. Em vão tentei me afastar, eles
se tornaram*

*Frutos e me alimentam e me deixam faminta. Sinto
faltar-me o ar,*

*Não tenho fôlego para continuar e ao mesmo tempo, sinto ser
Tarde demais para desistir. Estou frágil diante deste grande
Momento. O pote com tâmaras é para adoçar sua boca,
Prove-as devagar, cada uma é um pouco de mim, têm o gosto
Da minha saudade. Destrua esta mensagem após lê-la, guarde
As palavras no seu coração.*

Ouvia, ao escrever, as batidas cada vez mais rápidas do seu coração. Sentiu-se possuída por um desejo que nunca havia sentido, de repente um som estranho ecoou por todas as montanhas, trazendo-a à outra realidade. Correu para o terraço e viu todos se prepararem para ver e enfrentar o invasor. Dois barcos se aproximavam. À frente, o navio de Assur dava o sinal de que tudo estava

bem. Logo atrás vinha o navio que Subastis havia comprado. Quem o pilotava era a tripulação que ele havia trazido. Após serem reconhecidos, todos foram recebê-los. Naquela tarde, entre risos, terra, céu, mar, música e muita comida, Assur mostrou o que havia conseguido fabricar como fizera com o pai. Mostrou o instrumento oval, da altura de uma pessoa, dizendo:

– Com este instrumento, podemos acordar a Terra!

Sâmia ficou na grande sala, ora escrevia, ora olhava todas as pessoas que cercavam Assur. Conversavam e riam, falavam das maravilhas das suas terras. Assur beijava e abraçava sua mãe. De repente, ouve-se uma voz que tomou conta da sala, ela interrompe tudo para ouvi-la atentamente:

– Eu e a mulher que idealizo viajamos através do pensamento, quero imaginar com ela como é o paraíso e se ele for tão belo como diz meu coração, preciso conhecê-lo e me fascinar, encher meu espírito com suas formas, encher meus olhos com suas terras, sua vegetação, suas praias ensolaradas, seu céu azul, suas fontes convidativas, sua população e o mais importante, com dois olhos de novidade que ganhei e que me fizeram enxergar a vida. Só assim, vale a pena invadi-lo, ser senhor e ser cativo. Os presentes bateram palmas e logo a música tomou conta do ambiente em meio ao falatório. Brilharam os olhos de Sâmia, à sua frente estava o seu amado e todas as palavras ditas por ele, mesmo sem que ele a olhasse, por cautela, vinham em sua direção. Era difícil fazer uma idéia de como estavam inquietos, famintos e enfeitiçados. Havia uma ansiedade profunda naqueles seres perdidamente apaixonados. Por fim, ele decide desvencilhar-se, adentra mais a sala e lá está a mulher que se alojou definitivamente nos seus pensamentos, com ânimo de ficar. As lágrimas brotam nos olhos de ambos. Ele olha aquela doce escultura humana, sorri, vai até o vaso e coloca um poema. A distância e com todo o cuidado, ela lhe mostra um pergaminho. Ambos os corpos, tanto de Subastis quanto o de Sâmia, tremem de emoção. Aproveitaram um momento, olharam-se e ambos respiraram profundamente. Aquela tensão estava asfixiando-os. Ela não tentou esconder o pergaminho deixado por seu

amado, ao contrário do que ocorria outrora, colocou-o sobre o peito para que ele notasse. Subastis mostrou, num sorriso cauteloso, a sua satisfação e o seu espanto, embora a distância, parecia que ambos sentiam, um a respiração do outro. Havia o cheiro, o perfume de Subastis naquela consistente pele. Havia o odor da mulher amada tomando conta daquele ambiente que aos poucos foi se esvaziando. Ela olhou-o e se retirou da grande sala, pois com o pequeno número de pessoas, tornava-se perigosa demais aquela troca de olhares, porém, antes vendo que só ele a olhava, descobriu o rosto e beijou a pele que guardava a sua mensagem. Uma fogueira intensa tomou conta de Subastis, sentiu que nada mais o afastaria daquela mulher. Algo de sobrenatural invadia suas entranhas. Era um desejo, um afeto íntimo, cravado com profundidade, no corpo de ambos, seu coração palpitava desordenadamente, seus olhos se encheram novamente de lágrimas com a visão daquela mulher deixando a sala. Pensou no seu rosto e nos lábios beijando seus versos.

– Este momento – pensou ele – nunca mais irá se apagar.

Foi como se suas bocas e todas as partes dos seus corpos, a partir daquele instante, estivessem intimamente unidas. Quanta energia havia naquele momento! Após o jantar, na companhia alegre de Assur, Subastis, depois de conversar um pouco, recolheu-se. Ao abrir a porta do seu quarto encontrou os escritos de Sâmia sob um pote cheio de tâmaras. Um perfume agradável recendia por todo o aposento, revelando que ela mesma havia estado lá. Lê, com avidez, a mensagem inúmeras vezes. Era o bálsamo da vida. Sentiu o movimento de algo percorrer todo o corpo. O conteúdo trouxe-lhe uma onda de amor, carinho e prazer que invadiu em seu coração. Foi impossível apoiar seu peso. Eram surpresas demais. Não havia agora espaço para nada mais, a não ser encontrar Sâmia. Por fim, contrariando o pedido da amada, ao invés de destruir a carta, responde-a nos espaços entre as linhas.

Subastis

*Querida Sâmia, rendo-me a sua majestade,
Tudo isso é uma loucura, é impossível, nada vai acontecer.
sou seu escravo. Agora somos a continuação um do
Assustam-me todas as suas revelações, assustam-me todas as suas
outro. Tanto quanto o seu, o meu coração, também
Poesias, como também os seus gestos. Tudo me fascina.
bate forte, falta-me o ar. Agora o ritmo é mais intenso,
Seus poemas, deixados sob o vaso, fazem parte do meu aposento,
porque o coração é quem escreve o que vai no
Divido com eles minha cama...eles não são mais os mesmos,
pensamento e na imaginação. Escrevo nos espaços
Agora, há neles, o toque dos meus lábios, da minha pele e
da sua carta, como se estivéssemos amando. É uma
O cheiro do meu corpo.
posse que não pára. Somos poesia, meu verso se une ao
Estou aqui escrevendo, tentando, não sei como esquecê-lo.
seu verso. Quando estamos mudos não há silêncio, há uma
Há uma canção em cada palavra. Palavras que me assustam.
eloquência no desejo alucinante, que supera qualquer
Às vezes, prefiro não lê-las, mas quando as tenho nas mãos,
palavra. Você se hospedou em minha vida, hoje, com mais
Encho-me de felicidade, descubro-me colhendo em cada detalhe
intensidade e passarão milhares de anos e nenhum amor
O porquê do meu apego. Em vão tentei me afastar, eles se tornaram
escreverá nos espaços das mensagens, como nós, assim o
Frutos e me alimentam e me deixam faminta. Sinto faltar-me o ar,
fazemos como se nos encontrássemos no final da carta.
Não tenho fôlego para continuar e ao mesmo tempo, sinto ser
Que caminho perfumado! Sigo por ele, obedecendo os meus
Tarde demais para desistir. Estou frágil diante deste grande
instintos selvagens. Quero saborear, Junto com as tâmaras,
Momento. O pote com tâmaras é para adoçar sua boca,
seus beijos... não há mais como impedir este pouso. Os pássaros*

*Prove-as devagar, cada uma é um pouco de mim, têm o gosto
estão na eminência de tocar o chão.*

*Da minha saudade. Destrua esta mensagem após lê-la, guarde
As palavras no seu coração.*

Após respondê-la, num ato de ousadia, vai na penumbra pelo corredor até o quarto de Sâmia e coloca o pergaminho embaixo da porta. Neste exato momento a porta se abre, Sâmia está à sua frente. Uma peça de metal com pequena abertura, sobre um suporte de ferro artisticamente trabalhado, queimava-se, refletindo no aposento da jovem, uma pequena claridade, cuja direção se desviava, em razão do movimento do corpo daquela encantadora mulher que alterava a velocidade da luz. Subastis tem o corpo absorvido pelo calor intenso provocado pela aparição da amada. Há no amor, um processo seletivo, os corpos sofrem radiações que afetam o estado físico e emocional. Impossível conter o impulso, a ousadia e o desejo incontrollável. Ele entra segurando a mão de Sâmia, abaixa-se e pega o pergaminho que ela o havia mandado, nele a resposta nos espaços entre uma linha e outra, fecha a porta. Há uma fonte de luz no olhar de ambos, unem-se num abraço. As mãos dele deslizam-se, suavemente sobre a pele macia daquela delicada e esplendorosa escultura humana. No universo daquele corpo, a variada intensidade das suas estrelas, liberando energia e reações do seu interior. Há uma passagem de sensações unindo aqueles dois corpos, agora, unidos pelo beijo. A luz vai desenhando na parede o amor, o desejo intenso absorvido por eles. Nada mais pode interromper esse feixe de energia, ficam horas abraçados, nada pode reduzir a luz que penetrou no interior daqueles dois seres e espalhou-se para a superfície da pele e se propaga pelo ar. Tudo parece com uma pura miragem. As mãos de Subastis percorrem, carinhosamente, as linhas, as curvas, entre as partes claras e as sombras nítidas. O calor entre ambos atinge a intensidade máxima do desejo. Seus lábios ficaram unidos durante todo o tempo e como era bom respirar um o ar do outro, as mãos de ambos buscaram o infinito. Por fim uma palavra quebra todo aquele encanto, e é Subastis quem a diz:

– Meus olhos... Não sei mais viver sem você, mas agora - olha - a fixamente e conclui - preciso ir.

Sâmia recusa-se soltá-lo, mas, por fim, deixa-o sair e logo sua imagem se perde na escuridão.

ANTONIA C. VAZ DUARTE

MEU PRIMEIRO DIA NA ACADEMIA

Estava um pouco ansiosa para que o dia 23-02-2008 chegasse.

Era a primeira vez que iria participar de uma reunião na sede da Academia Guarulhense de Letras, na Vila Galvão.

Imaginem, coloquei uma blusa aubergine da moda, para me sentir mais segura, como uma adolescente. Mas quem não regride numa ocasião dessas? Acadêmica iniciante, que ainda não sabe bem o que é ser acadêmica.

Cheguei em cima da hora, a mesa já estava composta. A Dra. Terezinha, numa natural coreografia qual hábil garçoneite, servia a todos com uma elegância de fazer inveja a qualquer ícone da moda. A maturidade a fazia desempenhar primorosamente as várias tarefas da reunião.

Olhei à minha frente a doce Isabel, que me mostrou um CD, recém-lançado. Uma maravilha! Tive certeza da sensibilidade musical e literária da minha colega.

Preciso e diplomático, dirigia os trabalhos o presidente Dr. Bismael. Arrematava os conteúdos, alinhavando as falas, sem perder o foco.

Sentou-se ao meu lado o acadêmico Aguiar. Aproximou-se, invadiu minha zona de conforto e justificou a proximidade, dizendo-me contente que não estava mais só. Agora tinha uma conterrânea!

Percebi que o gentil acadêmico tinha o físico parecido com o do meu pai. Um rosto familiar a dizer-me de onde viemos.

Ouvi atenta a poesia sem nome, do poeta Alfredo, o talentoso Alfredo Ibrahim Khouri.

Alfredo era o nome do meu avô paterno que já fez seu passamento. Ouvi o poema sem nome, com um novo encantamento.

O jovem radialista e acadêmico José Augusto Rodrigues Píneiro leu a ata anterior. Com aquela voz cheia, de saborosa sensualidade, foi tornando a leitura da ata menos burocrática e formal, deixando a tarde mais gostosa.

Identifiquei-me com o jovem senhor Lineu que escreveu ser animado pela justiça e pela poesia. Preciosidades que também motivam a minha vida.

Sílvio Ribeiro, gentil e receptivo acadêmico, disse-me que já havia lido o meu livro, pois seu filho o ganhara de um fornecedor. Ele teve a delicadeza de me apresentar à academia por meio dos livros históricos, que registram vida e obra dos imortais.

O nobre historiador da academia parou com ternura, na página das fotos da minha posse e demais colegas, que assumiram comigo na mesma data: 12-12-2007.

Já prestes a ir embora, uma figura simpática e expansiva, o ilustre engenheiro Sr Plínio Tomaz, falou-me emocionado de Portugal. Das regiões do norte, das terras de meus ancestrais, uma terna demonstração de aceitação e acolhimento.

O novato acadêmico Carlos, cauteloso, recém-chegado como eu, preferiu ouvir mais que falar, demonstrando grande sensatez comentou: “vamos ver como funciona isto”.

Dinheiro é energia, dinheiro honesto então é muita energia! O imortal Clóvis Domingues leva esta tarefa a sério. Tratou de deixar a academia com mais energia financeira, recebendo com sutileza a usual e útil mensalidade.

O centrado acadêmico Estanislau, também noviço e cheio de tarefas, precisou sair mais cedo, privando-nos de sua agradável companhia.

Eu estava tranqüila naquela bela tarde. Pude usufruir as conversas mais íntimas e espontâneas, primordialmente dos afetos calorosos do final do dia.

Saí fortalecida da academia. Tive certeza de estar no lugar ideal, onde poderei abastecer-me de cultura e de relações fraternas, pois todos são amáveis imortais.

Espero aqui poder expressar o melhor do meu ser e ler muitas obras e pessoas.

O VAZ

Convém saber o que se come: se trigo ou centeio.

Saber de onde se veio.

Caminho a gauche, à direita, na contramão,

Ou sigo sem deboche o caminho do meio?

Saber de onde se veio desde então, para saber aonde se vai.

É o Vaz, o nome do pai, que me dá a direção.

Ainda menina ficava orgulhosa, vaidosa mesmo,

Quando a professora me chamava pelo nome inteiro.

O Vaz simples, forte, ecoava sonoro, enchia a sala de aula.

Os alunos me olhavam curiosos.

Eu, muito franzina, miúda, ficava enorme naquele instante.

Lembrava-me do Pero Vaz de Caminha,

Luís Vaz de Camões, e respondia alto e firme: presente!

Logo a euforia passava. Corava sentindo a estranheza da turma.

Recolhia o meu Vaz e me encolhia na carteira, com vergonha de ser tão diferente!

O que me explica?

O mar me explica.

A imigração me explica.

A natureza me explica.

A história me explica.

Eu sou um animal que se explica,

E se implica e se complica ao se explicar e

Explicar o inexplicável.

O que se lê?

Algumas pessoas lêem estrelas.
 Algumas pessoas lêem letras, sem vê-las.
 Algumas pessoas lêem o firmamento.
 Algumas pessoas lêem pensamento.
 Algumas pessoas lêem o vento.
 Algumas pessoas lêem a qualquer momento.
 Algumas pessoas lêem estradas.
 Algumas pessoas lêem músicas.
 Algumas pessoas lêem projetos.
 Algumas pessoas lêem afetos.
 Algumas pessoas lêem o que se fala.
 Algumas pessoas lêem o que se cala.
 Algumas pessoas lêem livros e se livram do tédio.
 Algumas pessoas lêem muito, mas não têm remédio.
 Algumas pessoas lêem suas aldeias e são globais.
 Algumas pessoas lêem fotos, fatos, atos, idéias.
 Algumas pessoas lêem mal suas teias e se emaranham mais.
 Algumas pessoas lêem, aplicam o conhecimento, são sábias.
 Algumas pessoas lêem mal e são fatais.
 Algumas pessoas não precisam ler nada e sabem tudo.
 Algumas pessoas sabem ler o mundo digital, apesar de estranho.
 Algumas pessoas sabem ler o outro, ler a si mesmo, vivem e fazem viver muito melhor.

Na ocasião, ainda não me atrevia sonhar ser colega acadêmica do ilustre escritor. Estava na Câmara Municipal de Campos do Jordão, assistindo à posse do novo acadêmico Dr. Gasparino Romão, quando ocorreu uma cena inusitada que me levou a escrever um poema.

Um ato, um fato: Romão!

Câmara Municipal de Campos do Jordão.
 Tarde solene, posse do literato Gasparino José Romão.
 O Silêncio é eloqüente, exalta a fala.

Entra no salão nobre, cambaleante um bêbado, um ante-poeta:
 Traje surrado, chapéu roto, olhar distante.
 Estranha a massa seleta, eleita, elegante!
 Não sabe porque entrou, mas talvez saiba porque saiu, relutante.
 Sente a estranheza culta, que não se oculta, sente a não identificação.
 Toca-me a cena no mesmo ambiente, no mesmo instante presente.
 Na contramão do ato poético o homem psicótico, bêbado delirante,
 Contrasta na ação, com o homem da emoção, do direito, da razão,
 Romão, Romão, Romão, porém os dois são humanos e são de Campos do Jordão!

05-08-2006

Meu primeiro dia na academia foi realmente emocionante. Sentia-me como uma colegial alegre que tira a nota máxima.

De certo haverá muitos encontros, momentos especiais, tocantes e caros, que justifiquem poesias, poemas, contos e mil contos, que contem a história de cada um e de todos. Assim posto, através da minha memória afetiva e obra, me manifestar e me deixar ficar nas pessoas de quem eu gosto.

As pessoas de quem eu gosto.

De quem eu gosto?
 De quem eu quero gostar?
 Por que eu gosto de quem gosto?
 Quais são as pessoas de quem gosto?
 Elas me merecem? Eu as mereço?
 Do seu apreço, eu sei falar?
 Você quer ser alguém de quem eu gosto?
 E se eu não souber gostar a gosto?
 É um gosto ou desgosto essa mania de gostar?
 Se você não tiver ninguém para gostar, vê se dá um jeito de gostar de mim.

ARISTIDES CASTELO HANSSSEN

A MODERNIDADE AO ALCANCE DOS TROUPAS

Astrovaldo conseguiu uma pechincha: uma bicicleta (que ele chama de bike) Caloi, novinha em folha, reluzente, 21 marchas, com todos os etceteras, por mil reais à vista. Não tinha dinheiro, mas conseguiu emprestado para pagar quando pudesse. Afinal, uma de suas riquezas são os amigos que não fazem discurso de esquerda mas estão sempre dispostos a ajudarem-se mutuamente.

Fez bom negócio? Eu garanto que não. Para comprovar minha opinião, dou um pequeno detalhe que só eu sei, pois o personagem é meu: Astrovaldo é paraplégico.

Entenderam a parábola? É a história da modernidade, que os subdesenvolvidos, os pobres, os ignorantes cultivam com tanto carinho, sem entender que o que é bom para uns, não é bom para outros. Qualquer roupa é ótima, desde que caia bem no corpo de quem a usa. O progresso nos leva à automatização, à substituição de trabalhadores por robôs e outras coisinhas mais.

Isso é ótimo, por exemplo, para o Japão, onde há escassez de mão-de-obra e eles são obrigados a importar trabalhadores de outros países. É péssimo para a China, onde abunda a mão-de-obra barata, que é a verdadeira razão do grande poder econômico do país, embora ele se intitule comunista. É o mesmo caso do Brasil, embora os nossos botocudos, embevecidos com o maquinário da modernidade, teimam em fingir que são do primeiro mundo. O resultado está aí, no crescente aumento do desemprego, na mendicância, no trabalho informal e na bandidagem. Índio não só quer apito, como quer celular, DVD, MP4 e outras modernagens.

A partir de domingo, entra em funcionamento a TV digital,

com imagem mais perfeita e até a promessa de interação, num futuro próximo. Vai ser um barato e nem custará tão caro para a minoria endinheirada. A maioria cada vez mais pobre (apesar da propaganda oficial) terá que optar entre ficar babando, filar o programa dos amigos mais abastados ou sacrificar um pouco o minguaço feijão de cada dia para adentrar na modernidade.

Bem, pelo menos até 2016, as emissoras continuaram transmitindo no sinal analógico. Até lá, gente pobre ainda tem televisão.

MEU "SAITE"

Eu tenho um sítio bem pequenininho
bem esquisito que se chama saite.
Nesse meu sítio novo sem porteira
galo não canta e nem cachorro late,
não tem sequer um pé de bananeira
nem de goiaba, caqui ou abacate.

Não tem corguinho pra pescar traíra,
nem cachoeira para se banhar.
O sol não brilha lá para aquelas bandas
e quando é noite nunca tem luar.
Não tem casinha branca de varanda
pra tocar viola de papo pro ar.

Não tem galinha pra botar o ovo,
não tem chiqueiro pra engordar leitão,
não tem terreiro pra dançar catira,
batendo forte com o pé no chão,
pra botar mastro pra fazer fogueira
pra festejar as noites de São João.

Lá só tem rato que se chama "mause"
e outras pragas que não lembro o nome.
Tem um tal vírus que quando aparece
bem depressa meu trabalho some,
isso pra mim é coisa do capeta
de mula-sem-cabeça ou lobisome.

Eu sinto muito, meus caros amigos
mas eu não posso convidar vocês,
pra visitar a minha propriedade.
Vou explicando logo de uma vez
sou brasileiro muito patriota,
mas lá só entra quem souber inglês.

ROMUALDO E JULIANA

– "Todo mundo homenageia Juliana na janela..." Pô, tenho que parar de cantar essa isso... Mas onde está essa porcaria? Ela tá sempre comigo, nunca largo e agora? Ontém cheguei em casa meio de fogo, meio cansado. Na hora de tirar a camisa deve ter caído por aí. Manhê, você viu os papéis que tavam no meu bolso ontem. Não viu, porcaria... Juliana... Ah não, agora ela é Joly, J-o-l-y... Essa porcaria desse y... E é paroxítone, Joly. Com acento no ó, só que não escreve esse acento... Eu tinha uma cachorra chamada Joli, e era oxítone... Romy e Joly, que frescura... Mas onde fui botar essa papelada... A foto dela, o telefone, meu RG, o diabo... Ah, Juliana, tudo poderia ter sido diferente, você não acha? Mas você virou Joly... O culpado de tudo foi o Roberto Carlos... Mas onde diabo eu pus essa porcaria? Vai ver minha mãe viu essa papelada toda jogada e resolveu arrumar encafuada num cantinho que nem ela sabe mais... Mania de mulher... Tava no meu bolso ontem à noite... "Você precisa estudar, Romy. Você é tão inteligente"... Ela faz

faculdade e eu parei no primário... Vai ver que ela tem vergonha de andar comigo... Ela secretária executiva; eu, ajudante geral... Fiz um samba pra ela. Ela disse que gostou... Eu sou metido a poeta... Tinha um jeitinho de samba bossa... "Fiz um verso de amor, todo cheio de prosa"....

O dia difícil de passar. Romualdo não podia se concentrar no trabalho nem deixar de pensar em Juliana. Os papéis perdidos eram como um amuleto que se carrega junto aos documentos.

O amor de Romualdo e Juliana era bonito, mas não podia dar certo. Que nem a história de Romeu e Julieta. Eram de tribos diferentes. Ela, granfininha; ele, caipira. Ele participando de passeatas contra a ditadura militar. Ela só se preocupava com bailinhos, com luz estroboscópica, com as roupas da moda. Ele nacionalista, de caipira, de Nelson Gonçalves, de Chico Buarque. Ela de Elvis Presley e yê yê yê.

Mesmo assim, ele insistia. "Não quero mais esse negócio de você longe de mim". E ela: "sou a garota papo firme que o Roberto falou". Era isso que estragava tudo, Roberto pra cá, Roberto pra lá. Como se o Roberto Carlos fosse colequinha dela, um rival seu. Aí ela deu de querer ser cantora jovem e adotou o nome de Joly, e o batizou de Romy...

– Recapitulemos. Eu saí da churrascaria por volta das 11h30 da noite, tomei o lotação, que realmente estava lotado, fui em pé. O cobrador pediu moedas para facilitar o troco, elas estavam no bolsinho da camisa. Lembro-me de ter tirado toda a papelada para tirar as malditas moedas, depois... Estava muito apertado, com certeza não consegui enfiar tudo no bolsinho de novo. É perdi na lotação... Paciência... O RG eu tiro uma segunda via, amanhã eu vou na delegacia fazer um BO, o resto era papelada sem importância... A letra do sambinha, que bobagem, a foto dela eu já deveria ter rasgado há muito tempo... Juliana Spacca, você saiu definitivamente da minha vida, não quero mais esse negócio de viver sofrendo assim.

CANTO ESCURO.

Já disse um grande poeta
"faz escuro mas eu canto".
Porém hoje minha meta
é encontrar em algum canto
nalguma ilha deserta
ou na calda de um cometa
algo que quebre o encanto.

Cobre meus olhos um manto
porém minha alma não
estou cego, mas no entanto
me livro da escuridão
me liberto do meu canto
e viajo tanto, tanto
que me perco na amplidão

Às vezes na solidão
o tédio vem e aparece
eu choro na escuridão
blasfemo em forma de prece
mas o tempo passa então
e aos poucos meu coração
das amarguras se esquece.

E depois quando anoitece
eu me deito em minha cama
o sono não aparece
mas a alma não reclama
com o sonho a gente cresce
e tudo, tudo acontece
poesia, comédia e drama.

O coração de quem ama
nunca tem medo do escuro
pois pedra, cascalho, lama
obstáculos e muros
armadilhas, teias, tramas
nada apaga a eterna chama
do devaneio mais puro.

Encontro um porto seguro
redescubro meu país
com minhas mãos eu seguro
a minha própria raiz
a minha cegueira aturo
dos desalentos me curo
e consigo ser feliz.

COMO NOSSOS EDIS GASTAM SEU LATIM

A Câmara Municipal aprovou nesses últimos dias dois projetos de lei visando alterar o brasão do município que foi criado em 1932 pelo Major Ariovaldo Panades, interventor federal em Guarulhos, imposto pela ditadura de Vargas. Nessa época a Câmara Municipal estava fechada e o projeto só foi sancionado em 07 de setembro de 1971. Em 96 sofreu algumas alterações, propostas pelo Bacharel Sílvio Orique Fragoso, diretor de cultura do município.

A primeira emenda é do presidente da Casa, Paulo Carvalho, do PR, e propõe a inclusão de mais duas figuras no brasão, que já tem um índio e um português, primeiros habitantes do aldeamento de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos. Quer que seja incluído um negro e uma mulher. O segundo é de Adilson Valente, do PC do B e quer que o dístico em latim "Vere Pavlistarvm Sangvi Mevs" (em latim o v substitui o u), que significa "Meu Sangue é

Verdadeiramente de Paulista", seja traduzido para o português. Essa proposta foi rebatida pela Academia Guarulhense de Letras, fórum indicado para essas questões. Os acadêmicos Darci Pannochia, Plínio Tomaz e Ari Badini já se manifestaram e esperam que o prefeito Elói Pieta, professor de História, veto o projeto. O vereador entende que Pavlistarvm significa paulistano, mas Badini lembra que na época da fundação de Guarulhos não existia o Estado de São Paulo. Paulistas é o nome que se dava aos bandeirantes que moravam em São Paulo de Piratininga, que não era capital de coisa alguma, e não existia a palavra paulistano.

O primeiro projeto passou sem maior celeuma, mas eu que não entendo de latim e nem de heráldica acho esquisito, não menosprezando os negros nem as mulheres. Mas será que cabe tanta gente no brasão?

O mais fácil seria colocar-se uma mulher negra, representando a etnia e o sexo esquecido. Se colocarem uma mulher branca terão que colocar também uma mulher negra e uma índia e talvez casais de japoneses, árabes e de outros povos que formam o nossa raça. Mas afinal isso é um brasão ou um lotação.

BISMAEL B. MORAES (*)

DA RETÓRICA ANTIVIOLÊNCIA

A indústria da violência, silenciosa ou explosiva, está à nossa volta, nos campos, nas cidades, na indústria, no comércio, nas escolas, nas igrejas, manipulada por interesses econômicos e políticos, disseminada pelos órgãos de comunicação, sob argumentação de que “é informação”, e assimilada pela massa anestesiada, que se arma para matar, com a “justificativa” de que o faz para se defender! E, com esse deplorável sonífero anti-social, ninguém acorda para a prevenção criminal, nem mesmo os assim chamados “órgãos de segurança” federais, estaduais e municipais!.

Se a paz e a vida não merecem constante atenção das pessoas e do Estado, a não ser quando a violência e a morte já se instalaram, então o ser humano não passa de uma besta irracional e insensível, que recebe justamente o que lhe cabe, no seio da sociedade a que pertence e, por isso, não pode reclamar do mal que o envolve. E isso vale para todos: governantes e governados, letrados ou analfabetos, doutos ou toupeiras, ricos ou pobres, de qualquer raça, sexo, cor ou religião. Porque, em regra, o ser humano, de senso moral ainda parco, em regra, visa sempre ao cargo e não ao encargo correspondente. Por exemplo, o Estado “esquece” de conscientizar em todos a cultura da prevenção possível e econômica, preferindo institucionalizar na sociedade a repressão rentável, embora cara e funesta.

(*) Bismael B. Moraes, advogado, Mestre em Direito Processual pela USP, ex-Presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, é autor, dentre outros, do livro “Prevenção Criminal ou Conivência com o Crime – Uma Análise Brasileira” (Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 2005)

O que fazer? Como a vida é o bem mais precioso, e no intuito de evitar lágrimas e prejuízos morais e materiais já sem retorno, qualquer pessoa que se diga responsável e consciente deve defender a institucionalização dos meios preventivos contra a violência e o crime, envolvendo a família, a escola, a empresa, e todos os órgãos do Estado – do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, incentivando-se as políticas de prevenção sem armas, com esclarecimento e ofertas de prêmios, mostrando os benefícios de se evitar o mal antes que ele se instale, e perseverar no bem até as suas últimas conseqüências, mostrando, com exemplos e atitudes, se, de fato, podemos aspirar à paz!

Não é estranho que os crimes, em regra, só ocorram onde não há policiamento preventivo ininterrupto? Todos falam do medo contra a violência e o crime, mas não existe nenhuma política efetiva de prevenção criminal no Brasil. Com alvíssaras às avessas, cuida-se apenas do fato consumado, no rastro das manchetes da imprensa e das imagens da televisão!

Diante da máxima popular de que “um exemplo vale mais do que mil palavras”, e tendo em vista que, no mundo inteiro, todos os povos, com ou sem religião, dizem preferir a paz e a segurança, não seria um bom momento de instigar o discurso ético de muitos brasileiros pela justiça e sua retórica antiviolência? Para que serve a ética?

DIA INTERNACIONAL DA MULHER: DUAS PERGUNTAS

Comemora-se, sempre em 8 de março, o “Dia Internacional da Mulher”, com discursos laudatórios dos homens, os mesmos que governam, criam as leis, as interpretam e as aplicam. Bom momento para perguntar: Por que a Constituição do Brasil, de 1988, no artigo 3º, inciso IV, oponha-se ao preconceito de raça, sexo, cor, idade etc,

e, no art.5º, I, estabeleça que “*homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações*”, mas a Lei Federal nº 7.716, de 05/01/1989, aprovada pelo Congresso e sancionada pelo então presidente da República José Sarney, apenas trate dos “*crimes resultantes de preconceito de raça e cor*”, mas silencie quanto ao *sexo*? Agora, outra pergunta oportuna aos “machistas”: Existe no mundo algum rei, presidente, ministro, general, chefe religioso, parlamentar, letrado ou analfabeto, em qualquer atividade terrena, que não tenha nascido do ventre da mãe e que não necessitou do seio, dos braços, dos cuidados, das lições e do amor dessa *mulher*, que nos momentos de penúria ou de fartura, de tristeza ou de alegria, sempre foi e será, sem jactância, um ser humano criado por Deus para guiar o *homem*, esse animal racional, vaidoso e carente?

PASSAGEM PELA ACADEMIA DE LETRAS DAS ARCADAS

Há quem se ache realizado com uma viagem ao redor do mundo, ou de ter uma visão local das pirâmides egípcias, ou em fotografar as muralhas da China, ou por uma visita ao Louvre, em Paris, ou um passeio à Disneylândia. De minha parte, com um pernambucano que veio de ônibus até as paragens bandeirantes, nos anos 50 do Século 20, bastam-me a lembrança de haver pertencido à Guarda Civil de São Paulo (extinta, com 16 congêneres brasileiras, pela ditadura – pelo Decreto-Lei 1072, de 30-12-1969, firmado pelo General-Presidente Garrastazu Médici e pelo seu Ministro da Justiça, Professor Alfredo Buzaid, ante o silêncio dos governadores de bolso-de-colete, em prejuízo da coletividade -, porque os guardas não eram militares e votavam) e a honra de ser ex-aluno, embora de mentalidade mediana, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, templo do saber jurídico.

Além das sábias lições de mestres como Goffredo Telles Júnior,

Alexandre Augusto Correia, Manoel Gonçalves Ferreira Filho, Washington de Barros Monteiro, Ataliba Nogueira, Dalmo de Abreu Dallari, Geraldo Vidigal, Basileu Garcia, João Berbardino Gonzaga, Esther de Figueiredo Ferraz, J.B. Costa Júnior. Odon Ramos Maranhão, Canuto Mendes de Almeida, Rogério Lauria Ticci, José Cretella Jr, Antonio Cesarino Junior, Nadir Gonçalves, Vicente Marota Rangel e outras figuras exponenciais, registro a minha inesquecível passagem pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, formada por acadêmicos do 1º ao 5º anos do Curso de Bacharelado que tivessem pendores literários e fossem aprovados em concurso de ingresso.

A Academia de Letras, por onde já haviam passado, quando alunos, personalidades como Paulo Bomfim, o poeta, Lygia Fagundes Telles, a escritora, Gama e Silva, o jurista, Jânio Quadros, o político, e outros, realizava concurso, sempre que o membro efetivo terminasse o 5º ano de Direito. Nela ingressei, em 24 de novembro de 1971, quando o seu presidente era o acadêmico Masato Ninomyia (depois, grande advogado, que, já em 1976, fazia doutoramento no Japão e serviu de intérprete junto ao governo japonês para a comitiva do então Presidente Ernesto Geisel, do Brasil, em visita àquele país). Lembro-me, ainda, de que, em 1972, o presidente da Academia de Letras já era Arnaldo Malheiros Filho, hoje famoso advogado criminalista. E foi sob sua presidência que, depois de 16 anos, editou-se, sob o patrocínio do C.A. XI de Agosto, a Revista Arcádia, números 1 e 2. (Aliás, na Revista Arcádia nº 2, a pedido do acadêmico Luiz Antonio Garrido de Paula ao ex-acadêmico Jânio Quadros, publicou-se uma poesia – “Luar Londrino”, de autoria do ex-presidente da República JQ.

Assumi a presidência da Academia de Letras, em fins do ano 1972, das mãos do acadêmico Arnaldo Malheiros Filho, e, no ano de 1973, publicamos, ainda com a colaboração do C.A. XI de Agosto, os números 3 e 4 da Revista Arcádia. (Aliás, como registrou o acadêmico José Manoel de Aguiar Barros, diretor da Revista nessa nova fase, “a nossa Academia de Letras, palco de grandes polêmicas, exerceu uma profunda influência na formação de um juízo crítico,

voltado para a defesa de nossas artes, de nossa história, e do nosso povo; entretanto, como toda cultura nacional, sofreu um processo de cerceamento em suas atividades, chegando até mesmo ao ponto de encerrar por completo todo e qualquer tipo de trabalho”).

Devemos registrar que, em 1973, sob a nossa presidência, a Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo tinha o seu Conselho de Membros Efetivos composto pelos seguintes acadêmicos: Bismael Batista de Moraes (presidente); Rubens Tedeschi Rodrigues (vice-presidente); Nancy Sgursky Lodeiro (secretária); José Manoel de Aguiar Barros (tesoureiro, missão de que não gostava), bem como dos demais colegas Antônio Augusto Machado de Campos, Antonio de Souza Prudente, Bolívio Di Palma, Eugênia de Jesus Zerbini, Luiz Antonio Garrido de Paula, Luiz Fernando de Palma, Newton Ferrante Ferreira, Oscar Mellim Filho, Ruy Sérgio Rebello Pinho, Samuel Penido e Sandoval Martins Guimarães.

Lembramo-nos, ainda, de que, por ocasião das eleições do C.A. XI de Agosto, o presidente e a secretária da Academia de Letras eram, nessa época, os mediadores dos debates entre os candidatos, conforme publicações de todos os jornais (Folha, Diário Popular, O Estadão, Diário de S.Paulo – dos Diários Associados). E registre-se, por fim, que, ainda sob os auspícios do XI de Agosto, e com a colaboração dos membros da Academia de Letras e ex-alunos do Largo de São Francisco, como Lygia Fagundes Telles, Dalmo de Abreu Dallari e outros, foram editados alguns números da Revista Premissa Cultural, sob a direção do acadêmico Rubens Tedeschi Rodrigues e com a arte-capa de Fábio Bologna, aluno de Direito. “São tantas recordações...”.

SEGURANÇA PÚBLICA, A POLÍCIA E A UNIVERSIDADE

Se todos concordam que o conhecimento científico requer pesquisa e experimentação, e se, dentre os grandes problemas brasileiros com que a sociedade se defronta, como demonstram as pesquisas, destaca-se a preocupação com a violência e a criminalidade, por que não somente os círculos básicos escolares e – pasmem! – as próprias universidades (públicas e privadas) ainda não incluíram em suas grades o estudo curricular sobre segurança e polícia? Que bacharel e até pós-graduado sai dos bancos universitários conhecendo, de fato, essa matéria? Afinal, quanto vale a vida, a honra e o patrimônio dos indivíduos? Vamos falar a verdade?

Tivemos a oportunidade de escrever que, “originária do Direito, nascida da sociedade e destinada à segurança de todos, a organização policial não pode continuar desconhecida pela própria universidade, nem aceitar a desonrosa posição de *‘longa manus’* dos que se acham donos do Estado, falhando por ação ou omissão e mostrando sua força, mais amiúde e infelizmente, apenas contra os mais fracos. Já é hora de tomar consciência de seu papel – defensora da coletividade e espelho da cidadania –, para não ser objeto de chacotas e críticas; muitas das quais, procedentes”.

Destarte, há muitos anos, nos temos debruçado sobre os assuntos de segurança pública e, nesse campo, indagado acerca das atividades policiais no Brasil e no mundo. Estranhamos sempre o distanciamento da própria universidade, “formadora de cabeças”, por não inserir em seus programas de estudo uma pesquisa séria e contínua sobre esse grande bem social chamado Polícia, existente em todas as sociedades terrenas. Criticávamos essa visão estrábica de serem tratados os atos policiais, em regra, sob o ângulo fantasioso ou patológico. Entretanto, de algum tempo a esta parte, verificamos que alguns estudiosos começam a analisar esse problema, que não deve ser tratado apenas como uma questão “polícia e bandido”, muito em voga na imprensa, mas como uma atividade imprescindível afeta ao Estado.

Como o “*uso do cachimbo deixa a boca torta*”, a imensa maioria dos vícios policiais nasce do descaso político e da conivência com os costumes arraigados, pela falta de interesse no estudo sobre o verdadeiro – e não romanesco ou fantasioso – papel da Polícia na sociedade. Há, de fato, lapsos clamorosos praticados por governantes vaidosos ou abusados, que mais desejam uma organização policial a seu serviço ou ao de sua agremiação partidária. O grande questionamento que todo governante sério deveria fazer a si mesmo é o seguinte: – a Polícia, como órgão público que é, existe para a proteção do Estado, para a garantia dela própria, corporativamente, ou para a proteção dos indivíduos na sociedade?

A propósito, por vaidade e interesses escusos, falta de estudo e de ponderação ante as reais necessidades coletivas de segurança, tudo somado aos anestésicos dos meios de comunicação (que, em regra, visam ao lucro), tornou-se *moda* a criação de “tropas de elite”, “grupos de operações especiais”, “forças-tarefa”, “grupos de operações estratégicas”, “tropas de choque”, “núcleos de inteligência policial” e tantas outras fantasias cinematográficas, que rendem manchetes à imprensa, ascensão a cargos eletivos e promoções aos “experts”, em desrespeito aos demais policiais da mesma instituição, e que não se traduzem em segurança social ou na diminuição da violência e do crime.

Se a coletividade se acha amedrontada e pedindo segurança, se 95% dos presos encarcerados são pobres e não podem, sequer, pagar um advogado para lhes analisar a situação jurídica, pergunta-se: quem, de fato, está lucrando com a violência e o crime no Brasil?

Se houvesse, de fato, estudo sério e conscientização desse nobre tema, não ouviríamos absurdos provindos de “pessoas entendidas” a proporem modelos alienígenas de policiamento nas grandes cidades brasileiras, imitando a idéia do prefeito de Nova Iorque, Rudolph Giuliani, que implantou o sistema de “*Tolerância Zero*”, sob a chefia de William Bratton. Como tudo que vem dos Estados Unidos tem maciça divulgação da mídia, houve um fato que, pelo desconhecimento de muitos, não foi levado em conta. É que, na América do Norte, a legislação penal e processual penal é

estadualizada; cada um dos 50 Estados norte-americanos tem seu Código Penal e seu Código de Processo Penal. Por isso, há 37 Estados com pena de morte, enquanto os outros 13 não a permitem. E as leis penais e processuais penais no Brasil, entretanto, são nacionais, tanto valem no Rio Grande do Sul quanto no Amapá; tanto em Mato Grosso quanto no Piauí; tanto em São Paulo quanto em Tocantins! Além do mais, a Polícia de rua, nas cidades norte-americanas, subordina-se ao prefeito (como a de Nova Iorque), mas, em terras brasileiras, o prefeito, por força constitucional, não pode sequer dar ordem a um soldado, em benefício dos munícipes!

O professor Fábio Konder Comparato, no livro “O Papel da Polícia no Regime Democrático” (Edição Mageart, SP, 1996, p.106), instiga-nos à análise de um vergonhoso traço cultural de muitos candidatos a cargos públicos: *“A Judicatura e a Polícia seriam uma maneira rápida de superar a barreira social. (...Minha família é pobre e até sou de um grupo social desprezado, mas, se eu conseguir fazer essa carreira, vou ter alguma coisa que os outros terão que respeitar. Eu tenho o direito de prender, tenho o direito legal de ameaçar...Eu vou impor respeito!”*. Acertou na mosca o caro mestre. Embora nem todos ajam assim, esse despreparo ético apontado decorre, muitas vezes, da convivência de autoridades pública viciadas.

Do exposto, podemos desconfiar de que o atraso tecnológico da organização policial e o descaso aos seus integrantes parecem convenientes a certos governantes, porque, assim, eles poderão manipular com maior facilidade os seus agentes da segurança pública, visando ao interesse político de suas agremiações. Mas, com a pesquisa e a discussão, pode-se “separar o joio do trigo”, e todos descobrirão que os modelos e manuais estrangeiros, decorrentes de costumes e leis específicas de cada povo, não se aplicam a este país-continente chamado Brasil, que possui características próprias.

Quando a universidade e suas cabeças pensantes puserem efetivamente por terra o preconceito (que ainda existe) e passarem a instigar todos a uma análise séria da Polícia à luz da ciência (que não mente), toda a sociedade será beneficiada com a segurança que atenda aos seus anseios.

CLARIMUNDO AGUIAR OLIVEIRA

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO

Conde de Oeiras
Marquês de Pombal

O MARQUÊS E SUA ÉPOCA

1699 – Ano do nascimento do Marquês (13/05/1699). Ano em que Portugal, pela primeira vez, recebe uma partida de ouro (500 quilos) referente ao imposto de um quinto da produção de ouro do Brasil. Levando em conta que até 1640 Portugal estivera sob o domínio dos reis espanhóis, e todas as remessas anteriores, haviam sido sonegadas ou desviadas para o tesouro dos Felipes, é, portanto, a primeira vez que sua majestade D. João V, o rei de Portugal, recebe tal imposto.

Está no auge do mercantilismo, como também do absolutismo dos reis, e as duas maiores nações da época, a Espanha e a França, florescem sob o poder dos Felipes e dos Delfins. Grandes e majestosos monumentos foram construídos com dinheiro obtido de confiscos, de impostos, de conquistas, como da pirataria, e, sobre tudo, da miséria imposta sobre as populações trabalhadoras.

Coincidentemente, nessa mesma época, surgem os filósofos do iluminismo, que combatem violentamente, através de suas obras, o poder absoluto dos reis. São tantos, e suas obras tão contundentes, que acabam por modificar o pensamento de toda uma época, forjando revoluções e modificando governos. Em 1637, René Descartes escreve o Discurso do Método, pondo em dúvida a infalibilidade da Igreja, e defendendo o livre pensamento e o método

científico. Em 1650, na Inglaterra, Hobbes escreve o “Leviatã” (ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil) criticando duramente os governos absolutistas e o divino poder dos reis. 1670, José Espinosa, filho de judeus portugueses que fugiram de Lisboa por causa da Inquisição, escreve o “Tratado Teológico Político” e em 1675 edita a sua obra-prima a “Ética”, pondo em dúvida o poder da religião sobre os governos constituídos. Em 1690, John Locke edita “Dois tratados sobre o Governo Civil” e “O Ensaio sobre o Entendimento Humano” todos versando sobre o livre pensamento. Entre 1710 e 1778, Voltaire publica diversas obras criticando o poder absoluto dos reis e a influência nefasta da igreja no absolutismo real. Em 1754, Rousseau publica os “Discursos sobre a Origem das Desigualdades e sobre a Economia Política” e, em 1757 escreve o “Contrato Social”, pelo qual é preso e condenado à Bastilha, foge e refugia-se na Inglaterra. Em 1748, Montesquieu publica “O Espírito das Leis”. Lá por volta de 1750, Adam Smith escreve a obra “A Riqueza das Nações” e dá início à ciência econômica, dando os primeiros passos para o “Liberalismo Econômico” criticando o poder do estado empresarial e mercantilista.

Nessa mesma época, na Inglaterra, onde o poder dos reis havia sido refreado através da “Magna Carta” e a liberdade de pensamento era expressa, ressurgia a Maçonaria, calcada nos princípios, apre-goados pelos filósofos do iluminismo, de liberdade, igualdade e fraternidade.

Como podem ver, foi uma época maravilhosa, onde pela primeira vez, em muitos anos, o homem teve coragem de enfrentar os seus algozes e expor as suas convicções, ao ponto de modificar toda uma estrutura política, viciada e corrupta, corrompida pelo poder da Igreja, que apoiava e protegia o “Direito Divino” dos reis.

Portanto, vive o Marquês essas duas grandes vertentes do poder e do pensamento humano. De um lado o poder da igreja e dos nobres, usufruindo da escravidão das populações trabalhadoras e do outro, todo esse maravilhoso fervilhar de ideais e pensamentos que corriam o mundo de então.

POMBAL, O ESTADISTA

Em 1739, foi designado embaixador em Londres, onde deverá ter estado em contato com a crescente Maçonaria e os ideais por ela propagados. Logo em seguida, foi transferido para Viena, em 1745, onde a Maçonaria era poderosa e por lá ficou durante cerca de quatro anos.

Em 1749, no reinado de D. José I, é nomeado secretário dos negócios estrangeiros e da guerra, cargo que não só irá exercer, como acumulará outros mais, durante os 27 anos do seu governo.

Logo, desde o início do seu governo, o Marquês vê todo o atraso econômico social da sua terra e passa a exercer uma política voltada para a burguesia trabalhadora e produtiva, dando prioridade ao comércio e à indústria, com atenção especial para o Brasil e Macau. A teoria de Adam Smith, não só é aceita como implantada e o estado mercantilista passa a sofrer as pressões da crescente burguesia. Lógico, as duas forças decadentes, a nobreza e a igreja, vêm nesse homem um poderoso inimigo, que logo o querem destruir. Salva-o a fidelidade ao seu Rei D. José I e o amor ao seu país, fidelidade comprovada quando do incidente que D. José sofrera, em virtude de um atentado promovido contra a sua vida, através de uma das famílias mais poderosas de Portugal, os Duques de Tavora.

Este incidente está ligado, não só ao poder do Ministro do Rei, como também à fama de galanteador do monarca. Falava-se que o Rei estava de galanteios com uma das condessas de Tavora, nora do poderoso Duque de Tavora. Entretanto, as políticas adotadas pelo ministro, que há muito vinham enfraquecendo o poder da nobreza, devem ter sido os reais motivos para esse incidente, no qual D. José I foi ferido com um tiro no ombro. Providência imediata do ministro, fez recolher o rei ferido aos seus aposentos e, de imediato, fez parecer à nação que o estado do rei era uma simples constipação. Depois, numa ação coordenada e precisa, prendeu todos os Tavora até a segunda geração, recolhendo-os à famosa prisão do Limoeiro, a terceira e a quarta geração são banidas e

obrigadas a mudar de nome. Os principais implicados são enforcados e depois queimados em praça pública, enquanto os outros vão para a prisão só saindo após a morte de D. José I.

O MARQUÊS E A INQUISIÇÃO

O Marquês de Pombal, para conseguir os seus intentos de modernizar o país, tinha de interferir no centro do poder religioso, modificando o ensino superior e, para isso, mudar o método de ensino adotado nas faculdades de Coimbra e de Lisboa, estas, desde 1530 sobre a jurisdição do poder da Igreja e sobretudo dos jesuítas. Não era tarefa fácil subtrair da Inquisição o direito de forjar o pensamento das pessoas, dentro dos interesses da própria Igreja. Para isso, tinha de retirar da faculdade o seu corpo docente, formado por jesuítas e dominicanos, e transformar uma instituição teológica numa faculdade leiga e humanista.

Acontece que nessa mesma época, em 1755, um terremoto de grandes proporções vem destruir toda a cidade baixa, deixando Lisboa mais de dois terços arrasada. Aproveitando esse incidente e tentando reverter a simpatia e a confiança que o povaréu tinha no seu Marquês, a Companhia de Jesus adota o ataque direto, promovendo os padres jesuítas, sobre a inspiração do padre Malagrida, uma campanha de difamação e passam a atacar diretamente Pombal, acusando-o de ser o responsável pelo terremoto, como castigo de Deus, por Portugal ser governado por um ateu.

Destemido e de imediato, mostrando a sua força, que se antepunha ao poder secular da inquisição, fez prender Malagrida e instruir um processo junto a Roma, contra o padre e contra a Companhia de Jesus. Antes, porém, em 1759 decreta a expulsão dos jesuítas em todo o território nacional, indo de encontro ao poder teológico, abolindo a Inquisição e implantando o livre pensamento dentro das instituições de ensino.

Pela primeira vez, em muitos séculos, a igreja de Roma sofria tão rude golpe em suas estruturas. A sua mais poderosa instituição, o Santo Ofício, fora gravemente atingido, e, nunca mais voltaria

a ser o mesmo. Nunca antes, imperador ou rei, tivera coragem e força para se opor ao Santo Ofício, como o fez um simples primeiro ministro, que obrigou mais tarde o Papa Clemente XIV a extinguir a Companhia de Jesus.

O DÉSPOTA ESCLARECIDO

Durante todo o tempo, do governo de Pombal teve como objetivo o povo e para o povo foi pai e senhor, entretanto, para as classes dominantes, foi um carrasco impiedoso.

Com a reestruturação do comércio e da indústria, com a implantação de cursos superiores que atendiam aos interesses do país e não da nobreza, com a liberdade de pensamento e de culto, desde que não interferisse no seu próprio poder, Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, criou em Portugal um Estado Moderno, comparado nessa época ao Estado Inglês e ao Austríaco, como, também, a diversos estados da comunidade Germânica.

Sua obra ficou representada, na reconstrução de Lisboa, na transformação de uma cidade medieval, tacanha e atarracada numa metrópole moderna, com largas avenidas e extensos jardins e enormes praças, que ainda hoje podem ser apreciadas na Lisboa pombalina.

O ARQUITETO DA MODERNIDADE

O terremoto de 1755, apesar de ter sido uma tragédia de grandes proporções, na qual perderam a vida milhares de pessoas e mais de dois terços da cidade foram totalmente arrasados, tornou-se um marco do governo do Marquês. As colinas derrocadas e os entulhos da destruição, foram usados para aumentar a própria cidade, cercada por um conjunto de sete altas colinas, que a dividem em cidade alta e cidade baixa. Toda a zona da ribeira velha, deu lugar a um gigantesco aterro que roubou do Rio Tejo toda a margem e deu lugar ao Terreiro do Paço, à Rua do Ouro, à Rua da Prata,

à Praça do Rossio, à Rua do Comércio, ao Boulevard do Rossio, como também, às modernas construções que passaram a abrigar o funcionalismo público, as alfândegas, o tesouro, os tribunais, e as câmaras de representantes.

Nessa nova cidade havia lugar para o comércio, dividido por áreas econômicas, assim: na Rua do Ouro ficavam os comerciantes de ouro, na da Prata os mercadores de prata, na Rua do Comércio, os comerciantes em geral. Um arco gigantesco divide o centro administrativo do terreiro do Paço, da zona comercial, tal e qual, uma simbólica porta que separa o poder administrativo e fiscalizador do estado, do poder econômico, operativo e independente, gerador e distribuidor de riquezas. O Arco da Rua Augusta dá início ao mundo financeiro, representado pelos comerciantes, banqueiros e financistas; está lá, simbolizando a divisão proposta na Teoria do Liberalismo Econômico, de Adam Smith, que propõe a total divisão entre o Estado e o poder econômico.

O HOMEM ACIMA DE SUA PRÓPRIA ÉPOCA

Era o Império Português vasto e rico, e a metrópole não possuía condições necessárias para a sua administração. As distâncias eram muitas e de enormes dificuldades de acesso, a população ativa não dava conta de todo o processo de colonização, faltavam braços que pudessem ativar todo o desenvolvimento do ultramar. Urgia transformar esse império numa comunidade de nações da língua portuguesa, com essa finalidade promoveu, principalmente no Brasil e em Macau, algum surto de desenvolvimento econômico, todavia, sua vida apesar dos oitenta anos, foi curta demais para ver o seu sonho realizado. Seu trabalho estava voltado para o futuro e precisava que tivesse continuidade após a sua morte, todavia, os interesses das classes privilegiadas estavam acima do bom senso e da própria nação e todo esse maravilhoso trabalho foi desvirtuado e esquecido.

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, O INJUSTIÇADO

Com o falecimento de El Rei D. José I, em 1777, cessa para o Marquês de Pombal a força que o protegia e que garantia toda a sua vontade inovadora. Sua filha D. Maria I, criada e educada nos moldes do mais ferrenho cristianismo, sobe ao poder e de imediato destitui o velho estadista do seu cargo, abrindo as portas ao poder da nobreza, que Pombal tanto perseguira.

Com todos os seus inimigos à solta e de volta ao poder, com a Igreja e a Inquisição novamente impondo sobre o Estado e sobre o povo o seu poder de coação, sofre Portugal um novo ataque de estupidez e intolerância. Entretanto, ficara plantada uma pequena semente da liberdade e da igualdade e nunca mais voltaria ao estado anterior.

Seus inimigos promoveram todo um processo de descrédito, acusando-o de desonestidade, de ateísmo, de desumanidade, entretanto, o povo, para quem o estadista sempre trabalhara, continuava a ver no velho ministro o homem que lhes dera condições de igualdade e liberdade. Durante quatro anos prolonga-se um julgamento que visava inclusive a pena capital do Marquês, contudo não haviam provas suficientes para a sua condenação, a não ser o ódio que provocara nas classes mais privilegiadas. O tribunal apela para o julgamento da Rainha e esta, em reconhecimento à fidelidade do Marquês para com seu pai, D. José, condena-o ao desterro em sua própria terra, condenando-o a permanecer em Pombal, donde nunca mais poderia sair.

Faz parte de muitas das lendas sobre o grande homem, que um dia, quando a saudade de Lisboa fora mais forte que a lei imposta, o velho estadista, a bordo de uma grande carroça, foi até à cidade de criara, para dar uma última vista de olhos sobre o seu trabalho. Foi de imediato barrado pela polícia, que o interpelou, pois estava terminantemente proibido de sair de Pombal. A resposta em sua defesa foi e rápida e inteligente: Senhor oficial, eu estou

sobre terras de Pombal, sob seus pés, no chão da carroça, estava forrado de terra, de terra de Pombal.

Falece em oito de maio de 1782, com oitenta e três anos o homem que em apenas 27 anos de governo, transformou Portugal, de um estado atrasado e medieval, corrompido pelo poder da nobreza e da igreja, num estado moderno e desenvolvido, adiantando em mais de cem anos o atraso social e intelectual do seu país.

A MULHER NA HISTÓRIA E NA SOCIEDADE

A maior obra do Grande Arquiteto quando construiu o Universo, foi a criação das fêmeas, isto não importando a espécie, pois, em todas foi perfeito, sempre levando em conta que nelas estava a continuação da Sua Magistral Obra. Dotou-as de instintos especiais que garantissem, em amor e carinhos, a perpetuação das suas espécies, através dos cuidados com que todas protegem a sua prole, que seria fatalmente destruída se não houvesse essa magistral e divina proteção.

Mas não estamos aqui para falar de todas as fêmeas, mas de uma em especial, daquela que preenche o nosso espaço, que se dedica ao nosso dia-a-dia, que nos glorifica e acima de tudo, dá-nos a segurança de continuarmos a luta, pois sabemos que ao fim de cada lide, sempre podemos voltar ao lugar seguro e desfrutar do descanso do guerreiro.

Durante o lento caminhar de nossa civilização teve a mulher diversos papéis no contexto de cada época e mesmo, de cada grupo cultural, foi deusa, escrava, dominadora e também dominada. Foi a musa dos poetas, a causadora de guerras e a apaziguadora de lutas terríveis, contudo, em todos os casos sempre foi, não importando a época ou a sua condição social, a mãe protetora e carinhosa que sempre pôs em cheque a própria segurança para a defesa de seus filhos. O que por vezes nos deixam, a nós amantes, um tanto enciumados, mas que fazer, é por nossos filhos e portanto, também por nós.

Durante o período da baixa idade média, na época em que os homens partiam para as intermináveis guerras, ficavam as mulheres das classes privilegiadas prisioneiras nos seus próprios castelos ou de suas próprias casas, longe dos olhares curiosos e das terríveis tentações que poderiam assolar os corações das donzelas e matronas. Cedo casavam e cedo ficavam viúvas e, voltavam a casar com outro velho cavaleiro por interesses de herança, de alianças militares, e, de outra ou qualquer vontade que não era propriamente a sua. Eram moeda de penhor, selos de alianças e valor de barganha e, em tempo algum poderiam dizer que não queriam, que não obedeceriam: foram educadas para obedecerem sem qualquer contestação, ao rei, ao pai, à igreja e aos ditames da sua cultura. Entretanto, eram glorificadas em verso e prosa, os trovadores cantavam os amores impossíveis e histórias de senhores cruéis que prendiam as donzelas nas torres dos castelos, também dos belos cavaleiros andantes que lutavam e morriam por suas damas, como das lutas e dos amores impossíveis entre famílias rivais.

Mais tarde, durante a época denominada Renascimento, na qual a humanidade toma conhecimento com a ciência nova, resultante das recentes descobertas e dos novos pensamentos, transmitidos pela maravilhosa prensa de Gutenberg, muitos dos dogmas e cânones da igreja foram postos em cheque. Conseqüentemente, através das facilidades do livro impresso, agora transformado em fonte de cultura e conhecimento, as mulheres passaram de doces prisioneiras a musas inspiradoras dos poetas e escultores; os romances e as novelas de cavalaria viam a mulher como algo sagrado a ser venerado e adorado; os pintores, retratavam sua beleza e sensualidade e os escultores a pujança de suas formas e curvas; todavia, ainda presa à vontade e poder dos homens.

Depois, uma época negra cai sobre as mulheres, é o tempo da Inquisição e, sobre aquelas que apresentavam um maior espírito de liberdade, abate-se o braço terrível da Santa Inquisição: que aponta, fere, suplicia e sentencia. Milhares vão parar aos calabouços acusadas de feitiçaria e qualquer pretexto era válido para levá-las a martírios indescritíveis e após às fogueiras do Santo Ofício para a

purificação de sua alma. Por medo, estupidez e até por ciúme, as mulheres eram trancafiadas, pois, sobre elas pairava o estigma de que Eva obrigara o Adão ao pecado original e conseqüentemente a expulsão do Jardim do Éden fora por sua culpa exclusiva. Culpa somente redimida com a total conversão e obediência à Igreja e ao homem.

Assim, durante séculos foi a mulher objeto e vítima da autoridade masculina, que lhes reconhecia o valor da divina e imaculada mãe, da preciosa e cara irmã, as quais defendia a honra, e se necessário até lavada no sangue dos que ousassem ofendê-las. Entretanto, os homens não tinham pejo em ofender as mulheres dos outros ou de manter a sua própria mulher sob o jogo do ciúme e da desconfiança, para impedir o que chamaria de traição. Assim, a palavra ciúme mascara-se da conotação de amor, portanto: quanto mais ciúme, mais amor.

Ah! Pobre amor disfarçado de ciúme, do frio ciúme da desconfiança, do direito da posse ameaçada, do objeto que se pode perder, ou que pode ser roubado. Ah! Pobre amor! Que por si próprio deveria ser só confiança, pois, quem ama confia; que deveria ser só doação, se amar é doar-se incondicionalmente; de partilhar por vontade a dor do outro; de aplacar o sofrimento, nem que para isso tenha de sofrer. Não é esse o principal ensinamento do Grande Arquiteto?

Se:

O amor é fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;

É um não quer mais que bem querer;

É um solitário andar por entre a gente;

É um nunca contentar-se de contente;

É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;

É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode a seu favor

Nos corações humanos amizade,

Se tão contrário em si é o mesmo Amor?

Neste soneto, magistralmente, Camões joga com o amor, a paixão, o ciúme, a doação e a ambigüidade do próprio amor.

Contudo, a luta da emancipação feminina, que até o fim do século XIX foi silenciosa, porém persistente e constante, tem o seu grande impulso com o advento da Primeira Guerra Mundial, conflito que quase dizimou a população masculina da Europa. De repente, num prazo de apenas quatro anos, famílias inteiras vêm-se desprovidas de seus chefes, filhos de seus pais, esposas de seus maridos e mulheres de seus homens. Novamente faz-se sentir quão maravilhosa é onisciência do Grande Arquiteto: se a perpetuação da espécie humana estivesse limitada à ação masculina, por certo, hoje eu não estaria escrevendo este artigo, tendo em vista como o homem se mata e destrói.

São as mulheres convocadas a preencherem as lacunas deixadas pelo homens, a ex-dona de casa é agora a maquinista do trem que leva o progresso por toda a Europa; a viúva deixa os filhos aos encargos da irmã mais velha e vai substituir, na fábrica, o marido morto; a menina casadoira, por falta de noivo, vai para a faculdade ser médica ou advogada. A inconstância dos homens e a necessidade de sobrevivência, davam agora às mulheres tudo aquilo que sempre lhes fora negado. É o século seguinte, um tempo de conquistas e de afirmação das mulheres, as saias que antes cobriam toda a botina, foram gradativamente subindo na medida de suas conquistas sociais, até chegarem às micro-saias dos anos setenta. Anos da liberação foram esses anos setenta, de afirmação e luta, não da luta sangrenta e destruidora dos homens, mas da luta para a perpetuação do amor, do companheirismo e da igualdade.

Todavia, as novas atribuições no contexto da sociedade moderna, estão-na desviando do percurso estabelecido pelo Grande

Arquiteto, a mãe está sendo substituída pela trabalhadora, a amante carinhosa está dando lugar à administradora, a abnegação está sendo prevenida pela imposição e a paciente educadora dos filhos está sendo substituída pela escolinha infantil e pelas creches, as futuras gerações não serão educadas pela mãe, mas pelas professoras, que em substituição já estão sendo chamadas de tias.

A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA E A PERDA DA NOSSA IDENTIDADE CULTURAL.

1º - A NACIONALIDADE COMO BERÇO DA CULTURA E DA INDEPENDÊNCIA DOS POVOS

O homem é um animal político, por isso, tem necessidade de viver em comunidade, isto é: viver em conjunto com outros elementos da sua espécie, contudo, quando nos referimos aos elementos da sua espécie, queremos dizer que, em primeiro lugar, procura a companhia dos elementos da sua própria família e estirpe, ou seja, aqueles que falam e pensam como ele.

É nesse convívio com os elementos da sua própria família, que são transmitidos, geração por geração, os elementos básicos formadores da sua cultura, tais como: língua; história, gostos alimentares, gostos musicais, religião, dança; ética, moral e outros; que formarão a sua forma de viver na sociedade de sua gente.

Como todos esses elementos culturais, transmitidos via família, são os fatores da formação da estirpe, nada mais natural que todos que vivem dentro de uma sociedade comum, tenham os mesmos costumes, língua, e portanto o mesmo modo de viver.

2º - A DIFERENÇA ENTRE A NACIONALIDADE E O NACIONALISMO

Desde sempre o homem manteve-se em núcleos ou famílias, pois, seu modo natural de ser é gregário, entretanto, essa necessidade também faz parte do seu instinto de defesa. Um grupo coeso oferece mais proteção a todos os seus componentes, dificultando o ataque de predadores ou inimigos.

Nos primeiros tempos, os grupos humanos eram nômades, seguindo a caça onde ela fosse mais abundante. O homem ainda não se fixara a um território, contudo, permaneciam unidos e onde quer que um fosse, logo, os outros elementos do grupo seguiriam atrás.

Era a cultura de cada grupo, o fator primordial, que permitia a união de toda aquela gente. A luta para a sobrevivência dependia da união de todos e, somente com essa união, esses primitivos aglomerados conseguiam vencer solicitudes e privações.

Era, o que nos hoje denominamos de povo: Um grupo de pessoas unidas pela mesma língua, religião, costumes e história, que se mantêm unido para a defesa de sua integridade e para garantir a sua permanência como povo.

Todavia, com o crescimento demográfico desses povos, a forma nômade de viver não mais atendia às necessidades de cada grupo. A procura por alimentos dentro de um espaço aberto não mais provia as necessidades da vida. O aumento populacional traz maior demanda por caça e nem sempre essa caça estava disponível. Portanto, o mais lógico era manter a reserva de comida ao alcance de toda a população, em vez de sair à sua procura, assim, o homem, passou de caçador a pastor.

Foi assim, a partir desse momento, que os grupos humanos passaram a se fixar num lugar, e, a ficar limitados a uma região. Nascia o conceito de regionalidade, que tanto podia ser um vale, um planalto, uma planície, uma montanha, ou, simplesmente, uma aldeia.

É a concepção de região o iniciador da moderna noção de

nacionalidade, na medida em que as tribos iam-se fortalecendo e se fixando ao local escolhido e as gerações futuras delimitando o território, surge o moderno conceito de nação: Um povo, uma só cultura, uma só língua, uma só história, dentro de um território delimitado.

Portanto, a nacionalidade é o fruto da união de dois fatores preponderantes: A cultura de cada povo e a região onde esse povo se fixou. Todavia, o nacionalismo apesar de parecer ter a mesma conotação e, aparentemente apresentar-se igual, representa o sentido mais extenso da nacionalidade. O Nacionalismo é nacionalidade levada aos extremos, até ao limite do fanatismo, que impede o discernimento e a livre opção dos povos.

3º - A NECESSIDADE SOCIAL DO HOMEM ORGANIZAR-SE COLETIVAMENTE E O SURGIMENTO DO SENTIDO DE NACIONALIDADE

As tribos, os primeiros aglomerados humanos, surgem da necessidade de defesa. Sendo o homem um predador nato, é, conseqüentemente predador da sua própria espécie e sente uma imperiosa necessidade de conquistar. Conquista para ampliar o seu território, para se assenhorear dos bens de outros povos, escravizar, dominar e impor sobre os dominados o poder da sua autoridade. Assim foi e sempre será, só variando a forma de imposição e domínio.

Pois, tanto para atacar como para se defender, os grupos humanos dependiam, tanto da mesma origem étnica como da mesma origem cultural, sendo considerado bárbaro ou estrangeiro, todo aquele que não possuísse os mesmos predicados. E, só pelo fato de ser estranho ou estrangeiro, era logo considerado inimigo, é a chamada xenofobia, o medo gerado por não podermos compreender aqueles que vêm de outros lugares e possuem forma diferente de ser.

4º - A ESCRAVIDÃO, A COLONIZAÇÃO E O PROTETORADO

No processo expansionista de qualquer povo, isto desde as mais remotas eras, o povo dominador, para melhor escravizar e dominar o povo conquistado, procura solapar a sua cultura, introduzindo elementos culturais estranhos, de modo que as gerações jovens, mais acessíveis a essas mudanças, sejam modificadas e percam a sua cultura original.

Com isso, os jovens ao perderem a sua identidade cultural, ficam mais aptos a aceitarem e a submeterem-se ao dominador, entretanto, apesar de terem adotado a cultura alienista, nunca serão reconhecidos como parte integrante do grupo conquistador, ficando sempre numa posição de inferioridade ou de servilismo.

Também os dominadores atuam sobre os governos regionais, que se submetem ao poder estranho, e o fazem por medo ou corrupção, por sua vez, usam desse mesmo processo para enfraquecer a vontade do seu povo. Um povo sem o conhecimento de suas origens históricas e desprovido da sua própria cultura, está apto a ser dominado e escravizado, é um povo sem orgulho e sem vontade.

E, como fazer isso:

Primeiro: – Retira-se desse povo a maneira do mesmo conhecer as suas origens, relegando-o o mais completo desconhecimento de si mesmo;

Segundo: – Reduz-se o mais possível os centros de ensino, retirando da educação as verbas destinadas à formação das novas gerações;

Terceiro: – Destina-se a maior parte das verbas restantes da educação à formação de um pequeno número de elementos, mas tão somente na parte técnica e principalmente na parte que o dominador necessita (toda a forma mais ampla de conhecimento é considerada cultura inútil);

Quarto: – Mantém-se a grande maioria do povo sob um constante estado de dependência e miséria, essa penúria obriga a população dominada ao servilismo e à escravidão.

Quinto: – Constroem mais e melhores presídios, para abrigarem a todos os que se insurgem contra a dominação, ou contra aqueles que, por não terem melhor opção, optam pelo crime e a bandidagem.

Essas técnicas de dominação não são modernas, muito pelo contrário, sempre foram usadas pelos conquistadores, só que, em eras passadas eram praticadas pela força direta, com a imposição do medo e das armas. Hoje esse processo é mais sutil, porém não menos cruel, a dominação não é mais um processo de um povo contra outro povo, os conquistadores não impunham armas e tão pouco ameaçam, todavia, matam e escravizam da mesma maneira.

Os governos de hoje não mais se atentam às necessidades dos seus povos, mas, aos interesses econômicos de grupos, cada vez mais fechados e concentradores, de tal modo que, mais de cinquenta por cento das riquezas do mundo estão concentradas nas mãos de menos de dez por cento da população, ficando menos de cinquenta por cento dessas riquezas, destinadas aos os restantes noventa por cento.

Se bem atentarmos, verificamos maravilhados, como também, consternados que no nosso atual século, onde as maravilhas da Ciência chegaram para trazer ao homem melhores e menos sacrificados dias, substituindo o trabalho pesado por máquinas e robôs, conseqüentemente, deixando ao ser humano mais tempo livre.

Sim!, é tanto esse tempo livre que as modernas máquinas nos deram, que cerca de vinte por cento da população ativa do mundo está desempregada.

5º - O NEOLIBERALISMO ECONÔMICO E A GLOBALIZAÇÃO

Quando surgiu, em meados do século XVIII, a teoria do Liberalismo Econômico, criada pelo cientista da economia Adam Smith, a política econômica da época era o Mercantilismo, que baseava o poder das nações na exploração e extrativismo de riquezas

naturais e no trafego dessas mercadorias extraídas das colônias e transportadas para os centros de consumo na Europa. O lastro monetário, o metal ouro, e a riqueza das nações era medida na quantidade desse metal que estivesse em seus cofres. Era também a época do absolutismo real, os governantes do chamado mundo civilizado governavam seus respectivos países sob a autoridade do direito divino, o qual não admitia qualquer tipo de contestação.

Pregava Adam Smith o “Liberalismo Econômico”, que promovia o fim do mercantilismo e do poder absoluto do rei sobre toda a atividade econômica, declarava que o estado era mau empresário e mau patrão e que não possuía tino comercial.

Não foi fácil a quebra desse poder, precisou de uma revolução terrível, para se pôr cobro aos desmandos dos reis absolutistas. Assim, a 14 de Julho de 1789, o povo de Paris, cansado de fome e de miséria, levantou-se contra os desmandos do poder imbuído de direito divino, e implantou um novo tipo de governo, no qual estava presente o direito à liberdade, igualdade e fraternidade.

Nos nossos tempos, estamos passando um processo, semelhante, só que aos invés.

Quando no passado toda a riqueza do mundo estava concentrada nas mãos de uns poucos governos, que mandavam e desmandavam em tudo, e, impunham a lei da miséria e concentravam a riqueza somente ao alcance de alguns preteridos, com o aumento extorsivo das cargas tributárias, levando o povo do mundo ao mais completo pauperismo e desemprego.

Chegou a um ponto que a situação ficou insustentável, a concentração de riquezas levou os homens a uma reação em cadeia, a Revolução Francesa, partindo da França, estendendo-se por toda a Europa, pondo um cobro a tanto desmando. É certo, que a nova ordem instituída não veio revolver definitivamente a questão social, mas, tão somente, suavizá-la. A Revolução Francesa, como outras tantas, antes e depois, veio para abrandar o poder desenfreado dos poderosos, estabelecer uma nova ordem política social, mais branda e mais humana.

Nos nossos dias está acontecendo precisamente o contrário,

o poder e a riqueza está novamente se concentrando nas mãos de uns poucos, que, por incrível que pareça, usaram a Teoria do “Liberalismo Econômico”, agora chamado de “Neo-Liberalismo”, para promoveram a concentração de riquezas em nome da Globalização dos Povos.

Quem realmente está lucrando com a Globalização dos Povos? – O povo? – As classes mais desprotegidas? – A pequena e média indústria? – O pequeno é médio comerciante?

A Globalização e o Neo-Liberalismo, estão prestigiando os grandes conglomerados industriais e comerciais em detrimento dos pequenos empresários que não têm como resistir à pressão e à concorrência.

A cada pequeno empório, a cada pequena fábrica, a cada empresa pressionada pela concorrência dos “trustes” econômicos, que é obrigada a fechar as portas, mais gente fica sobrando no mercado de trabalho. O pior, é que essas pessoas, ao perderem os seus empregos ficaram sem a menor oportunidade de voltarem ao mercado do trabalho, conseqüentemente, é a volta do trabalho escravo, só que desta vez, muito mais cruel e contundente, que a escravidão do passado, hoje, o trabalhador desempregado nem mesmo tem o valor de coisa, não é sequer patrimônio de um industrial, fazendeiro ou comerciante.

É livre para ser explorado, passar fome e ser esquecido, entretanto, os seus direitos básicos, apregoados e inscritos em todas as constituições do mundo, Saúde, Segurança e Trabalho, são-lhes negados, obrigando-o a uma subvida de miséria e submissão.

De que lhe serve a liberdade, se não tem como a auferir.

CLÓVIS DOMINGUES



Durante muitos anos vivendo a família, a igreja e a sociedade com suas verdades, meias-verdades e até mentiras, fui colecionando alegrias e decepções, muito mais alegrias, e analisando discursos e comportamentos nos vários segmentos que, em rota nem sempre autêntica, traídos pelo individualismo, bom na medida certa e péssimo quando exacerbado, vão transformando a vida humana e deixando cair e ser pisados muitos valores indispensáveis para um viver feliz. Ora na família, ora na igreja e nos mais diferentes espaços da sociedade, percebemos entristecidos, comportamentos confusos que colocam a mentira no lugar da verdade ou aceitam como verdades, engodos e verdadeiras armadilhas.

Assumindo o risco de ser considerado extemporâneo, ultrapassado ou até desinformado, sem pensar em outros títulos mais pejorativos, nos encorajamos a refletir um pouco sobre o mundo que queremos e o mundo que vivemos.

No caminhar da humanidade muito vamos perdendo pelo caminho e urge resgatar valores. Se assim não fizermos correremos

o risco de viver um grande desalento que talvez nos leve a decepções irreversíveis.

Sabemos que o passado também foi permeado de erros na família e na sociedade, porém, com a “evolução” dos costumes com a parceria da tecnologia, construiu-se um cenário sombrio que devemos denunciar sob o perigo de nos tornarmos construtores omissos de uma sociedade sem objetivos maiores e infeliz!

Não queremos ser profetas do apocalipse, mas, também, não queremos ser julgados no futuro como negligentes.

Esta reflexão, aproveitando deste precioso espaço, é na direção de provocar um resgate de valores que pelo consumismo intenso ou pelos interesses escusos de grupos, vão sendo descaracterizados e tornando as pessoas, cada vez mais, números de uma grande planilha de custos e de “lucros”.

Certamente, não temos as soluções definitivas para determinadas deturpações que sabemos existir, não somos tão sábios a ponto de indicar caminhos únicos e verdadeiros, mas temos e expomos nossa vida pessoal, familiar e comunitária para nos colocar à disposição buscando, não exemplos que devam ser seguidos, mas, verdades a ser consideradas em uma análise sem mágoas ou unilateralismos.

Desejando colaborar na reflexão para um resgate ousado de valores, registro aqui alguns pontos que julgo importantes e até como indispensáveis nesta travessia:

ALGUNS VALORES A SER RESGATADOS

PRINCÍPIOS FAMILIARES

Quem, usando um pouco de inteligência, pode dispensar a família tradicional de pai, mãe e filhos e achar que de outra forma é melhor?... Carecemos, e muito, de nosso pai e de nossa mãe.

Novos ou velhos, cultos ou incultos, letrados ou não, sempre em nosso coração e nossa mente desenhamos as figuras insubstituíveis dos nossos pais. Esse desenho está profundamente gravado em nosso ser pelos vínculos genéticos e outros que nem sabemos como, mas sentimos não como reminiscência, mas, muito mais, por tudo que fizeram em nosso favor e pelo sentimento natural recíproco de seres tão íntimos.

Parece que, assim refletindo, falo apenas aos mais idosos, mas não é verdade, falo a todos, pois lembranças todos têm e precisam delas, não para parar nelas, mas, muito mais para alavancar novas e responsáveis atitudes.

É compreensível que os mais experientes ou já sem a presença física de seus pais consigam perceber um pouco mais essa realidade, porém, é também fácil de entender que os mais novos sempre poderão conquistar essa consciência de valor e tratar melhor a todos.

Quem não pára um pouco a tarefa diária para aproveitar momentos na companhia dos pais, certamente, perde muito e lamentará quando isso não for mais possível. Um bom papo em família não deve ser trocado por nada, nem por compromissos de trabalho, de estudo ou ainda aqueles que chamamos de “financeiros”, todos esses são menos importantes do que uma reunião familiar, até para reconhecermos alguns enganos e nos desculparmos, ou sabermos das notícias.

Quem tem a graça de possuir uma família com esse formato sabe o quanto é importante preservar isso. Pai, mãe e filhos, falando com abertura e sinceridade, ajudam o mundo a caminhar melhor e deixam esperança de conquistas maiores com a partilha da origem e da vida.

Quando perdemos algo parecido com as afirmações anteriores nos sentimos, quase sempre, dominados pela correria atual e lamentamos não ter dado um pouco mais de tempo para usufruir de tais riquezas, outrora tão perto de nós.

Ao reconhecermos que nossa família, com esse desenho, é muito importante, conseguimos perceber valores de comportamentos familiares nesses moldes e devemos nos perguntar o que fazemos

hoje, o que defendemos ou acomodamos. “Será que na acomodação de realidades contrárias à família, como o aborto, o sexo livre em qualquer idade ou outras condições, o casa “descasa” sem compromissos, e também os comportamentos de filhos e netos com os pais e avós “na base” do estar “por dentro” e “por fora”, não respeitando as histórias de cada um, consegue salvar alguma coisa para contar-mos ou nossos filhos contarem aos seus descendentes”?

O que é preciso fazer? Como resgatar valores tão preciosos em tempo de prioridades tão confusas e vigorando a lei do quem pode mais e do lucro a qualquer custo? E mais, o que vão pensar de nós, o que vão falar?...

Parece-nos que a doença do imediatismo contagia a todos e desaprendemos o investir na vida ancorada em valores essenciais, para aprendermos a nos encostar no comodismo de uma sociedade que não quer contrariar a criança e o jovem na busca do ter e, hipocritamente, abandona o mais importante que é o cuidado com o ser, principalmente deixando de ensinar a disciplina e os outros bons costumes geradores de vidas éticas, responsáveis e felizes.

Resgatar a família passa por uma infância amparada por pessoas que tenham como objetivo não apenas o momento, mas as conseqüências do mesmo e fazem tudo para que o plantio seja o melhor e se espere uma colheita com valores verdadeiros. É necessário que saibamos fazer uma leitura crítica das pressões do nosso tempo e confirmar as verdadeiras intenções que existem, muitas vezes, subjetivamente, antes de aceitá-las como regras a ser seguidas. Não podemos ser massa de manobra de grupos econômicos que não temem quaisquer conseqüências para as crianças, jovens, adultos ou famílias inteiras, desde que seja atingido aquilo que buscam: o poder.

Reconhecemos que “parece varrer contra o vento” este raciocínio, mas, se faz cada vez mais urgente, providenciarmos antídotos que possam prevenir situações ainda piores. Uma família que não tem as estruturas básicas do pai e da mãe, certamente, é mais vulnerável às pressões das comunicações e tantas “conquistas” da pós-modernidade.

Não se trata de saudosismo, trata-se de um enfrentamento corajoso que reconhece as dificuldades, agradece a evolução tecnológica, mas não se intimida diante delas, pois entende que, ao caminhar, deixamos cair muita coisa importante pelo caminho e queremos voltar e resgatar o que achamos imprescindível, e entre tantas riquezas a família é o centro de todas, principalmente na construção da felicidade.

Quando sabemos que em muitas “famílias” já existem situações irreversíveis podemos nos perguntar; e aí, como fica? E respondemos com simplicidade e objetividade: o que está feito talvez não se possa consertar, mas aquilo que ainda está por fazer, e há muito, seja feito com muita responsabilidade, assumindo compromissos planejados, escolhendo caminhos que preservem não somente “nossos” interesses, mas o interesse comum, com respeito à dignidade humana e com ética não apenas nos discursos.

Quando queremos certas condições, certos tratamentos e reclamamos quando não acontecem, saibamos que todos têm o mesmo direito e devemos pensar e fazer o bem, que queremos para nós, a todos.

Quando falamos de resgate da família nos referimos também ao respeito pelos idosos nossos mantenedores, nossos heróis, nossos responsáveis, nossas origens. Não podemos imaginar uma família onde os idosos são descartados porque nos envergonham ou dão trabalho, ou onde não haja mais lugar para aqueles que construíram o patrimônio principalmente o moral, de um ambiente familiar e que passam por problemas de saúde ou abandono. Cuidar dos idosos não deve ser mérito de algumas famílias mas sim obrigação de todas.

Quando cuidamos dos nossos idosos valorizamos nossa própria vida e fazemos um ato de reconhecimento por tantas realizações que uma vida mais longa, certamente, conseguiu sonhar e alcançar. O pai e a mãe não devem ser apenas os prontos-socorros financeiro ou sentimental, eles também precisam ser socorridos e acompanhados em suas alegrias e tristezas, em seus sucessos ou fracassos, em sua saúde ou doença.

Existem hoje outros fatores que dificultam algumas atitudes mais arrojadas no cuidado com os idosos, mas também sabemos que outrora não foi nada fácil, com os meios precários que existiam, às vezes, cuidar de vários filhos. Para cada tempo temos desafios próprios. Que os desafios que enfrentamos não nos impeçam de fazermos um resgate de nossas famílias porque do contrário estaremos caminhando para dias mais nebulosos.

Respeitemos nossas diferenças enquanto esposo e esposa; saibamos assumir com responsabilidade nossas funções de marido e mulher de pai e de mãe. Façamos do ambiente familiar um ninho de amor e saibamos propiciar aos nossos filhos um tempo presente com disciplina e exemplos de muito amor para um futuro alicerçado em valores que permaneçam e não somente nos modismos impostos por uma sociedade ávida pelo lucro financeiro e omissa nas atitudes mais necessárias.

Não nos deixemos enganar: em nossas atividades teremos alegrias, tristezas, ganhos e perdas. Na família, teremos também de superar obstáculos todos os dias. Mas vale a pena.

A substituição da família por outros processos momentâneos nos deixa traumas e nos infelicita. Ainda e para sempre a família é a célula principal que temos de cuidar com todo o carinho e atenção.

Façamos o resgate por nossos filhos e netos e por nós mesmos que também carecemos de ancoradouros valiosos onde possamos estacionar nossa embarcação de sonhos e realizações, viver e ser feliz.

FAMÍLIA, ONTEM, HOJE E SEMPRE

Quando ouvimos opiniões sobre a necessidade ou não da família, nos preocupamos sobre o que está por trás dessas opiniões.

Uma sociedade que tenha o mínimo de auto-estima preserva os valores fundamentais, pois sente necessidade deles.

Com o advento do bebê de proveta pode ficar a idéia que o fator gerador, no futuro, poderá ser dispensado na sua forma habitual. Com o surgimento da mãe de aluguel, poderemos também ter uma sociedade de aluguel.

Devemos ter muito cuidado e muita força para preservar valores conquistados, que muito além de pura tradição são condições indispensáveis para o ser humano naquilo que possui de mais profundo e belo.

Na medida em que tivermos a “coragem” de desprezar nossas famílias, certamente, pouca coisa restará para respeitarmos.

Portanto, entendemos que nosso pai, nossa mãe e nossos irmãos são suportes verdadeiros para toda a vida e sem eles teremos sempre um grande vazio que nos infelicitará.

Você criança, jovem, adulto e idoso abrace a sua família e não deixe ninguém tirá-la de você, pois como ontem, hoje e sempre precisamos desta referência, carecemos da nossa família.

“A vida familiar deve ser um lugar de diálogo, estudo, trabalho, fé e muito amor”.

“O pai e a mãe que se amam vivem o respeito e o perdão, constroem felicidade e ajudam seus filhos nos desafios do cotidiano, através do exemplo”.

AMIZADE

Quem pode prescindir de uma amizade, quem pode viver sem ter amigos(as)?

Lembramos com muito carinho de tantas amizades e por vezes uma música ou uma foto, ou ainda uma notícia nos alegra, ou nos entristece. É a lembrança de fatos que nos marcaram e sempre com um componente importante, aquela amizade que tínhamos e que, sabe lá porque, nunca mais conseguimos encontrar, nunca mais tivemos notícias.

Que valor que tem uma amizade?

Amigos, amigas, quanta história, quanta vida!...

Cultivar uma boa amizade é sabedoria que não devemos abandonar, não devemos nos cansar, pois se às vezes temos decepções, muitas vezes temos compensações. Um ombro amigo, um bom ouvido, uma palavra que conforta e até uma sugestão que nos recupera.

Vivemos desconfiados de tudo e de todos. A violência apavora e não queremos ser suas vítimas. Desconfiamos de crianças, jovens, adultos, idosos e até de coisas que nem existem. Parece que estamos rodeados de inimigos, parece que estamos sozinhos em meio a tantas notícias que nos assustam e, infelizmente, até criamos chavões: *“são todos iguais; não são pobres são vagabundos; se quiser ajuda vá trabalhar; não confio em ninguém”...*

Não é verdade que não podemos confiar em ninguém. Também não é verdade que são todos iguais, como não é verdade que são vagabundos. Alguns infelizes se transformam em perigo para outros, mas, muitos são vítimas de uma sociedade sem controle e desnivelada que promove diferenças e não igualdade, frio e fome e não a proteção mínima que todo ser humano merece. Por isso devemos desconfiar de todo mundo? Por isso não devemos ser amigos de ninguém?...

Certamente, se vivermos pensando e agindo dessa forma não seremos felizes, não teremos descanso.

Sabemos que o perigo existe, viver é um perigo, porém se entendermos o perigo só como fator externo viveremos o perigo interno de julgar a todos e de nos isentar de todas as fraquezas. Não deve ser a atitude melhor, pois também sabemos que os medos não dependem apenas dos lugares que vivemos, mas dependem também e, em muito, de nós mesmos. Onde quer que estejamos mesmo protegidos por todos os lados, o perigo está próximo, às vezes em nossa mente, em nosso coração. Quantas histórias de desgraças conhecemos que, no próprio ambiente, “bem protegido”, com toda segurança, acontecem, até por falta de uma presença amiga não puderam ser evitadas.

A Bíblia nos ensina que o amigo fiel é um tesouro e podemos nos perguntar: quando conseguimos ser amigo fiel de alguém? Muitos de nós podemos dar a resposta afirmativa de diferentes maneiras, mas sempre achamos que somos fiéis e os outros não. Talvez os outros pensem o mesmo de nós...

Não devemos nos enganar a respeito de comportamentos pensando que todos estão com má-fé e nós não.

Podemos dar graças a Deus por muitos amigos e amigas que julgamos tão preciosos a ponto de não quereremos perdê-los por nada. Sabemos também que cada um deve fazer afirmações parecidas. Então, não coloquemos um pesadelo no lugar do nosso sonho. Façamos nossos propósitos de construir ainda muitas amizades e usufruir desse valor tão ameaçado de extinção.

Se tivermos alguns “ex-amigos” vamos resgatá-los e lembrar tantas coisas boas que partilhamos e as que não foram tão boas talvez tenham sido apenas mal-entendidos.

Cultivar o valor da amizade também é sabedoria e conquista de cada dia. Quem tem amigos nunca está sozinho, quem não consegue ter amigos deixa de experimentar momentos preciosos.

Para ajudar um tempo melhor convoque um re-encontro com os amigos da escola, do trabalho, do bairro, da igreja, do time ou crie outros motivos para provar o quanto é bom. Crie vínculos e não os destrua porque na união somos mais fortes e sentimos melhor a vida. Hoje temos muitos recursos para nos ajudar.

Com muito respeito, podemos criar famílias virtuais e a partir de tais iniciativas promovermos encontros de amigos e amigas que, certamente, têm muito a partilhar. Faça a experiência e seja feliz.

Amizade, amigo, amiga, são palavras que não devemos nunca esquecer, pois elas identificam parte de nossa vida e nos fazem acreditar que o mundo pode ser melhor.

Confie, muitos precisam do nosso sorriso para viver um dia melhor. Saibamos dar e receber as maravilhas da amizade.

AMIGOS

Quem tem amigos tem tudo.

Em meio a tantos compromissos, sentimos a necessidade de dividir com alguém nossos anseios, nossas incertezas e nossas conquistas. Sabemos que para isso necessitamos de uma pessoa que nos compreenda, que nos acompanhe, enfim, que seja nossa amiga. No entanto encontramos em nosso caminhar falsos “amigos” que, às vezes, nos fazem desacreditar da amizade. Mesmo assim, temos para nós que a amizade é uma das coisas mais belas e necessárias que podemos ter.

Mas, o que é mesmo um amigo?

Amigo é uma pessoa que o tempo não apaga da nossa história, que a distância não deixa esquecer e que a maldade não destrói. É alguém que a gente sente, mesmo quando está longe, que vem para o nosso lado quando estamos “sozinhos” e precisamos de ajuda.

O encontro com um amigo acontece num momento e quando o encontramos temos a impressão de que ele estava justamente à nossa espera.

Ser amigo não é coisa de um dia. São palavras e atitudes que se solidificam no tempo e não se apagam jamais. Quando há sofrimento ele está presente e nos faz perceber que partilha conosco a dor.

Amigos como esses não encontramos todos os momentos. Temos de cultivar a amizade em nossos corações todos os dias para que possamos ser muito mais amigos.

Desejo que tenhamos amizades e correspondamos a esse valor tão importante em nossas vidas.

Para conservar as amizades é preciso que todos falem e todos escutem. É necessário que exista a fidelidade.

Amizade, sentimentos que une pessoas e as fortalece em todos os momentos, solidificando bons propósitos.

“A amizade é um sentimento que une e que completa que compreende e que ajuda que respeita e promove”.

O AMOR

Sentimento que perpassa toda a vida humana, é o valor que justifica e plenifica o existir.

Foi sempre a origem de todo bem: Deus criou por amor.

Em nosso tempo muito se fala deste valor e pouco se prova concretamente seus atributos.

Aprendemos com o apóstolo Paulo, celebrado neste ano (*Ano Paulino de 28/06/2008 a 29/06/2009: dois mil anos do seu nascimento*), que o amor é paciente, compreensivo, não faz mal, tudo crê e tudo espera... o amor não terá fim...

Na perspectiva da carta de Paulo o que entendemos por amor? Amor sem compromisso? Amor vingativo? Qual amor???

Pensamos que muitas situações desagradáveis que existem são apenas por falta do amor. Quando não se ama na família ela perde a razão de ser e a partir daí as soluções não são as mais inteligentes. A união sem amor é como querer construir sem ter onde, falta o principal, a base para solidificar o projeto. O amor é o vínculo principal que gera entendimento, suporte, compreensão, perdão e constrói a felicidade. O alicerce de toda família é o amor, sem ele tudo fica sem sentido.

O amor fraterno, sentimento que nos une como irmãos, faz da nossa vida algo bem mais importante do que a soma de bens materiais adquirida com exclusividade e sabe-se lá a custa de quê.

Mesmo que se consiga somar grandes posses materiais se não tiver o amor, de pouco ou nada vale, e tudo feito com amor, mesmo que não seja tão grande, será sempre uma conquista mais profunda e realizadora. A força do amor é imensurável e podemos fazer algumas comparações na vida real em diferentes situações: pessoas que se doam em prol de melhores condições da vida de outros, assumindo projetos e se comprometendo com eles; pais, mães e filhos que testemunham com altos riscos o quanto amam e o quanto podem fazer por esse amor. Basta que olhemos a nossa volta e acharemos, graças a Deus, exemplos e testemunhos desse amor-compromisso, amor-doação.

Somos muitas vezes e de muitas formas, forçados a nos vencer de que o amor apenas existe em romances de ficção e o que existe é uma negociação, cada um buscando seus próprios interesses e vaidades. Muitas tramas entram todos os dias em nossos lares mostrando uma realidade violenta e desgastante.

Por vezes até torcemos para que o amor não saia vencedor e instrumentalizados pelos meios vamos mergulhando em realidades nem sempre corretas e que até defendemos, pois existem torcidas para todas as vertentes. O amor é mostrado como algo sem valor e às vezes como puro momento de encontro de corpos, quando o verdadeiro amor propicia o encontro completo e só assim tem sentido.

Resgatar o amor é dar sentido mais profundo ao nosso viver, pois quem ama de verdade se torna melhor, com mais ética, mais responsável e mais feliz. O amor é como um antídoto que evita os venenos e as doenças que uma sociedade que não o viva fica à mercê.

Resgatar o amor é recuperar a alegria de viver. Sem o verdadeiro amor a vida perde a identidade, deixa-se esvaír. Carecemos deste combustível – amor – para seguirmos em frente, planejarmos a vida e vivermos o plano.

Não nos deixemos iludir. Tenhamos a coragem de amar e ser amados. Em tudo que fazemos precisamos de muito amor, pois aquilo que é feito com esse sentimento é como ele próprio: dura para sempre.

Meu Deus, minha família, meus amigos, com muita fé e esperança declaro que sem vocês não consigo perceber motivos para viver. Eu amo e sou feliz.

UM TEMPO PARA AMAR

A história da humanidade guarda lindos momentos, que nem sempre são divulgados porque nos deixamos seduzir por curiosidades e violências.

Levados por interesses imediatos e às vezes pequenos, deixamos de vivenciar as coisas belas e puras da vida e muito mais do que isso, somos tentados, e por vezes cedemos até evitá-las. Chegamos a compreender que só o amor nos completa e mesmo assim somos mesquinhos para vivê-lo.

Sentimo-nos sufocados pela falta de ar puro, provocada pela poluição, e nem sequer lembramos de regar aquela plantinha que temos em casa, tão perto de nós.

Sofremos quando perdemos um animal de estimação que tínhamos em casa e passamos muito tempo sem ao menos parar para alimentá-lo ou acariciá-lo.

Sofremos e choramos muito quando perdemos um amigo, um familiar, um ente querido, e às vezes os tivemos ao nosso lado durante anos, e nem sequer paramos para dizer-lhe:

“Te amo, você é importante para mim”.

Ora, poderíamos continuar com muitas reflexões e sabemos que cada um pode se lembrar de outros exemplos, com pouco esforço, mas o que importa é ajudar neste sério questionamento: **“Quanto tempo reservamos para amar”?**...

O momento que passa, a nossa vida, as pessoas, tudo é irreversível e exige de nós uma atitude pronta, firme e dedicada para o amor.

Não deixe que sua vida se perca nos noticiários da televisão, nas novelas, fofocas, enquanto muitos precisam do teu calor humano, para viver.

Por mais compromisso que você tenha comprometa-se com o amor, dê chance a ele e conquiste um tempo para amar. Preencha a tua vida, partilhe-a, ame e seja amado.

Não deixe para amanhã o bem que podes fazer hoje e agora, não perca tempo.

“Viver é amar e amar é viver”.

EUGÊNIO SHINJI ASANO

BRASILEIROS NO JAPÃO, ou o que não vi nas comemorações

COMO OS BRASILEIROS SE VÊM

Não tenho o direito de cuspir no prato em que comi, assim como não é minha intenção jogar lama no país dos meus ancestrais. Mas, depois de dezoito meses no Japão, passei a amar mais ainda o nosso Brasil.

Quando falo que a vida lá na terra do sol nascente é dura, a primeira observação do brasileiro é: *lá se trabalha muito, não é?* Essa observação dá a idéia de que nós, brasileiros, não gostamos de trabalhar. É a concepção vendida por um americano chamado Walt Disney que criou um personagem chamado Zé Carioca nos anos 40 e de lá para cá, a imagem do brasileiro é essa: a de malandro, preguiçoso e vagabundo que só quer saber de sombra e água fresca pronto para levar vantagem em tudo. Imagem distorcida acreditada como verdadeira pelos próprios brasileiros. É bom que se fique claro que quem leva hoje a economia japonesa não são os japoneses, mas os coreanos, chineses, filipinos e principalmente brasileiros. Os nossos irmãos "vagabundos", fazem turnos de até 36 horas seguidas cuidando de forjas, sumindo debaixo de fuligens, perdendo mãos e dedos nas prensas, morando em contêineres à beira de estrada, e principalmente sofrendo de problemas psiquiátricos graves, de saudade e discriminação. Mas mesmo assim não se entregam na luta do dia-a-dia. Trocando de turno semanalmente sem chance para o corpo se acostumar aos horários, vão tocando em frente. Ao menos os brasileiros são os mais bem remunerados, até mesmo que os

próprios japoneses. Nós não temos medo do trabalho como pensam os próprios brasileiros. Hoje os japoneses não querem trabalhar e é normal encontrar nas estações de trem, catálogos enormes como uma lista telefônica, distribuídas gratuitamente. São anúncios de emprego, desde temporários até efetivos. Se durante o dia, as faixas tremulam nas portas das empresas, à noite os painéis luminosos oferecendo vagas são visíveis a longa distância. O filho do encarregado da fábrica onde eu trabalhava, aos 30 anos de idade, estava saindo para o primeiro emprego e não estava gostando por causa do salário baixo. Ele é uma exceção, pois nesta idade a maioria dos japoneses está viajando e gastando a fortuna dos pais e avós.

Como vivem então os japoneses? Justamente com a economia dos avós e pais conseguida até os anos 70, quando os americanos obrigaram os japoneses a frearem o seu desenvolvimento. Quem sai hoje para o mercado de trabalho? São os velhos, aposentados que não tem medo de pegar no pesado. É comum encontrar nas fábricas, idosos de mais de 70 anos, sustentando famílias compostas de filhos, netos, genros e noras. Como ganham aposentadoria, o empresário acha que eles não precisam ganhar muito.

No Japão a aposentadoria é por idade. Aos 60 anos, todos passam a receber o pecúlio correspondente a contribuição feita até então.

Os maiores salários são dos brasileiros que não têm nenhum vínculo empregatício, ou seja, não tem direito a abonos, seguros, em alguns casos, nem a horas extras. Depois são os japoneses homens, os chineses, as mulheres e os aposentados. Mesmo assim não há rixa dentro da fábrica. A relação pessoal é boa, exceto de alguns líderes com os subordinados que é no regime escravo. Ali impera o sadismo e a loucura.

A economia do Japão concentra-se na indústria automobilística. Mesmo com todo seu material importado, inclusive a mão-de-obra, a Toyota consegue bater a GM tranquilamente. Os veículos são velozes, equipados e o asfalto é um tapete. Os galpões da Toyota onde trabalhei por três dias, é um mundo. Um planeta de sujeira, fuligem, barulho e estupidez. Ambiente insalubre e perigoso

muito diferente de uma linha de produção que se vê na tevê. O japonês não tem paciência nem a compreensão para ensinar um serviço ao estrangeiro. São grosseiros e frios.

Os brasileiros se isolam por não conhecerem a língua e também por não serem aceitos pelos japoneses. Há lojas que, ao identificarem a presença de brasileiros, anunciam para tomarem cuidado com suas bolsas. O preconceito não é propriamente contra brasileiros, mas contra todos os não japoneses, exceto americanos que são tratados como deuses. Explica-se essa submissão cega, apesar das duas bombas e a humilhação da única derrota nipônica: hoje o Japão é uma base militar americana. O interesse americano por aquele torrão de terra que não tem absolutamente nada, é unicamente geográfica. Estrategicamente é um excelente ponto de apoio para invadir a Ásia assim como o Oriente Médio. Durante a guerra do Vietnã, e na invasão do Oriente Médio, os aviões americanos abasteciam no Japão. Okinawa é uma ilha ao sul, pouco maior que o município de Guarulhos e lá se encontram 45 bases militares americanas. Trabalhei ao lado de uma outra base militar, a de Komaki, e o dia inteiro havia aviões carregados de mísseis passando rente a minha cabeça. Aviões e helicópteros que só tinha visto nos filmes do Rambo, lá estavam, com suas ogivas apontadas para um inimigo invisível, pronto para morrer e matar.

Enquanto base militar, o Japão recebe subsídio americano, como qualquer estado federado dos Estados Unidos. O Japão foi o único país do mundo, além claro dos Estados Unidos, a apoiar a execução do Saddam Hussein.

Mas eu quero é falar dos brasileiros e não dos japoneses, apesar de ser impossível desvincular uma coisa da outra.

INIMIGOS DO FERIADO

Os brasileiros adoram feriados. Se for prolongado, melhor ainda, afinal somos todos vagabundos. Engana-se quem pensa assim. Só espera um final de semana, férias ou feriado quem trabalha. Para um ocioso, dia de folga não quer dizer nada.

Quem é horista como os brasileiros, não gosta de feriados pois além de não receber, acaba gastando mais que o normal. E como tem feriado no Japão!!! No Brasil, além dos feriados pátrios temos os dias Santos por ser um país católico. No Japão, existe exatamente o dobro dos feriados que temos aqui no Brasil. Exatos 24 dias, mais as férias. Mas nem sempre foi assim. Eles já trabalharam e muito até chegarem os americanos, sim, eles de novo, e obrigarem os japoneses a criarem folgas. Daí que existem o Dia dos Velhos, Dia dos Meninos, Dia das Meninas, Dia das Crianças, Dia do Mar, Dia de Ação de Graças pelo Trabalho, Dia da Maioridade, Aniversário do Imperador, Finados (uma semana), feriado de Ano Novo, Equinócio da Primavera e outros que não me lembro mais.

As datas comemorativas que caem num final de semana, são comemoradas na segunda-feira subsequente.

COMO OS BRASILEIROS SE VIRAM

Depois de três meses, a fase do turista se vai e vem a saudade. A ficha cai e a gente percebe que não pode voltar ao Brasil tão cedo. Não há saída a não ser dar tempo ao tempo. Ou será que há? Claro que sim. Afinal, somos brasileiros.

Em Nagoya há várias lojas de produtos brasileiros onde se pode comprar desde uma lata de uma boa feijoada, uma garrafa de cachaça, até um pacote de chimarrão legítimo. Encontram-se frios como mortadela e queijo, feijão preto e perfumes da Avon. Meu amigo Roberto mostra-me com orgulho, pois encontrou um desodorante fabricado em Piedade, sua cidade. Queria mostrar e ele um produto da Bauducco com endereço de Guarulhos, mas não achei. Estes produtos, apesar de serem importados, não custam muito mais caros que outras mercadorias. Aliás, como tudo é importado, os preços acabam se nivelando. Dá pra fazer uma boa macarronada de domingo com carne moída do Brasil, molho e queijo ralado de Minas e uma caipirinha com legítima cana brasileira. Quem quiser, pode ler uma revista Veja, Isto É, Caras e outras mais. Há também livros, CDs e DVDs brasileiros além de dicionários japonês-por-

tuguês. Enfim, essas lojas tem o cheiro do Brasil. Engana-se, porém, quem achar que vai encontrar outras lojas especializadas no Japão. Iguais a essas de brasileiros, não há outras.

Outro brasileiro que se dá muito bem em Nagoya é o dono de um restaurante self service, coisa rara por ali, que instalou uma maquina de frango assado na porta. A popular *televisão de cachorro* atrai japoneses que chegam a fazer fila para comprar o franguinho.

Na escada estreita que leva ao segundo andar, encontro com Zeca Pagodinho oferecendo uma cerveja geladinha. Na parede uma bandeira verde-amarela e a televisão está ligada na Globo Sat e, juro, acabo achando Faustão um cara legal. Até os gostos mudam quando se está longe de casa. Almoçávamos lá uma vez ao mês quando saía pagamento e nos divertimos vendo japoneses comendo feijoada e frango assado com pauzinho (hashi). Vimos japonesas tomando caipirinha como se fosse chá, e saírem amparadas. A gente precisava se divertir de alguma forma.

Outro que se virava bem é um sujeito que uma vez por semana parava sua van na porta do condomínio para vender aparelhos de DVD, máquina fotográfica e outros produtos eletrônicos. Mas o seu forte era DVD. Ele gravava através da Globo Sat, novelas, noticiários, jogos de futebol e depois vendia a 100 yens (cerca de 1 dólar) aos brasileiros do condomínio. Em um ano, conseguiu trocar a van por um caminhão-baú. Ultimamente trazia a reboque um carrinho de cachorro quente. Um sucesso. Só fiquei contra ele quando o meu vizinho de quarto, sim o Roberto de Piedade, são-paulino roxo, comprou um DVD do final do campeonato e passou a assistir ao jogo a tal ponto que eu, sem ver a imagem, acabei decorando os 90 minutos da partida.

Dentre tantos brasileiros criativos, não posso deixar de citar um sujeito chamado Marcos Diego Mogami. Escritor de romances, já lançou três livros, fica nos finais de semana no centro de Nagoya, próximo à agência do Banco do Brasil e do consulado brasileiro vendendo sua obra. Tem uma lábia fantástica e se vacilar, acaba-se comprando dois volumes do mesmo livro com a desculpa de ler

duas vezes. É um sujeito alegre, falador, que reconhece um brasileiro pela sombra. Não erra um. A sua editora? Dekasseki Brasil.

Há outros comerciantes que abriram lojas de eletrônicos visando o público brasileiro. Vendem computadores com teclado em português, com manuais e assistência técnica no Brasil.

Fora esses heróis, há os encarregados de empreiteiras, como o Sérgio e o Jorge, irmãos paranaenses responsáveis pelos dekasseguis. São bem-humorados, muito atenciosos e me orientaram muito bem quando cheguei. Foram parceiros desde a chegada até o momento do embarque.

Engana-se quem pensa que Japão é kimono e taiko. Isso quase não existe mais. Mas em compensação existe escola de samba em Nagoya. Sim. De vez em quando eles saem à rua para mostrar o bom ritmo brasileiro. A passista é uma japonesa que veio ao Brasil só para aprender a sambar. Depois de um bom tempo, ouvir Gozaguinha e Martinho da Vila é chorar de saudade no meio da rua transformada em sambódromo.

Sábado ou domingo à tarde quando toca a campainha, pode ter certeza: é um brasileiro oferecendo alguma coisa de porta em porta: um salgadinho, um marmitex de arroz, feijão e bife ou ainda algum membro de igrejas evangélicas convidando para o culto semanal. É incrível como sabem onde mora um brasileiro. Acho que se guiam pelo apito das panelas de pressão e o cheiro do feijão.

Do outro lado da avenida onde eu morava, havia uma igreja católica cujas missas eram celebradas também em japonês.

SOLIDARIEDADE

O clima no Japão é muito rigoroso. Se no inverno é muito frio, o verão é insuportavelmente quente. Quando a temperatura baixa muito, um grupo de brasileiros sai às ruas distribuindo sopas aos moradores de rua. Sim. Lá também há sem-tetos ocupando vãos de viadutos e parques. Muitos morrem de frio ou de calor e mais uma vez são os brasileiros que saem para dar uma mão, pois para os japoneses, esses mendigos são uma vergonha nacional.

SOBRE PUBLICAÇÕES NO JAPÃO

O japonês é um povo desconfiado, mais que o nosso mineiro que não sei porque tem essa fama. Tudo para eles precisa ser traduzido, entendido na sua língua. Não há publicações em outras línguas nem nas bibliotecas. O único lugar em que se encontram livros de outros países é na biblioteca do Centro Internacional de Nagoya, uma sala não muito grande onde consegui colocar algumas Revistas da Academia Guarulhense de Letras enviadas gentilmente pela Dra. Teresinha Silva Maltez de Souza e o livro Romanceiro do nosso confrade Bosco Maciel.

Fora este lugar, não há nada em outra língua. Não há? Claro que há. E adivinha quem publica esse material “subversivo”? Sim. Os brasileiros. Nas lojas de produtos brasileiros, há várias publicações em língua portuguesa, patrocinada pelas empreiteiras direcionados aos brasileiros que moram no Japão. Curiosamente encontro uma revista chamada Olho Vivo que eu trouxe para o confrade Valdir Carleto.

Além desses informativos, há uma crescente publicação das igrejas evangélicas de diversos segmentos. O que me chama a atenção são alguns anúncios de um tal Pai Ogun de Nagoya que joga búzios, lê cartas e, enfim, faz trabalhos diversos de origem afro. Trabalhos esses que no Brasil os pastores considerariam como coisas do “demo”, no Japão eles dividem a página na mesma revista. Uma paz comovente. Se há também um padre que nas horas vagas recruta trabalhadores brasileiros para as fábricas, porque não essa união?

AS ESCOLAS

Para quem vai ao Japão com filhos em idade escolar, nada mais difícil que encontrar escola para eles. Há os cursos regulares japoneses, mas esses dificilmente as crianças conseguem acompanhar, principalmente pelo método pedagógico aplicado. Pelo simples fato de não gostar do aluno os professores aplicam castigos físicos severos. Amarram os braços e as pernas da criança e incitam os mais

velhos a baterem, participando ele também da pancadaria. Não é raro no Japão os casos de suicídio de crianças de 7 a 8 anos por maus-tratos na escola. Há uma discussão hoje, em nível nacional, questionando o porquê do alto índice de suicídio no país: cerca de 30.000 ao ano, ou quase 100 casos por dia.

Um amigo de fábrica procurou a direção da escola, pois seu filho estava apanhando muito do professor. Houve uma reunião entre diretores e professores e a conclusão foi a seguinte: se não quer, a gente não bate, mas seu filho não vai ter uma boa formação.

Os brasileiros hoje têm a opção de colocar seus filhos em escolas brasileiras, reconhecidas pelo governo japonês. Mas essa alternativa, se por um lado livra nossos filhos das atrocidades, por outro, aumenta a distância cultural entre os dois povos.

CONCLUINDO

No Centenário da Imigração, quero mostrar o meu carinho a todos os japoneses que vieram construir o Brasil, sofreram e venceram dando a sua contribuição a esta terra maravilhosa.

Quero expressar também o meu respeito a todos os filhos e netos desses imigrantes que hoje fazem o caminho inverso e constroem a pátria japonesa, ou o que ainda resta do Japão.

ESTANISLAU M. CUNHA

ALIMENTAÇÃO E SAÚDE

Sempre que pensamos em qualidade de vida pensamos em exercícios físicos e alimentação. Essa frase está correta em parte, pois há que se considerar esse termo "alimentação"; saber o que realmente significa.

A maior parte das pessoas sente-se até refeita e revigorada após ter ingerido um copo de vitamina, aquela bebida feita de leite, açúcar e pedaços de frutas (abacate, banana, maçã e mamão) tudo batido no liquidificador. É, sem dúvida, uma refeição tonificante embora nem sempre as pessoas, de um modo geral, conheçam o porquê de comerem fibras ou minerais. Desconhecem o real valor de se comer pepino, figo, banana...

Sabemos que uma das atividades mais prazerosas desfrutadas pelo ser humano consiste em se alimentar, e se alimentar bem. A alimentação é muito importante para nós. A todo o momento estamos nos alimentando, quer seja de uma refeição, quer seja de um lanche ou frutas, bolachas, doces, salgadinhos, refrigerantes, sucos, etc. Diariamente fazemos, ou deveríamos fazer, duas refeições completas, isto é, aquela servida no prato. As outras são consideradas alimentações leves como sanduíche, pão, bolacha, sorvete, fruta, etc. Na prática grande número de pessoas opta por uma refeição mais rápida devido ao corre-corre da vida moderna. Todavia isso vai depender da nossa escolha, isto é, o que nós priorizamos. Isso é o que se chama de um cardápio de rotina para o brasileiro.

A meu ver, a alimentação parece ser a única atividade humana que realizamos com regularidade. Seu sabor e aroma são considerados por muitos como um dos grandes prazeres da vida.

Mas, por que nos alimentamos? Que são alimentos, afinal?

Nosso corpo é, em última análise, uma máquina muito bem estruturada em todos os sentidos. Vejamos nossos órgãos viscerais, por exemplo. São órgãos que possuem forma e função bastante independentes, diferentes uns dos outros. Entretanto suas funções correlacionam-se entre si, trabalham de maneira tal a atenderem as necessidades que o nosso corpo necessita.

Por serem diferentes possuem características tais que somente uma alimentação específica dará a eles as condições necessárias ao seu bom funcionamento. Vejamos um exemplo: cebola é um alimento que favorece o bom funcionamento dos pulmões, mas não dos rins ou do baço; o mesmo ocorre com o figo, o qual tem papel importante para os congestionamentos intestinais, contudo nada se referindo especificamente ao pulmão ou ao coração. Os alimentos estão aí na natureza a fim de que deles possamos retirar todo o subsídio necessário ao bom funcionamento do organismo como um todo.

Geralmente as pessoas falam em minerais, fibras, vitaminas e tantos outros termos desconhecendo seu significado e consequentemente sua função no organismo.

Podemos resumir dizendo que nos alimentamos, pois nosso corpo necessita dos materiais contidos nas refeições os quais ativam o funcionamento do nosso corpo. Em outras palavras, alimento é toda substância capaz de fornecer materiais para o nosso crescimento, renovação dos nossos tecidos e promover o funcionamento do nosso organismo como um todo. Através das vitaminas ocorre a regularidade do seu funcionamento.

Para que tudo isso seja possível é necessário que a nossa alimentação contenha todos os ingredientes básicos necessários ao bom funcionamento de todos os órgãos. Para tanto precisa ser regular e o mais variada possível. Dessa forma a refeição conterá todos os componentes capazes de ativarem o funcionamento de todos os nossos órgãos.

De um modo geral, a alimentação deve ser comedida em termos de quantidade, isto é, durante o almoço e janta a quantidade

de alimento deve ser tal que a pessoa fique satisfeita e sem a necessidade de exageros; e isso serve também para aqueles que desejam fazer dieta. O grande segredo é que a refeição seja a mais variada possível, pois sendo assim aumentam-se as chances de se nutrir cada órgão, potencializando assim suas funções.

A alimentação é tão importante que afeta o nosso comportamento e a nossa psique. Determinados desvios comportamentais são causados por falhas na alimentação causadas por anos de alimentação errada. Agressividade, desequilíbrios emocionais, impaciência para resolver problemas simples, depressão, dores de cabeça e outros, podem ser causados por erros na alimentação. E tudo isso acontece porque priorizamos o gosto e o sabor dos alimentos, mas não sua real função. Para a grande maioria das pessoas o importante é o sabor dos alimentos e não sua função.

Muitas pessoas convenientemente alegam que “possuem esse ou esses problemas”, pois, herdaram isso de um tio ou do avô, ou seja, qual for o parente. São, portanto, problemas familiares. Nada pode ser feito, isto é, não tem jeito, estão fadadas a terem esses problemas, a menos que, por magia, alguém faça algo por elas. Querem saber de uma coisa? Estão completamente erradas! Na verdade a pessoa pode até ter uma tendência ao problema (obesidade ou úlcera, ou seja qual for), contudo uma reeducação alimentar poderá retardar o aparecimento do mal, ou até mesmo evitar que se desenvolva. Quando me refiro à reeducação alimentar quero dizer que determinado alimento que lhe faça mal deverá ser retirado do cardápio; outro, entretanto que não seja lá do seu gosto, mas necessário a sua saúde, precisa ser consumido.

O hábito de se alimentar de frutas, verduras e legumes é uma atitude sábia e sensata, pois são fontes de vitaminas e minerais.

Infelizmente parece que as pessoas não se preocupam muito como deveriam acerca da alimentação. Parece que estão muito mais preocupadas com o sabor do alimento, deixando de lado o aspecto nutricional em si que, sem dúvida, é o mais importante.

Uma reeducação alimentar é imperiosa, e quanto mais cedo começar melhor. Mas atenção, ao mudar seus hábitos alimentares

para melhor não espere resultados imediatos, pois como devemos presumir existe a necessidade da substituição. Todo aquele produto proveniente de uma alimentação errada, ao longo de tanto tempo, encontra-se nas nossas entranhas, nos fazendo mal. Daí a necessidade de um tempo a fim de que o produto alimentar da reeducação tome o lugar do alimento indesejado. E isso obviamente leva algum tempo.

Ao que me parece, todos querem ter a alimentação mais saborosa possível, ter um corpo invejável ou próximo disso e gozar de perfeita saúde... Acreditam nisso? Nem eles!

Embora isso seja impossível todos nós nos preocupamos afinal com o nosso bem estar físico. Bem, essa é uma frase suspeita, pois é bastante comum percebermos que o discurso é um, mas a atitude é bem diferente. Ouvimos as pessoas dizerem frequentemente que para se manter a boa forma física são necessárias duas coisas: exercício físico e alimentação; e, pela décima vez reafirmam que a partir da próxima semana, ou a partir do próximo mês ou do próximo ano vão iniciar uma nova vida, cheia de regras e de horários. E mais uma vez nenhuma das duas coisas acontece, e mais uma vez adiam para uma próxima vez...

Existem dezenas de maneiras de se perder peso e entrar em forma. O problema é que a coisa não dá certo por dois motivos: ou as pessoas não dão continuidade ao tratamento ou misturam duas ou mais dietas diferentes. Alegam que funcionou com a amiga ou com vizinha, mas infelizmente não com elas. Com isso se sentem ainda mais deprimidas. Na verdade qualquer dieta que se preze funciona desde que seja levada a sério.

Contudo nem sempre a culpa é da pessoa, a vida atribulada do nosso dia-a-dia não permite um empenho e uma dedicação para esse fim.

Temos que ter consciência da necessidade de se fazer uma dieta.

A maioria das pessoas acha que para emagrecer são necessárias duas coisas: fazer dieta alimentar e praticar exercícios físicos tais como caminhada e movimentar bastante o corpo vestindo agasa-

lhos. Outras, entretanto procuram ficar sem jantar, pois assim vão perder peso embora isso nem sempre vá acontecer.

Para aqueles que possuem uma vida atribulada e não têm muito tempo ou disposição para freqüentarem uma academia, aqui vão algumas dicas para exercícios físicos os quais não tomarão mais que alguns minutos do seu dia. Poderão ser realizados em casa e sem a necessidade de um local ou equipamento apropriados.

Assim que você acordar, mesmo antes de se levantar fique deitado de costas com as pernas juntas e os braços estirados ao lado do corpo. Levante as pernas lentamente até mais ou menos uns trinta graus sem a ajuda dos braços ou das mãos. Em seguida abaixe-as lentamente. Faça esse exercício dez vezes levantando e abaixando as pernas. Esse exercício não levará mais que um minuto. Nos primeiros dias é um pouco difícil, mas com vontade e persistência você logo se acostumará. Seu efeito é fantástico, pois serve para perder a barriga e para tonificar os músculos abdominais. Esse exercício serve para ambos os sexos. O importante é que para o organismo não existem domingos, feriados ou férias e se você quer realmente resultados precisa empenho.

Para a tonificação dos seios ajudará muito se você, antes de se levantar, juntar as palmas das duas mãos na altura do tórax e comprimi-las uma contra a outra de forma intermitente por vinte vezes. Isso não dura mais que um minuto também.

Para os homens a indicação é fazer dez flexões. Esse exercício é importante principalmente para o aumento da massa muscular dos músculos bíceps e tríceps principalmente.

Um outro exercício também muito importante para homens e mulheres, o qual dura apenas um minuto, consiste em ficar de pé com os pés separados vinte centímetros. Erga os braços mantendo-os esticados acima da cabeça. Em seguida dobre o corpo para frente e tente tocar o chão entre os seus pés sem dobrar os joelhos. Levante o corpo e repita por sete vezes. Esse exercício além de tonificar a musculatura abdominal e glútea, é bom para o nervo ciático e alongamento dos músculos da coxa.

Outro exercício, para ambos os sexos, que serve para ativar a

circulação, consiste em você “correr ficando no mesmo lugar”, é como se você estivesse marcando passo, inspirando pelo nariz e expirando pela boca, três minutos.

Agora pense em todos os benefícios que você terá, em curto prazo, se você praticar diariamente esses exercícios, os quais levarão de cinco a seis minutos por dia.

No tocante a alimentação you deverá evitar: comer frituras, tomar bebidas durante as refeições, tomar bebidas gaseificadas e, é claro, comer massas.

Em compensação líquidos, não gaseificados, à vontade duas horas antes e duas horas depois das refeições. Frutas, legumes e verduras também à vontade.

Os minerais são alimentos muito importantes para o nosso organismo. Durante um exercício físico transpiramos bastante. E é pela urina e também pela transpiração que perdemos os minerais tão importantes. Sua reposição é imperiosa.

São os minerais os responsáveis pela manutenção do equilíbrio hídrico do corpo e também pelo metabolismo e, portanto, se transpiramos excessivamente sua reposição se faz necessária. As fontes primárias para a obtenção dos minerais são os legumes, as verduras e as frutas; mas os verdadeiros campeões são as algas, as quais chegam a conter até vinte e três tipos deferentes de sais minerais.

Cada sal mineral no organismo possui uma função específica. Assim temos, por exemplo, o cálcio que tem o papel de fortificar os ossos e os dentes. Além disso, melhora o nosso quadro imunológico contra a ação de microorganismos causadores de infecções. Como não bastasse o cálcio evita a perda de sangue excessiva em casos de hemorragias prolongadas. Leite, queijo e iogurtes são as fontes de cálcio. O cálcio é importante ao longo de toda a vida, quer seja durante a fase de crescimento, quer seja durante a idade madura quando então sua reposição é necessária devido a uma tendência natural da perda desse mineral do organismo.

O ferro é outro mineral muito importante, pois fortifica o sangue e facilita os processos respiratórios. O ferro é encontrado basicamente na couve e na gema do ovo.

O sódio e o potássio são minerais importantes para os nervos e músculos. O primeiro é encontrado no sal de cozinha e o segundo na laranja e na maçã.

Outro sal mineral importante é o cobre. Encontrado em frutos do mar, fava, ervilha, fígado e ameixa. É importante para a respiração e também auxilia na função da vitamina C, isto é, para uma função mais efetiva desta é necessário no organismo a presença do cobre.

Para muitos, a vitamina C é importante, como medicamento contra a gripe. Dessa forma ao primeiro espirro já pensamos em vitamina C.

Na verdade a vitamina C possui múltiplas funções no organismo: excelente no pós-operatório, pois combate as infecções, ajuda a combater o colesterol, revitaliza o colágeno, uma proteína que é responsável pela saúde da pele, ajuda na cicatrização de ferimentos, propicia o rejuvenescimento e fortifica a parede dos vasos sanguíneos evitando assim derrames.

Por todas essas razões devemos ingerir mais vitamina C, especialmente os fumantes e os não fumantes que vivem nos grandes centros, o consumo deverá ser ainda maior, pois o gás carbônico da queima do cigarro e aquele expelido pelo escapamento dos veículos automotores e chaminés de fábricas destroem a vitamina C do organismo.

Ao se consumir um suco de laranja devemos fazê-lo imediatamente após ser preparado, pois, caso contrário a vitamina C perde todo seu efeito e daí você poderá tomar sua laranjada, com aparência de suco de laranja, gosto de suco de laranja, porém sem a vitamina C.

Outro sal mineral muito importante é o cromo, cuja função é auxiliar a insulina, hormônio produzido pelo pâncreas. Toda vez que se ingere carboidratos é ativado o mecanismo de produção de insulina, hormônio que tem o papel de baixar os níveis de açúcar no sangue. O cromo é encontrado no milho, no frango, na carne e também no marisco.

A alimentação deve ser regular e a mais variada possível (um

pouco de cada coisa), nada de exageros, pois devemos ter em mente que o excesso deste ou daquele alimento pode lesar, enquanto que o pouco tem a função de tonificar.

Numa refeição devemos comer de tudo, mas atenção: carne vermelha apenas uma vez por semana, aves duas e peixe quatro vezes por semana cozido ou assado. O peixe é muito importante, pois além do ácido ômega 3 o qual combate o colesterol, possui ainda vanádio e zinco, importantíssimos para o metabolismo das gorduras e das proteínas.

Mesmo que não apreciemos o gosto deste ou daquele alimento. Não devemos comer apenas o que gostamos. Isto está errado, pois o fato é que este ou aquele órgão pode estar precisando de determinado componente presente naquele alimento indesejado a fim de exercer sua atividade de maneira eficiente. Caso esse alimento não seja ingerido regularmente e com moderação, esteja certo que, problemas advirão. Sem dúvida.

ESPEDITO PINHEIRO DE SOUZA

“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos”.
São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade
“(Declaração Universal dos Direitos Humanos-Art.I)”.

Professor Assistente de Graduação em Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Direito de Estado pela PUC/SP. É advogado. Publicou diversas obras e artigos, entre as quais: Manual de Ciência Política e Teoria do Estado e Limites Expressos do Poder Constituinte de Revisão Constitucional. É Oficial Superior da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente “Artigo” abordará um assunto que julgamos muito importante para a vida do homem na sociedade contemporânea, especialmente aos operadores do Direito, que, regra geral, são leitores assíduos da Revista da Academia Guarulhense de Letras-AGL, que, no dia-a-dia procuram estar sempre bem informados, não apenas com poesias e contos, mas também com temas jurídicos interessantes.

Trataremos, com base na doutrina pátria e na nossa experiência profissional, de forma sucinta, na área do Direito Constitucional, da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, que alguns autores preferem chamar de “Declaração Fundamental dos Direitos do Homem e do Cidadão”, também conhecida como Declaração Fundamental dos Direitos Individuais.

No ano em que comemoramos 60 (sessenta) anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁽¹⁾, julgamos oportuno escrever este trabalho que trata de algumas reflexões teórico-filosóficas sobre os Direitos Fundamentais do Homem, inseridos no citado Estatuto.

Assim, de forma objetiva, procuraremos abordar o tema sob o aspecto doutrinário, tomando por base os ensinamentos contidos na obra "Dos Direitos Fundamentais-contribuição para uma Teoria", de autoria do jovem e talentoso escritor Guilherme Braga Pena Moraes.

1. CONCEITO DE DIREITO FUNDAMENTAL

Por direitos fundamentais entendemos os direitos ou as posições jurídicas subjetivas das pessoas enquanto tais, individualmente ou institucionalmente consideradas, consagradas na Constituição⁽²⁾.

José Afonso da Silva⁽³⁾ ensina que os direitos fundamentais correspondem a situações jurídicas subjetivas de vantagem, sem as quais a pessoa humana não sobrevive, convive ou se realiza, dotada de eficácia jurídica mediante reconhecimento formal e efetivamente material em favor de seu titular.

2. DIREITOS FUNDAMENTAIS EM SENTIDO FORMAL

São direitos ou posições jurídicas subjetivas das pessoas enquanto tais, individualmente ou institucionalmente consideradas, consagradas em uma Constituição formal, ou seja, conjunto de

1. CF, art. 5º 'caput' - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

2. MIRANDA, Jorge. Manual de Direito Constitucional, Tomo IV, 2ª ed, p.7. Coimbra Editora, Coimbra, 1993.

3. SILVA, José Afonso, Curso de Direito Constitucional Positivo, 12ª ed., págs. 176/77. Malheiros Editores, São Paulo, 1996;

normas formalmente constitucionais por regras constitucionalmente em acepção formal, aquelas que são incluídas na Magna Carta, integrando ou não a estrutura fundamental do Estado.

3. DIREITOS FUNDAMENTAIS EM SENTIDO MATERIAL

São direitos ou acepções jurídicas subjetivas das pessoas enquanto tais, individualmente ou institucionalmente consideradas, consagradas em uma Constituição material, isto é, conjunto de disposições materialmente constitucionais. Por exemplo: declarações de direitos.

4. PRESSUPOSTOS

Conforme o entendimento extraído da obra-objeto desta pesquisa, os direitos fundamentais apresentam três pressupostos distintos:

4.1. O primeiro antecedente é a existência de uma esfera individual de ação própria e livre, mais ou menos ampla, frente ao Poder público. De modo que não há direito fundamental em Estado Totalitário ou em totalitarismo integral, mediante a inexistência de prerrogativas, conferidas ao homem pela Constituição, em face do Regime Político;

4.2. A segunda pressuposição é a existência de um Estado ou, no mínimo, de uma Comunidade política integrada, visto que não há direitos fundamentais em uma Sociedade separada em função de grupos ou condições observadas, não havendo a verificação de limitações impostas pela soberania popular aos poderes constituídos do Estado;

4.3. O terceiro pressuposto consiste na positividade jurídico-constitucional, isto é, a verificação de uma Constituição que, paralelamente à determinação da estrutura básica do Estado, reconhece e assegura direitos fundamentais.

5. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

5.1. Na antiguidade, em decorrência do Regime Político adotado: autocrático, não-democrático, não havia qualquer reconhecimento de direitos individuais, sobretudo pela impossibilidade de oposição pelo indivíduo, a um Estado ditatorial;

5.2. De acordo com ensinamentos de Sahid Maluf⁽⁴⁾ na sua obra póstuma, Teoria Geral do Estado, ensina que “a Declaração de Direitos Humanos é uma síntese do Estado Democrático, um resumo da Ciência Política autêntica e a razão de ser do próprio Estado”;

5.3. Como observa Pontes de Miranda⁽⁵⁾ “As declarações de direitos são partes mais importantes das constituições; a história das declarações de direitos e a melhor história das regras de fundo; a história delas e de sua prática, a melhor história da liberdade. É uma espécie de proto-história da liberdade”;

5.4. No texto constitucional vigente - CF 1988, a matéria direitos fundamentais vem tratada no Título II, Caps. de I a V (arts. 5º a 17);

5.5. A doutrina dos direitos individuais, conquanto lance as suas raízes nos “Dez Mandamentos da Lei de Deus, revelados a Moisés no Monte Sinai, há mais 30 séculos, foi desconhecida nos tempos antigos e medievais, como limitadora do poder governamental”.

5.6. As primitivas repúblicas gregas e romanas formularam apenas princípios de liberdade política, estes mesmos como privilégios de cidadania. Os cidadãos das “polis” e das “civitas” eram uma pequena minoria, enquanto a grande maioria era formada pelos escravos, plebeus ou párias, desassistidos de qualquer direito. Vale ressaltar que, segundo lições extraídas da obra do saudoso professor Sahid Maluf, acima citada, verifica-se que “os próprios cidadãos que

4. MALUF, Sahid, Teoria Geral do Estado, 26ª ed., Saraiva, São Paulo, 2006;

5. MIRANDA, Pontes, Comentários à Constituição de 1967 com a Emenda nº, Tomo IV, São Paulo, 1970

participavam das Assembléias Gerais e influíam no governo comunal não possuíam a liberdade civil nem a igualdade civil. O Princípio da Isonomia, formulado por Aristóteles, permanecia no campo técnico e na esfera restrita das configurações políticas”;

5.7. Os primeiros delineamentos dos direitos individuais surgiram na Inglaterra no séc. XIII, com a luta sustentada pelos barões e prelados contra o Rei João Sem Terra (1215) compelindo-o à promulgação da Magna Charta Libertatum, que continha 63 preceitos limitadores do poder monárquico. Eram preceitos típicos de liberdade civil, como o disposto no art. 39:

“Nenhum homem livre poderá ser preso, detido, privado de seus bens, posto fora da Lei ou exilado, sem julgamento de seus pares ou por disposição de Lei”.

5.8. A Magna Carta de 1215, a Petição de Direitos de 1627, o Bill Of Rights de 1668 e Ato de Estabelecimento de 1701, entretanto, acobertavam principalmente a Aristocracia, na sua reação contra a onipotência da Coroa que se transmutava em prepotência do Parlamento;

5.9. Por último, convém assinalar que com as Revoluções Liberais da América do Norte (1776) e da França (1789), séc. XVIII, foi que a doutrina dos Direitos do Homem, uma espécie de NOVO EVANGELHO, segundo a expressão de ESMEIN, firmou-se em bases jusnaturalista (Doutrina dos Direitos Naturais), tornando-se eixo diretor das estruturas constitucionais;

5.10. E, a partir do séc. XIX, todas as constituições democráticas do mundo moderno passaram a inserir no seu texto a Declaração dos direitos fundamentais do homem, preconizada nos moldes clássicos, com força limitadora do arbítrio do poder estatal.

NOTA IMPORTANTE: A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789, constitui o Preâmbulo da 1ª Constituição Francesa de 1791, com 17 artigos, ainda em vigor. Por ser um Instrumento histórico e legal, para maior clareza e entendimento do leitor vamos, nesta oportunidade, transcrevê-lo “in totum” no Anexo nº 1 deste trabalho.

6. INTERNACIONALIZAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM

6.1. O último momento da evolução histórico-doutrinária dos direitos fundamentais do homem é identificado pela proteção internacional, de maneira que esses mesmos direitos que, outrora, eram assegurados somente pelos Estados de cujo ordenamento jurídico emanavam, mediante o surgimento dos direitos difusos (coletivos), adquirem a possibilidade de serem resguardados por instâncias internacionais;

6.2. O saudoso professor Sahid Maluf, com brilhantismo, esclarece que a doutrina dos direitos individuais, violada ou postergada pelos Estados Totalitários, projetou-se depois das duas grandes guerras mundiais, para o campo internacional, a ponto de configurar o que MANDELTAM chamou de "Direito Comum da Humanidade".

Assim, diz o referido autor, "os direitos fundamentais da pessoa humana transcendem para o plano supra-estatal, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas-ONU, que, no dia 10 de dezembro de 1948, elaborou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, com o caráter de norma geral de ação para todos os povos e todas as nações, estabelecendo que todos os direitos e liberdades proclamadas na presente Declaração correspondem a toda pessoa, sem distinção de raça, cor, idioma, religião, opinião pública, índole econômica ou outra condição de nascimento, de origem nacional ou social (vide Anexo 2).

Cumpre-nos salientar que aludida Declaração é constituída por um Preâmbulo, com 7 considerandos e 30 artigos. Dada a importância desse grande Mandamento Universal e, para melhor compreensão dos leitores assíduos da Academia Guarulhense de Letras - AGL, achamos apropriada a transcrição "ipsis litteris" de seus dispositivos, no Anexo nº 2 da pesquisa em apreço.

Por derradeiro, compete-nos finalmente asseverar que o referido Estatuto, por si só, em face do Direito Internacional Público, não é dotado de eficácia plena. Corresponde a uma solene enume-

ração de Princípios e Resoluções, de significação moral, visto que a Assembléia Geral da ONU, não possui competência para editar normas providas de obrigatoriedade a seus Estados-Membros.

Nessas condições, a eficácia da Declaração em estudo depende de Pactos ou Convenções. Por exemplo: Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, formulados pelos Estados signatários. No que tange o Direito Positivo brasileiro, temos o disposto no art. 5º, parágrafo 2º, CF.⁽⁶⁾, tais declarações, depois de ratificadas, possuem eficácia em todo o Território Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de concluir este breve trabalho, inspirado nas palavras da brilhante lição do saudoso e eminente governador de São Paulo André Franco Montoro, professor emérito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, meu mestre de Teoria do Direito, Filosofia e Política, nos idos de 1982/83, quando asseverou que "a Declaração dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, é o maior documento do séc. XX e afirma uns valores fundamentais, universais e objetivos para o homem e o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana. E arre-mata: não basta ensinar Direitos Humanos. É preciso criar uma cultura prática desses Direitos. As palavras voam. Os escritos permanecem. Os exemplos arrastam. O caminho é avançar sempre no exercício da solidariedade".

6. Art. 5, parágrafo 2º CF : "Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte".

ANEXO Nº 1

DECLARAÇÃO DOS DIREITO DO HOMEM
E DO CIDADÃO (TRANSCRIÇÃO)

“Os representantes do povo francês, reunidos em Assembléia Nacional, tendo em vista que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos do homem são as únicas causas dos males públicos e da corrupção dos Governos, resolveram declarar solenemente os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem, a fim de que os atos do Poder Legislativo e do Poder Executivo, podendo ser a qualquer momento comparados com a finalidade de toda a instituição política, sejam por isso mais respeitados; a fim de que as reivindicações dos cidadãos, doravante fundadas em princípios simples e incontestáveis, se dirijam sempre à conservação da Constituição e à felicidade geral”.

Em razão disso, a Assembléia Nacional reconhece e declara, na presença e sob a égide do Ser Supremos, os seguintes direitos do homem e do cidadão:

Art. 1º - Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.

Art. 2º - A finalidade de toda a associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.

Art. 3º - O princípio de toda a soberania reside, essencialmente, na nação. Nenhuma corporação, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que dela não emane expressamente.

Art. 4º - A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo: assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem por limites senão aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. Estes limites apenas podem ser determinados pela lei.

Art. 5º - A lei não proíbe senão as ações nocivas à sociedade. Tudo que não é vedado pela lei não pode ser obstado e ninguém pode ser constrangido a fazer o que ela não ordene.

Art. 6º - A lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos têm o direito de concorrer, pessoalmente ou através de mandatários, para sua formação. Ela deve ser a mesma para todos, seja para proteger, seja para punir. Todos os cidadãos são iguais a seus olhos e igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade e sem outra distinção que não seja a das virtudes e dos seus talentos.

Art. 7º - Ninguém pode ser acusado, preso ou detido senão nos casos determinados pela lei e de acordo com as formas por estas prescritas. Os que solicitam, expedem, executam ou mandam executar ordens arbitrárias devem ser punidos; mas qualquer cidadão convocado ou detido em virtude da lei deve obedecer imediatamente, caso contrário torna-se culpado de resistência.

Art. 8º - A lei apenas deve estabelecer penas estrita e evidentemente necessárias e ninguém pode ser punido senão por força de uma lei estabelecida e promulgada antes do delito e legalmente aplicada.

Art. 9º - Todo acusado é considerado inocente até ser declarado culpado e, se se julgar indispensável prendê-lo, todo o rigor desnecessário à guarda de sua pessoa deverá ser severamente reprimido pela lei.

Art. 10 - Ninguém pode ser molestado por suas opiniões, incluindo opiniões religiosas, desde que sua manifestação não perturbe a ordem pública estabelecida pela lei.

Art. 11 - A livre comunicação das idéias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos desta liberdade nos termos previstos na lei.

Art. 12 - A garantia dos direitos do homem e do cidadão necessita de uma força pública; esta força é, pois, instituída para a fruição por todos, e não para utilidade particular daquele a quem é confiada.

Art. 13 - Para manutenção da força pública e para despesas de administração é indispensável uma contribuição comum que deve ser dividida entre os cidadãos de acordo com as suas possibilidades.

Art. 14 - Todos os cidadãos têm o direito de verificar, por si ou pelos seus representantes, da necessidade da contribuição pública, de consenti-la livremente, de observar o seu emprego e de lhe fixar a repartição, a coleta, a cobrança e a duração.

Art. 15 - A sociedade tem o direito de pedir contas a todo agente público pela administração.

Art. 16 - A sociedade em que não esteja assegurada a garantia dos direitos nem estabelecida a separação dos poderes não tem Constituição.

Art. 17 - Como propriedade é um direito inviolável e sagrado, ninguém dela pode ser privado, a não ser quando necessidade pública legalmente comprovada o exigir evidentemente sob condição justa e prévia indenização”.

ANEXO 2

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948) - TRANSCRIÇÃO

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo;

Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos da pessoa resultam em atos bárbaros que ultrajam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que as pessoas gozem de liberdade de palavra, de crença e de liberdade que viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do homem comum;

Considerando essencial que os direitos da pessoa sejam protegidos pelo império da lei, para que a pessoa não seja compelida, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão;

Considerando essencial promover o desenvolvimento das relações amistosas entre as nações;

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida e uma liberdade mais ampla;

Considerando que os Estados-membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais da pessoa e a observância desses direitos e liberdades;

Considerando que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

A Assembléia Geral proclama

A presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforcem, através do ensino e da educação, em promover o respeito a esses direitos e liberdades e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, em assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-membros quanto entre os povos dos territórios sob a sua jurisdição.

Artigo I - Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo II - 1. Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião

política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2. Não será tampouco feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo III - Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e a segurança pessoal.

Artigo IV - Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo V - Ninguém será submetido à tortura, nem tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo VI - Toda pessoa tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecida como perante a lei.

Artigo VII - Todas são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direitos a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo VIII - Toda pessoa tem o direito de receber dos Tribunais nacionais competentes recurso efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela Constituinte ou pela lei.

Artigo IX - Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo X - Toda pessoa tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um Tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ela.

Artigo XI - 1. Toda pessoa acusada de ato delituoso tem o direito de ser presumida inocente, até que a sua culpa tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.

2. Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão

que, no momento, não constituam delito no direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo XII - Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. Toda pessoa tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo XIII - 1. Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a ele regressar.

Artigo XIV - 1. Toda pessoa vítima de perseguição tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

2. Este direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos propósitos ou princípios das Nações Unidas.

Artigo XV - 1. Toda pessoa tem direito a uma nacionalidade.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo XVI - 1. Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

2. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

3. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Artigo XVII - 1. Toda pessoa tem o direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo XVIII - Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Artigo XIX - Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo XX - 1. Toda pessoa tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas.

2. Ninguém poderá ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo XXI - 1. Toda pessoa tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

2. Toda pessoa tem igual direito de acesso ao serviço público de seu país.

3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

Artigo XXII - Toda pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

Artigo XXIII - 1. Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Toda pessoa tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses.

Artigo XXIV - Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

Artigo XXV - 1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habilitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, o direito à segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistências especiais. Todas as crianças nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Artigo XXVI - 1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido no pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento e do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo XXVII - 1. Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

2. Toda pessoa tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autora.

Artigo XXVIII - Toda pessoa tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo XXIX - 1. Toda pessoa tem deveres para a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade são possíveis.

2. No exercício de seus direitos e liberdades, toda pessoa estará sujeita apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem, e de satisfazer às justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

3. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Artigo XXX - Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer dos direitos e liberdades aqui estabelecidos.

GASPARINO JOSÉ ROMÃO

UM MINUTO DE SILÊNCIO

Requiem a Flávio Trombetti

Um minuto de silêncio que a gente respeita e que, sempre um pouco mais que um minuto, eis que, na estupefação do instante, a gente fica na meditação de até faltar ao raciocínio nesse minuto de silêncio...

Para nós o que nos importa, depois desse instante, senão apenas voltar no tempo, não mais chorar que a saudade da ausência vai nos fazendo sentir, na nossa velhice, o vácuo que pode até exprimir o medo na aterradora visão de, pouco a pouco, estar se sentindo só.

Já não mais celebrar a alegria de olhar para a frente, entretanto, o temor ao sentir que se está ficando sozinho, que os formadores das idéias que começaram conosco, um a um, estão indo embora.

Mas, o que esperar ou fazer nesta vida, senão, apenas, assistir ao seu desenrolar e ir contando, ao seu derredor, os que ainda restam da ceifa que o destino, no cumprimento dos desígnios de Deus, vai laborando no dia-a-dia?

Viajeiros sem conhecer a meta do próprio caminhar, nós vamos seguindo à frente, apenas contando dos dias que passam e, já não mais esperando sucessos ou alegrias, tão somente presenciando os acontecimentos que o cotidiano registra no infundo esperar do amanhã sempre ignoto.

No cumprimento do nosso dever, quanta coisa nós deixamos para amanhã, sem que se nos apresente real, que o amanhã será sempre um hoje mais presente, que não se o deve esperar...

Pois, foi na expectativa desse amanhã, que eu deixei o meu hoje passar e não fui vê-lo e ouvi-lo, mais uma vez, no seu refúgio dos últimos dias, onde eu pensara estar ele apenas descansando mas que, ao final, ele estava contando os seus derradeiros instantes.

Mas, quem somos nós para reptarmos os desígnios da Providência senão, apenas, nos acedermos, resignadamente, ao que nos está reservado e, sem qualquer expansão de repulsa, conformarmos com o que as ordens dos céus nos estiver determinado?

Assim, é que, tão somente, cumpre-nos nas preces que na mini-postura dos nossos atos e da condição do que somos, pedir ao Todo Poderoso que receba nos seus domínios as almas dos justos ou dos que houverem, para tanto, laborado na breve passagem dos instantes da vida terrena.

Todavia, fica-nos o conforto de, ainda, podermos guardar a lembrança viva dos momentos, agora raros, que a convivência nos proporcionou, como reminiscência de coisas agradáveis que nem sempre são constantes, porém, passageiras no curso das nossas vidas.

“Deus quis que, todos os seres,
tivessem dor e ventura;
mas, para horas de amargura
deu minutos de prazeres”.

Entretanto, a mim que me foi dado o ensejo de uma convivência profissional e de amizade, já que a convivência na Academia de Letras foram momentos de dissipação de preconceitos e de insucessos ou de cansaços e desesperanças, procuro, tão somente, observar da vida instantes em que o céu da existência, sem nuvens mesmo brancas, apresenta-se-nos azul opalino de uma serenidade que só Deus nos oferece proporcionar...

Eu que o conheci, moço ainda, julgador em nossa Comarca mas, firme e definido nas suas decisões, sempre pude constatar-lhe o porte altivo nos seus julgamentos acima de quaisquer interesses pessoais, mas, tão somente ao império do Direito e da Justiça, posso dizer, sem qualquer medo de errar:

Tu foste um julgador e, tão serenamente,
cumpriste desta vida, em suma, o teu querer.
Nas glórias da Justiça levaste, em tua mente,
os frutos primorosos do culto do dever.

Jamais, no cumprimento do teu labor latente,
na guerra dos processos entregues ao teu saber,
tergiversaste um dia e, justo, tu somente
fizeste do Direito a luz do teu viver.

Não foste um Juiz iníquo qual da Bíblia houvera
julgaste, equilibrado, as causas que aprovou
o rol dos julgamentos, de insônia e de sustos.

Assim, serenamente, andaste em teus caminhos
juncado, tantas vezes, de pedras e espinhos.
Em paz, dorme o teu sono que Deus reserva aos justos.

Comigo, ele foi um dos fundadores da Academia Guarulhense de Letras, um dos precursores de um movimento que descobriu os maiores cultores da “última do Lásccio inculta e bela”, até, então, escondidas no anonimato.

Foi um dos presidentes e muito engrandeceu o Sodalício, com a sua cultura invulgar demonstrada, não somente quando juiz, porém, dos seus escritos que por demais enriqueceram a nossa Revista Anual.

A nossa Academia não poderia omitir-se em render-lhe homenagem póstuma, pois que ele, não tendo morrido por ter sido um imortal, estará sempre presente nas nossas atividades todas, como um Machado de Assis ou Bilac que não morrem, sempre vivos, na Academia Brasileira de Letras.

Um dia – há sempre um dia, – brotou em nossa terra,
no fulcro das idéias um ideal maior.
Um grupo de homens cultos, que o ideal encerra,
plântou como semente de vida e esplendor.

A nossa Academia, em seu grito de guerra,
nas glórias de um dezembro nasceu, com fé e amor.
Das letras de Guarulhos qual plátanos na serra
seu nome, seu prestígio, sem nada a se lhe opor.

Tu foste dos primeiros, audaz e sem cansaço,
sereno idealista fizeste, neste espaço,
do teu idealismo o culto do saber.

E, enquanto cultivavas das letras a ciência,
soubeste no labor da tua sapiência
as letras desta terra tão bem enaltecer.

Flavio Cleto Giovanni Trombetti,
Requiescat in peace!

UM REI QUE A BIBLIA ESQUECEU

Que se encontrariam num determinado lugar, de onde partiriam para a grande jornada, juntos, em busca do sítio onde nasceria o salvador dos homens, foi o que haviam combinado, para cujo dever não se poderia ocorrer qualquer atraso, que a hora da partida seria exata, sem nenhum retardamento e que todos levariam presentes ao recém-nascido.

Eram quatro os Reis sagrados, quem sabe até, representando os pontos cardeais da Terra formando, assim, o que se poderia chamar uma representação de dignidade, bem à altura e importância do destino ideado para a caminhada.

Quatro Reis que, embora nobres, ainda, seriam pequenos na representação que a grandiosidade do visitado poderia exigir que, mesmo levando ouro, incenso e mirra, quicá, levassem na alma o

valor mais expressivo que ousassem conduzir que, na sua comitiva, a fé e o gozo do instante da visita, simbolizassem o motivo maior.

No dia da arrancada um deles, não se sabendo o motivo, não chegou a tempo e, como aprouvessem não retardarem um minuto sequer, partiram os três que a pontualidade fizera-os chegar no instante azado, enquanto o quarto deles, que motivo estranho não lograra chegar a tempo, ficou para trás.

Para não perderem tempo concluíram que a noite não os impediria na caminhada e, para surpresa e mistério, encontraram entre as cintilantes estrelas, uma que se destacou pelo seu porte e brilho e que, caminhando entre as miríades outras, foi-lhes indicando o caminho a seguir na solidão da noite.

E aquela estrela os guiou e os levou até o estábulo onde estavam o menino, os pais e eles que esperavam encontrar um palácio resplandecente e invulgarmente iluminado, com criadagem a prestar as mais elevada honras ao recém-nascido, toparam apenas o pai, a mãe e animais domésticos um boi, um carneiro, um jumento e um galo cantando ameudadamente, que parecia acordar o mundo repetindo no seu canto onomatopéico: "JESUS CRISTO NASCEU..." Enquanto o boi a mugir parecia inquirir: "AONDE, AONDE, AONDE..." E um sino na torre da Igreja distante a responder nos seus repiques: "BELEM, BELEM, BELEM..." Foi aí que os Reis Magos entenderam o lugar do nascimento do Deus Menino e compreenderam que a riqueza maior não está nas coisas e objetos preciosos da Terra, porém, ínsitos nas fibras mais sensíveis da alma da gente, quicá, camufladas no mais profundo silêncio que a gente resguarda às investidas do pensamento vaidoso que tumultuado às vezes, plasma-se em busca de coisas vãs e efêmeras...

E os Reis magos ficaram por ali naquele estábulo e, a render graças, ajoelharam-se cantando as suas preces, deixando seus presentes e partiram de volta aos seus reinos e nunca mais se ouviu falar sobre eles, apenas se soube chamarem-se GASPARGO, BELCHIOR E BALTHAZAR... Entanto, só se falou, desde então, no menino recém-nascido apesar de toda a simplicidade e pobreza, numa cachoeira, para servir de exemplo ao mundo que a verdadeira

riqueza não se encontra nas vitrines das jóias raras ou nas douradas prateleiras, mas, nas coisas simples revestidas do sentimento de pureza e na bondade diáfana das almas esclarecidas.

Entrementes, o Rei que ficou para trás no caminho, por desconhecer o caminho e não foi com os outros na busca do Deus-menino, ele era médico e, na hora da saída, teve que retardar um pouco a sua caminhada, no atendimento a um caso de emergência que demandou-lhe mais que o tempo esperado que, ao atinar com o local da partida, perdera a hora e, os demais que conheciam o caminho, já haviam partido.

É assim mesmo a vida. Quantas vezes perdemos o momento das coisas e ficamos parados sem nos atinar ao procurado e temos que mudar os nossos objetivos em busca de outros até mesmo contrários e contraditórios...

E, foi assim que Artaban, não havendo alcançado os companheiros para a viagem, ficou por ali e esqueceu até mesmo, com o passar dos dias, o objetivo que o levava a chegar àquele lugar e entendeu que no regresso os outros voltassem por ali.

Na resolução de esperar os companheiros na volta, nem mesmo retornou ao destino de origem e ficou, por outro motivo talvez que... cruzando no seu caminho uma colônia de leprosos, entendeu pudesse na espera da volta dos outros três, ficar parado um pouco, prestando serviços médicos àqueles doentes e ele, que jamais tornou os que com ele viajantes, perdeu-se na voragem do tempo que não pára, na prestação de serviços aos necessitados que eram incontáveis e sem nenhuma esperança de cura...

E o tempo implacável foi passando, passando... Quanto tempo?... mais de trinta anos, talvez...

Ficou velho que até a mente lhe embotara que esqueceu um fracassado objetivo e, nessa frustração de um ideal sagrado a mocidade lhe fizera engendrar, nem sequer da casa que deixara na distância atrás, para a perseguição de um trabalho sem glória e tão anônimo que ele próprio já desaparecera como um ser inexpressivo no mundo dos homens, na coletividade dos representativos e vencedores. A despreensão de tudo fizera-o esquecer o que o mundo lhe pudesse

oferecer de mais belo para aniquilá-lo até numa comunidade de impuros e indesejáveis, mesclado com eles...

No marasmo da torpe rotina de só ver a frente portadores da incurável maldição que, pouco a pouco corroendo vai na desfiguração da imagem humana ao ponto de transformar, em menos que um verme, o seu portador ele que se imiscuira, voluntariamente, no meio deles, já se deixara tomar, não pela lepra do corpo que deturpa a parte material do homem, porém, pela impressão do esmagar da vontade que se desmancha num apagar de cores na alma daqueles que, como um gás infectante, mesmo assim, se evaporam na mescla de outros elementos na composição do ar.

Naquele torpor de vida nada mais lhe valia a pena que, para ele, tudo se restringia à rotina de um trabalho inglório no atendimento a que se dispusera dos leprosos daquela colônia que sempre aumentava pelos novos que chegam, mas que, indiretamente, se reduzia dos anônimos mais velhos que iam morrendo, sempre se desfazendo pela doença, como uma morte em vida, na vida que para eles, não era mais...

Assim, a vida... Todos caminham, sempre à procura dos seus próprios destinos; uns, embora se cansem e, nos topos dos caminhos tropecem, levantam-se quando caem no meio da caminhada e, batendo a poeira, encontram novas forças para andarem mais à frente que, ainda, não é ali o seu ponto final na andança.

São aqueles que, olhando sempre além, buscam o seu limite do horizonte, querendo atingi-lo para encontrarem lá o pomo dourado das ilusões que formaram e que esperam encontrar a qualquer dia. Outros que não têm ânimo forte para se levantarem, rastejam na poeira permanecendo caídos ou batem em retirada na busca do ponto deixado atrás...

Podem até não serem os vencidos, porém, os que não têm a fibra necessária para um vôo maior e mais alto e se satisfazem com o pouco ou quase nada que a sorte logrou-lhes oferecer como destaque indicativo para o começo da viagem...

Quantos são encontrados, não sabemos se semi-mortos ou semi-vivos, curtindo uma velhice acomodado num salário mínimo

que a sorte lhes deu para sobrevivência, apenas confortados, que não seguiram a frente, pois, só pensaram nos insucessos, sem perceberem que a vida é uma eterna luta em que aqueles que não se acomodam, conseguem alcançar um patamar mais elevado...

Mas... às vezes estamos andando sem percebermos que assim estamos pois, que não pára nunca, é uma sucessão de acontecimentos numa constante e incessante mudança que o próprio minuto que passa já não é mais igual ao que passou...

Um dia a colônia dos leprosos é despertada por uma inusitada notícia que, alguns que haviam saído de lá, voltavam a propalar ao meio de todos os que ficaram que, já desertados de qualquer esperança de uma melhora, conformaram-se em morrer vagarosamente e aos poucos, na consumição da degeneração dos sentidos sem a visão de uma esperança, mesmo como um fogo-fátuo a se desfazer na apagada e falsa luz que desprende ou da visagem enganadora das ondas do sol no deserto na distância...

E, aqueles homens, renascidos e cheios de vida nova, mostravam as mãos, os lóbulos das orelhas e o rosto limpos e perfeitos e diziam haverem sido curados e limpos pelo simples toque de um homem santo que vinha pregando o reino dos Céus, insinuando despertar os homens da sua descrença para uma vida melhor em um reino que não era deste mundo...

De repente, como que desperto de um sono letárgico, ARTABAN, testemunhando o milagre daquela cura, saindo da inconseqüência do seu marasmo, traz de volta a memória esquecida, que a poeira do tempo apenas encobriria e não fizera desvanecer, levanta-se em sobressalto e diz para a sua própria consciência: "É ELE! É ELE!..." E, deixando tudo parte, na alucinação dos que acordam de um pesadelo, tresloucadamente, vai à procura daquele homem! E chega a Jerusalém, a Jerusalém do mais triste espetáculo que aprofundara oferecer ao mundo e à Terra, o sacrifício de um Deus que se dispusera ao martírio para que pudesse a humanidade redimir-se das mazelas espirituais e morais.

Apenas, no caminho, ele atrasou-se um pouco mais que, encontrando um grupo de homens e de soldados que iam apedrejar

uma mulher adúltera, com a última pérola que possuía, restante dos presentes que levava quando do início da viagem de que ficou no caminho, deu-a aos soldados para que perdoassem a infeliz.

Ao chegar a Jerusalém, contudo, já presenciou o terrificante espetáculo da caminhada do Filho de Deus carregando a madeira para o sacrifício final e, vociferante, a ignara multidão compondo o séquito macabro daquela truculenta decisão que o levava ao holocausto.

Numa posição arrebatada, quiçá, impregnada de algum sentimento de culpa, Artaban tentou varar a multidão e aproximar-se, pelo menos no instante derradeiro, do Filho do Homem, quem sabe, até a carregar-lhe a cruz...

Entretanto, foi obstado na sua investida pelos que seguiam o séquito, tombando desfalecido por uma pedrada que lhe arremessaram na cabeça...

Quanto tempo desmaiado, não se sabe. Ao recuperar os sentidos, entretanto, pode uma calma de aspecto quase tumular, presenciar já no lusco-fusco da tarde que morria, que um vento frio e sibilante tornava, ainda, mais constrangedora, o último ato da tragédia do Calvário.

Estremunhando, tornou-se à realidade, quando avistou no topo do Calvário as três cruces em que estavam crucificados Gistas do lado esquerdo, Dimas do lado direito e, no meio dos dois celerados, Cristo, braços abertos num simulacro de abraço à toda a humanidade...

Ante tão alucinante, quão doloroso espetáculo, Artaban, engolindo as lágrimas e reprimindo os soluços, murmurou dirigindo-se ao Deus crucificado, palavras carregadas pelo vento da tarde:

"Perdão, Senhor que, pela minha inconseqüência e desídia eu não lhe continuei à procura e, agora, nestes finais instantes, eu não consegui chegar a tempo. No início até esqueci-me de Ti e fiquei acomodado no caminho e, no fim, não andei depressa e cheguei fora de tempo",

Entrementes, no sussurro do vento que passava, ele ouviu a voz do Filho de Deus que respondia:

“Não chegaste tarde, pois, jamais de mim afastas-te, que todos os dias sempre estiveste ao meu lado, quando renunciando às ofertas do mundo, passaste os melhores dias no trabalho sem vaidade e convívio com pobres e discriminados pelo sentimento de repulsa que anima os mais aquinhoados da sorte.

Mais que os outros três, que só me viram no nascimento, viste-me a vida inteira nos bem-aventurados de que logravas minorar-lhes os sofrimentos...”

E Artaban, ao ouvir as palavras do Deus que buscava, sentiu que o verdadeiro Cristo não é o homem que a gente procura visionar, porém, ele está no nosso semelhante que, necessitado, nós o socorremos nas suas vicissitudes.

Que dentro de nós carregamos o próprio Cristo Jesus, verdadeiro, impregnado pelos nossos atos, expresso nas nossas atitudes que tomamos se delas ressumbrar tão somente o sumo da caridade autêntica, que se espraia no ar da vida, sem a expectativa da recompensa, no anseio indômito de praticar o Bem, quiçá de não se o fazer como forma de esperar recompensa ou reconhecimento.

Que este Cristo, ínsito no nosso sentimento mais puro, transcenda às nossas vaidades e nos inspire em todos os nossos passos na caminhada da vida...

ISABEL BORAZANIAN M. DE OLIVEIRA

“MÃE

Sra. Techkoun Borazanian

Semblante sereno
 fortaleza interior
 amor constante
 embalou momentos
 contou histórias
 cantou memórias
 realizou intentos
 encorajou sonhos
 impulsionou atitudes
 solucionou embaraços
 dava e recebia
 muitos beijos e abraços
 otimista, realista, valente
 carinhosa, dengosa, inteligente
 verdadeira, alegre, coerente
 Viveu lindamente!!!
 Mãe
 I love you!!!
 Te amo pra sempre!!!
 Eternamente...

GRITO SEM SOM

Gesto impulsivo
Ato inesperado
Arte banhada em vinho
Vinho cor da tela
Tela cor de vinho
fusão de cores
reflexo das dores
Grito sem som
Silêncio que fala
protesto, dor...
medo, amor...
lucidez, torpor...
Grito sem som
Unidade desunida
expressões misturadas
nudez vestida
Grito sem som
Arte banhada em vinho
Vinho cor da tela
Tela cor de vinho
fusão de cores
reflexo das dores
Grito sem som...

DOCES MEMÓRIAS

Sensações de um tempo passado
invadem todo o meu ser
A nostalgia me abraça
fazendo a saudade nascer

E o tempo passado, ido
invade a minha emoção
memórias, doces memórias
memórias do coração

PRINCESA LUA

Princesa lua
reveste nua
a essência ilumina
na rua
a Lua
penetra nua
na terra
na água
no ar...

VAZÃO

A luta maneira cessou
 a reflexão se assumiu
 o grito guardado fugiu
 a sede nos pés, brincou de beber
 a pele arranhou-se de prazer
 a canção abriu meu peito
 que logo foi correndo
 atrás das vibrações
 que seguram o tempo
 que existo

INSTANTE

A lua gritou
 A rua se abriu
 O céu se assustou
 A chuva caiu

IRONIA

Tanta pressa no tempo
 Que o vento sopra
 e não retorna jamais

A Arte é a expressão dos sentimentos, captados pelos sentidos.

POEMA QUEBRADO

Viver momentos
 onde o bicho papão
 rosna nas ruas
 aprisionado nas esquinas
 agachado na escuridão.
 Viver momentos
 onde o lamentar das incertezas
 tem gosto de sobrevivência
 tem cheiro de trabalho
 tem sentido por ações.

ENCONTRO

A poesia	em desalento
trancada	é um poema
em meu peito	em meu peito
é um poema	trancada
em desalento	a poesia
A poesia	tem sabor de poema
dos meus dias	dos meus dias
tem sabor de poema	a poesia
A concordância	em meio ao morro
na rima	é um samba
é um samba	na rima
em meio ao morro	a concordância

JOGO ABERTO

Na luta, a fala arriba
 a sentença do que é.
 Nos momentos as seqüências acontecem...
 Na formosura de existir lua, sol e ar
 as falas se prostituem
 a razão se entorpece
 o visual se empobrece
 na terra que se ordenou.
 Onde ideais, idéias e ideologias
 passam a ser fonte de arrelia
 e seres deturpam e distorcem
 o acreditar, o querer, a própria vida...
 Passando a sentir os sentidos trancados
 por bestialidades que vivem a se impor
 a essência, riqueza maior
 é abafada pela procura cega
 de procurar o que é, o que está
 sem perceberem que não estão sendo
 por se fugirem,
 e ignorantes, presos pelas seqüências
 de acreditarem no fazer valer momentos,
 esquecem do intento, da sensatez e de se amarem,
 e se agridem embriagando-se em bares
 em falsos jogos de sexo
 bifurcando razões que passam
 A serem acreditadas como verdades ideológicas,
 que infelizmente acontecem em falsos agasalhos de segurança
 A moda pega!!!
 A cabeça gira
 e a não sinceridade
 vasculha o espaço e penetra no ar
 e me sufoco

consciente da falsa idealização
 onde todos cantam parabéns
 sorriem para o bolo
 que abusa da fortaleza maior
 e tem gosto de sepultura.

INTENSIDADE

O poeta falou
 das alegrias do amor
 O poeta cantou
 a poesia da dor
 O poeta sonhou
 e o sonho se fez tão forte
 que passou de sul a norte
 entre as células do meu coração

NO AR...

A violência paira no ar
 e tem cheiro de cidade
 A cidade rosna em agressividade e medo
 que vêm estampados nas faces
 endurecendo corações e ações.
 Violentamente a violência sobrevive
 É que o medo não mora mais na esquina
 O medo agora habita o interior de cada um.

BLEFE

Abstiveram-nos de verdades
 Amofinaram nossas razões
 Condiçionaram nossas razões
 Renascer por entre escombros - renascer
 impulsionados pela injustiça
 alicerçados pela razão
 imbuídos de verdades e emoção
 Renascer, voluntariamente
 lutar e renascer
 E num soco alienante
 eu grito, ele grita
 e o mundo bestamente nos faz calar

ACONTECIMENTO

A espera acontece pelo próprio tempo.
 A boa senhora, visível aos olhares humanos,
 dá um pulo no meio da avenida
 brinca e acredita ser a mulher maravilha.
 Em solavancos loucos em descrever
 razões e ações,
 a poesia acontece
 porque existe
 e a mulher maravilha da avenida
 descasca um picolé,
 sai cantando Noel Rosa,
 sobe na bicicleta que há muito tempo
 morava no fundo do quintal,
 desce pelo túnel invisível,
 cruza a esquina do lirismo

e recebe uma flor do homem
 mais maravilhoso do mundo.
 Sorri com a banguela bonita,
 dá uns tapinhas amigo
 nas costas do sapo,
 abre e adentra a porta da esperança
 Ajudada pelo vagalume
 acaricia a escuridão da inocência,
 rabisca versos de amor,
 deita na pedra, rola, ama,
 se entrega,
 mexe e remexe,
 dá um suspiro profundo
 e segue viagem pro céu
 dizendo um adeus feliz.

POEMA MOLHADO

Duas lágrimas
 penduradas em cordas
 improvisadas pelos cílios
 torciam-se
 descendo entre obstáculos de nós
 vacilavam, breavam
 doloridas, magoadas, amuadas e indecisas
 elas aconteciam no jogo de nós
 e num determinado nó
 falsearam na segurança
 e rolaram mansamente
 afundando-se calmamente
 na carne fofa e suave
 do amigo travesseiro.

FLEXIBILIDADE POÉTICA

Na busca	Pra dor	A procura	Na busca
A procura	Se entregava	Procurava	Pra dor
Procurava	Rangia	No apelo	Se entregava
No apelo	O sossego	O sossego	Rangia
Rangia	Procurava	Se entregava	No apelo
Se entregava	A procura	Pra dor	Procurava
Pra dor	Na busca	Na busca	A procura

DANÇA

Dança a linda menina
 Dança com muita leveza
 Dança, dança, dança, dança
 Dança com muita presteza

Dança, dança, dança, dança
 Dança a linda menina
 Dança tão suavemente
 Ela nasceu bailarina

Dança a linda menina
 Dança tão alegremente
 Dança, dança, dança, dança
 Seu bailado é envolvente

Dança a linda menina
 O seu nome é Carolina
 Dança, dança, dança, dança
 Ela nasceu bailarina

BRINCADEIRA DE RODA

Vozes soltas
 ciranda cantada
 Alegria
 semente espalhada
 Brincadeira de roda
 Folia
 Brincadeira de roda
 Magia
 Roda, roda, roda
 as mãos abraçadas
 Vão formando
 ciranda rodada
 Brincadeira de roda
 é magia
 Brincadeira de roda
 é poesia
 Roda e canto
 A ciranda é formada
 Canto e roda
 Brincadeira encantada

JOSÉ AUGUSTO PINHEIRO

O MEU HERÓI

O meu verdadeiro herói é uma pessoa bastante simples. Chama-se Paulo, “já fez 28 anos” e presenteou-me com um nome e um exemplo. Ele jamais foi campeão mundial de coisa alguma, tampouco é reconhecido nas ruas como um grande astro (no máximo, é reconhecido pela eterna companhia de um guarda-chuva).

Lembro-me sempre dos versos de uma canção de Marcos Valle, que fez algum sucesso nos anos 70 e que dizia: “Meu herói já chorou, já morreu de medo. Meu herói é fraco, ele é um fracasso. Meu herói é amor, só sabe dar beijo; nunca foi de briga, se brigar apanha. Meu herói é isso...”. Essa letra pode não ter sido escrita para esse meu ídolo, mas reflete o que cada um de nós sente pelo próprio pai.

SENHORAS E SENHORES,

Apresento agora, o meu grande herói:

Nome: Paulo Rodrigues Pinheiro.

Idade: 70 anos (25.01.1928).

Cidade natal: Nazaré Paulista, SP.

Estado civil: casado com Anna, desde 1954.

Filhos: Cinco. João Paulo, Marilúcia, José Augusto, Jorge Luiz e Márcia.

Netos: 6,3. Thais, Tharcila, Thatiana, Santhiago, Érick, Giúlia e “o (a) que vai chegar em junho ou julho”.

Profissão: padeiro aposentado.

Grau de instrução: primário incompleto; PHD na escola da vida.

Passatempos: fazer pães e tirar fotos da família.

Principais virtudes: franqueza, espontaneidade e honestidade.

Esse homem é meu pai...

Amanhã ele completará 70 anos. Ainda jovem, saiu de sua cidade em busca de um futuro melhor. Conseguiu!

Casou-se aos 26 anos; aos 27, foi papai pela primeira vez.

Ele estava com 35, quando eu nasci. Trinta e cinco anos eu completarei daqui a alguns dias. Mesmo assim, continuo me sentindo um garoto, como quando ele trazia balas num saquinho de papel para mim e para os meus irmãos mais novos; ou quando ele me levou para passear em sua bicicleta e um dos meus pés enganchou nos aros da roda traseira. Ele me prometeu um doce se eu parasse de chorar. Ganhei um chocolate “bis” (era tudo o que ele podia comprar, naqueles tempos difíceis).

Esse homem simples que escolhi para ser meu pai foi sempre muito paciente. Quando jovem eu tinha a impressão de que ele era bravo; parecia estar sempre nervoso. Hoje eu percebo que não podia ser diferente, pois ele tinha receio de não poder sustentar a sua família.

O fato de trabalhar sempre de madrugada, fazia dele uma pessoa com todas as desculpas para ser um chato. No entanto, ele deixava que eu e meu irmão Jorge “Manga” brincássemos de futebol, bem perto da janela do quarto onde ele dormia - ou tentava dormir.

Mesmo sem estudo, ele fez gosto em perceber algum interesse dos herdeiros em progredir e aprender. O melhor padeiro que já conheci queria que os filhos seguissem uma carreira honesta e que fizessem o melhor trabalho possível, dentro de sua capacidade e esforço. Ele nunca disse: “Filho, seja alguém importante para que eu me orgulhe de você”. Mas, sim: “Filho, seja uma pessoa correta e eu jamais me decepcionarei com você”.

Meu herói é uma pessoa comum. Não se deve esperar dele palavras de grande sabedoria ou histórias que encerrem lições definitivas sobre a trajetória humana na Terra. No entanto, as suas maneiras e o seu sorriso inconfundível despertam a atenção de quem busca a essência da felicidade, contida exclusivamente na simplicidade. Quem deseja ser plenamente feliz não será bem-

sucedido caso tente ser o “papai sabe-tudo”. Ninguém consegue, ainda que não queira admitir isso...

QUANDO UM HERÓI FALA

“Filho,
 não dê o passo maior do que as pernas...
 não permita que alguém precise bater à sua porta, cobrando-lhe uma dívida...
 não tente mostrar aos outros algo que você não é...
 não tenha motivos para abaixar a cabeça quando vir alguém...
 não se esqueça de que as pessoas, no mínimo, merecem respeito e atenção...
 não deixe de agradecer a Deus por todas as bênçãos recebidas.”

Esses foram os principais ensinamentos que obtive com este herói. Conviver com ele tem sido um proveitoso curso sobre as leis materiais e espirituais que nos devem nortear.

O DIREITO DE RESPOSTA

Neste momento tão significativo, também quero transmitir-lhe uma mensagem:

“Pai,

O senhor sempre foi um exemplo para mim do que é correto. Um modelo de honestidade, de determinação, humildade e educação. Poucas vezes o vi falando palavras feias e, bem sabemos, o senhor poderia encontrar mil razões para se exaltar e perder o

controle. Os seus defeitos, pai, serviram para confirmar a tese de que o senhor também é humano; e, como tal, também tem o direito de errar para aprender a acertar.

Quero agradecer-lhe por todas as ocasiões nas quais o senhor me ajudou no passado, e que a minha falta de visão me impediu de reconhecer.

Aproveito a oportunidade, pai, para pedir o seu perdão pelas vezes que o magoei e, também, pelas palavras que o senhor gostaria de ouvir, mas que eu não pronunciei no momento oportuno.

Sou grato porque o senhor me deu a vida, por meio do seu amor pela minha mãe; porque o senhor me mostrou o caminho do bem; porque o senhor sempre desejou a felicidade e a realização dos seus filhos.

**Deus lhe pague.
Feliz aniversário, herói.”**

ETERNO DIA DOS PAIS

Não deixe para amanhã o abraço que você pode dar hoje

No domingo, 10 de agosto (2003), será comemorado o Dia dos pais. Será uma excelente oportunidade para a família se reunir e confraternizar-se em torno dessa figura ímpar. Presente em nossas vidas desde o momento supremo da concepção, o verdadeiro pai é aquele que participa ativamente da vida de seus filhos, dando a orientação e o amor necessários para permitir um futuro de alegria para seus descendentes.

Contudo, não creio ser necessário aguardarmos uma data específica para retribuirmos, ainda que parcialmente, as inúmeras oportunidades de aprendizado que esse grande homem nos proporcionou. Ele esteve presente ao lado de mamãe durante o período

de gestação; levantou-se de madrugada para procurar uma ‘enigmática’ fruta ou um prato exótico para saciar certos desejos; promoveu inúmeras mudanças em sua rotina diária para aguardar nossa chegada.

Após o nascimento, lá estava ele novamente ao lado de sua amada esposa, acompanhando nossos primeiros choros; trocando e lavando fraldas; medindo a nossa temperatura e, por vezes, transportando nosso corpinho em constante crescimento para tomar vacinas; para aprender a ler, a escrever e a dominar os números; para procurar o primeiro emprego; para os primeiros olhares de romantismo...

Eu tenho a sorte de ter um excelente papai aqui na Terra. Paulo Pinheiro nasceu em Nazaré Paulista, foi um padeiro de mão-cheia (ainda faz pães deliciosos), tem 75 anos e sabe sorrir como poucos. Há alguns dias, ele se submeteu a uma cirurgia na qual precisou extrair a vesícula – que já estava com o prazo de validade vencido. Graças a Deus, meu pai passa bem. Peço sua bênção, hoje e sempre! Feliz dia, pai.

PAULO RODRIGUES PINHEIRO, 80 ANOS

25 de janeiro de 1928, no dia em que a capital do Estado completava 374 anos, nascia na vizinha cidade de Nazaré Paulista, o menino Paulo Rodrigues Pinheiro. Trabalhou na roça e, por esforço próprio, matriculou-se na Escola Rural, onde aprendeu a ler e a escrever.

Em 1944, com 16 anos, Paulo foi trabalhar em uma padaria de Nazaré, lá permanecendo até os 20 anos. Quando seu pai José faleceu, em 1948, Paulo voltou para o sítio. Mas não era esse o caminho que queria para sua vida...

Em um certo e abençoado dia daquele ano, um colega propôs a Paulo que ambos fossem trabalhar em uma cidade grande:

Guarulhos. A idéia foi aceita de imediato. Os dois amigos começaram, então, a prestar serviços em uma olaria. Serviço duro e desgastante...

Paulo vinha sempre para a Vila Galvão, onde comprava pães na Padaria Santo Antonio, na rua São Bento, de propriedade dos senhores Gumercindo e Alberto. Foi o iluminado colega de Paulo quem fez a indicação de seu trabalho como padeiro.

As históricas palavras foram estas: "Sr. Gumercindo, este jovem é padeiro - e dos bons! -, mas infelizmente está desperdiçando o talento em uma olaria". Surgiu, então, o convite para trabalhar na padaria. E Paulo aceitou!

No dia 11 de setembro de 1954, ano do IV Centenário da capital, Paulo se casou com Anna.

Nesses 54 anos, a união frutificou. E muito:

São cinco filhos - João Paulo, Marilúcia Brasília, José Augusto, Jorge Luiz e Márcia.

Nove netos - Thais Helena, Tharcila, Thatiana, Santhiago Augusto, Erick Vinícius, Giulia, Beatriz, Mariana e Matheus Francisco.

e uma bisneta - Júlia.

Todos esses descendentes, agradecem ao senhor, pai, por sua força interior de superar todos os obstáculos que surgiram pelo caminho. E não foram poucos.

Nós agradecemos, também, por sua honestidade, humildade, hombridade e honradez - virtudes cuja inicial é 'h'. A mesma letra que abre a expressão "Homem de Bem", o que melhor exprime a sua existência. Um excepcional exemplo de perseverança para todos nós.

Muito obrigado, Paulo Rodrigues Pinheiro
Parabéns por seus 80 anos de vida.

Agora, meu herói é imortal

Faz dois meses que estivemos aqui reunidos, em ação de graças pelo octogésimo aniversário natalício de meu pai. Naquele dia,

celebramos a vida física; hoje, valorizamos o espírito de Paulo Rodrigues Pinheiro. Ele nasceu no dia de São Paulo - 25 de janeiro; no dia de São José, 19 de março, deixou este mundo para tornar-se imortal.

Quero hoje, neste breve tributo, enaltecer a memória de um homem simples e íntegro. Quero falar aqui sobre um interiorano discreto, que valorizou como poucos a virtude da honestidade. Aliás, para ele, em sua singeleza de pensamento, ser honesto não é virtude mas obrigação de quem deseja ser feliz, dando o exemplo aos demais.

As poucas letras que aprendeu não o impediram de ser o melhor naquilo que se propôs a fazer. O ideograma japonês para a palavra 'trabalho' significa 'facilitar a vida dos outros'. Paulo não somente empregou esse ideal em seu ofício de padeiro, como também tornou mais agradável as manhãs de quem consumiu o pão material de cada dia.

O parcimonioso carinho que Paulo recebeu na tenra idade não o fez perder a esperança no amor incondicional. Ele cuidou de sua numerosa prole com a garra e a determinação dos mais zelosos genitores. Orientou com a sabedoria contida em sua elevada alma; carregou no colo os cinco filhos, quando estes precisaram; perdoou as ilusões de todos - sem distinção.

Após oitenta anos de vida, Paulo vai ao encontro dos seus entes queridos - que a eternidade se encarregou de abraçar anteriormente. Seus pais e irmãos o receberam com um forte e saudoso abraço. Eles voltam a conviver, arando e preparando o solo, deixando-o fértil e plantando nele as melhores sementes de milho e de trigo.

Em pouco tempo, no mundo espiritual, será sentido um forte aroma do pãozinho quente. Satisfeitos e alegres, os anjos irão bater suas asas e esfregar as mãos. Eles dirão: "Hoje tem pãozinho no céu!" Então, a festa estará completa e o banquete será farto. De forma ordeira, todos farão fila para receber os pães de coco e de torresmo, as broas e os infindáveis pedaços de bolo de milho...

Alegrai-vos, anjos e santos, pois o mestre-padeiro voltou para casa!

JOSÉ LUIZ NEGREIROS

CEDER PARA EVOLUIR

Trabalho há 38 anos. Neste já longo período de carreira, dediquei a maior parcela profissional ao setor de vendas. Entretempos, trabalhei em rádio, fiz textos, lecionei por quatro anos na UnG e Universidade São Judas, escrevi 3 livros, além de ter a prazerosa missão de participar com meus confrades das atividades da Academia Guarulhense de Letras.

Nós, seres humanos, temos a missão de evoluir, não apenas como raça, mas também espiritualmente, para justificarmos as expectativas de Deus, que nos concebeu como seu maior projeto. Nunca devemos perder a referência de que somos um grande laboratório de existência. Temos que perseverar, sempre, na busca da perfeição. Nada teria sentido se tivéssemos vindo aqui apenas para desfrutar as delícias da Terra, que, por meio de Deus, foram a nós concedidas.

O homem, espécie em evolução, como já frisei aqui, ainda que seja considerado um ser racional, guarda dentro de si uma carga de irracionalidade extraordinária. Por mais que alcançássemos, até agora, uma admirável marca de evolução, sobretudo nas relações sociais e, também, na conquista do conhecimento em geral, por vezes vemo-nos diante de situações em que o homem animal se sobrepõe ao homem racional, evoluído. São processos sutis, não se escancaram escandalosamente. Tanto que, na maioria da vezes, o homem não percebe que comutou sua chave interna do racional para o irracional.

Este pequeno ensaio vai se restringir a minha razoável experiência na área comercial, onde eu aprendi as maiores lições de vida nesta jornada.

Senti na pele, neste período todo na atividade de vendedor, que o exercício de compra e venda se processa no sistema límbico do cérebro. Vender e comprar são ações movidas pelo instinto humano. O homem, quando vai fazer suas trocas, ele age como o animal que não pode ficar sem alimento. Então, ele tudo fará para obter a maior vantagem possível nestas trocas, de modo a garantir sua sobrevivência.

Imagine você, caro leitor, um cara como eu, humanista por formação e por estilo de vida, ter de negociar como um cão que disputa a caça com outro animal. É extremamente doloroso. Faço isto há décadas. Evidentemente que, neste período, tenho procurado agir de maneira humana, racional, emocional, colocando em evidência os melhores valores, que buscam estabelecer relações verdadeiras e cooperativas com meus pares. A esperança, que alimento todos os dias, é a de que o homem haverá de encontrar um caminho saudável e civilizado para estabelecer relações de comércio com seus semelhantes, ou melhor, seus irmãos. Enquanto a gente não enxergar o próximo como irmão, muito tempo ainda ficaremos no fundo do buraco, onde estão as infelizes entidades do universo.

O conceito de sucesso e competitividade até se justificam, pois o homem para vencer na vida tem de lutar, buscar seu espaço, trabalhar muito e colocar para fora toda sua potencialidade naquilo que for bom. Mas, no espaço dos negócios, os preços dos produtos e serviços no mundo, a maior parte deles, ainda são determinados pela nefasta e injusta lei da oferta e da procura. Não existe nada mais perverso e animalesco que a citada lei. Os governos tentam atenuar a intensidade da dita lei, mas ela se perdura e se fortalece, pois a lei da oferta e da procura é um dos basilares pontos da nossa irracionalidade.

A sensação de estar fazendo um bom ou mau negócio é produto da desconfiança que cada ser humano tem do outro. Sendo a desconfiança a personagem principal desta tragédia, ela abre espaço na cena para a mais imperfeita e destrutiva irmã da desconfiança, que é a mentira. Convencionou-se, ao longo de séculos, que a mentira, na negociação, é um exercício de arte, pois dá tom de

autenticidade àquilo que é falso. A mentira é, em verdade, a suprema manifestação de má magia, de péssima ilusão. Vendedor é aquele que embrulha, comprador é aquele que é embrulhado. E não há código de defesa de consumidor que conserte esta barbaridade.

Temos um exemplo clássico, na história moderna do País, do grande comunicador de massas, Sílvio Santos, que, em início de carreira, criou um carnê, Baú da Felicidade, que tinha o lesivo sobrenome de "Plano Para Sua Casa Própria". O incauto freguês, pagando suas mensalidades, em um período de doze meses, estaria concorrendo ao SORTEIO de casas próprias. Caso não ganhasse alguma, trocaria o valor pago por mercadoria, nas lojas do Baú, mercadorias precificadas pelo estabelecimento de acordo com a política injusta das Organizações Sílvio Santos. Felizmente, o grande empresário mudou o discurso. Hoje o Carnê do Baú é um "carnê de mercadorias". Duas coisas aconteceram neste período: O Sílvio evoluiu e seus clientes também. Isto é muito bom!

Sobrevivi, neste tempão de carreira como vendedor, buscando relacionamentos humanos e profissionais com meus clientes, demonstrando, a cada pedido, a cada dia, mês e ano, que minhas intenções sempre foram verdadeiras. Já fui tachado, pelos meus colegas, de modo brincalhão, é verdade, de que "eu era diferente deles". Como também já fui criticado, por um antigo chefe, de que "eu vendia no preço pedido pela empresa e que nunca tentara vender mais caro do que a empresa queria".

Este sistema primitivo de fazer negócio começou a fazer água, nos últimos anos, com a revolução tecnológica. Os detentores do poder não se deram conta de que um segmento estratégico da indústria, o dos fabricantes de máquinas operatrizes, democratizou-se e passou a oferecer máquinas moderníssimas a quem se dispusesse a empreender negócios novos, podendo fabricar produtos idênticos ou quase idênticos aos dos líderes de mercado. E os governos têm apoiado esta florescente indústria, financiando ou mesmo subvencionando a aquisição destes equipamentos. Hoje, posso afirmar com segurança, 90% dos produtos industrializados podem ser oferecidos por qualquer empreendedor, graças às facilidades

tecnológicas oferecidas pelos fabricantes destas fantásticas, baratas e abundantes máquinas operatrizes.

No segmento dos negócios, também, a tecnologia está dando uma rasteira nas relações humanas. Os detentores dos mercados precisaram atualizar seus discursos, pois pequenos fabricantes estão oferecendo produtos tão bons quanto os deles, a preços melhores. Estes pequenos empreendedores são tantos, que não há dinheiro, tempo e paciência para comprar o negócio de todos eles.

Como aquariano, entusiasta do projeto de Deus para o ser humano, acredito firmemente que estamos em um processo de evolução. A humanidade tem de se entender como uma família só. Sendo, portanto, uma família, ela tem de se irmanar, buscando seu bem comum, a fim de construir a paz e a felicidade e aproximar-se, finalmente, de seu Pai Universal. Temos que compreender que o ganhar é um processo solidário, uno e ecumênico. A lei perversa de que um ganha e outro perde não terá mais espaço entre nós, pois estamos matando nosso planeta, muito em razão desta desenfreada busca de querer crescer, crescer, crescer. Para que crescer tanto? Para que os outros fiquem pequenos e nos enxerguem lá debaixo, encurvando seus pescoços para nos ver? Horizontalizemos nossas ações, para que todos se beneficiem delas. A escravidão formal já acabou faz tempo! O homem tem respeitar seu irmão, entender que o outro tem direito a um bom espaço também. Os governos precisam assumir sua responsabilidade histórica e constitucional de promover o bem-estar comum. A educação de base deve ocupar o justo espaço das preocupações de quem tem responsabilidade no mundo!

Para que nos libertemos de nossos instintos e evoluamos como seres racionais e emocionais, basta que não nos esqueçamos dos grandes ensinamentos dos seres ascensionados da humanidade, sobretudo de Jesus Cristo, nosso Irmão Maior. Amarmos uns aos outros, como Ele nos amou.

O amor é a maior das verdades do mundo. A prática isenta dele certamente libertará o homem de seus ferros animalescos, levando-o ao alto, onde já deveríamos estar.

Proponho, com toda humildade, fé e emoção, um novo nome para nosso planeta. Que a Terra passe a ser chamada de Utopia. Esta grande sala de aula tem de estar preparada para promover, com louvor, seus alunos, a um degrau mais alto, perto de Deus, praticando o mais maravilhoso amor. Viva o novo mundo, viva a Utopia!

JOSÉ ROBERTO MACHADO

*Mestre em Administração pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo;
Professor universitário em cursos de
graduação e pós-graduação;
Pesquisador e Consultor Empresarial no
segmento de Pequenos Negócios.*

QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

“Tenho pena das pessoas que têm um restaurante favorito, mas não tem um autor ou livro favorito. Pois elas sabem onde alimentar seu corpo, mas matam de fome sua alma.”

(Jim Rohn)

Um velho filósofo, homem que acumulara grande sabedoria através da observação da natureza humana, acompanhado por um jovem discípulo, estava visitando uma região no interior do seu país.

No meio do caminho teve sua atenção voltada para uma cena que aparentemente nada tinha de especial para quem caminha pelo campo. Não era mais que um pequeno grupo de pessoas, que depois ele ficou sabendo tratar-se de uma família local, composta por pai, mãe e filho adolescente, todos calma e pachorrentamente sentados em um tosco banco de madeira, com a atenção voltada para uma única vaca, que pastava indolente em um campo mal cuidado e coberto de mato.

A curiosidade é a mãe da sabedoria. Filósofo que era, não resistiu à tentação de conversar com os camponeses, indagando-lhes, o que naquela paisagem lhes chamava tanto a atenção.

O chefe da família, um senhor de aparência rude e cansada prontamente respondeu:

– Nós vivemos, como o senhor pode ver, em uma região muito pobre. O pouco que temos é este pedaço de chão e aquela vaca, de onde tiramos todo o nosso sustento. Portanto, ficamos sempre vigilantes para que nada aconteça ao animal.

Ouvindo atentamente a narrativa, o velho sábio ficou um bom tempo pensativo e em seguida, desejando felicidade à família, se retirou. Naquela mesma noite, antes de prosseguir a caminhada, sob os olhares atônitos do discípulo, se aproximou do pequeno sítio e soltando a vaca fez com que ela se precipitasse em um fundo abismo.

Os anos se passaram e o discípulo, já um homem feito, passando por aquele local decidiu visitar a pequena propriedade. Desde seus tempos de aprendizado, uma pergunta não conseguia calar em seu peito: “Porque um homem tão justo e tão inteligente foi capaz de tamanha maldade, acabando com a única fonte de sobrevivência daquela pobre família?”.

Não foi fácil achar o local onde pararam há tantos anos. Foi uma surpresa ver como a paisagem havia mudado. Onde antes existiam apenas algumas ruínas em meio a um matagal, agora havia uma casa simples, mas caprichosamente construída, cercada por uma lavoura bem cuidada que substituía o antigo matagal. Dava para ver, ainda, verdejante gramado onde pastavam algumas cabeças de gado.

Ao avistar um homem saindo da casa, foi ao seu encontro e não se contendo perguntou:

– Há alguns anos estive neste lugar onde morava uma família extremamente pobre e necessitada. O senhor poderia me dizer o que houve com eles?

O fazendeiro respondeu:

– Moramos aqui há muitos anos e nunca houve outra família. O senhor deve estar se referindo a transformação que ocorreu no local, e isso eu posso contar até com satisfação, pois consideramos uma dádiva de Deus.

Houve um fato que mudou completamente nossas vidas.

Tempos atrás, tirávamos o nosso sustento vendendo o leite de uma única vaca que tratávamos com todo o cuidado.

Uma noite, porém, a vaca se soltou precipitando-se em um abismo. A princípio ficamos desesperados e por uma questão de sobrevivência vendemos parte de nossas terras. Entretanto logo percebemos que aquela ação não seria suficiente. O dinheiro acabaria rapidamente e a situação voltaria a ser dramática. Foi quando decidimos investir parte do dinheiro na compra de sementes e iniciamos uma pequena lavoura.

A partir daí tudo mudou. Percebemos que éramos capazes de muitas outras coisas e tudo acabou se transformando no que o senhor está vendo.

O ex-discípulo se despediu pensando: “Meu mestre era realmente um sábio”.

A sabedoria do velho filósofo estava em perceber o que acontecia com aquela família. Eles se acostumaram a ter o mínimo para sobreviver e não tiveram atitude para mudar a situação e prosperar. Tudo isso, pode ser resumido em uma única palavra: **acomodação**.

Por inércia, as pessoas relutam em alterar suas rotinas e, somente um choque de realidade pode modificar tudo e romper a acomodação.

Esse fato é comum na vida pessoal e principalmente profissional de grande parte das pessoas, que aceitam permanecer em situação de aparente conforto, enquanto mudanças importantes estão ocorrendo em seus relacionamentos, nas empresas em que trabalham, no meio ambiente e conseqüentemente no mundo.

Essas pessoas aos poucos vão ficando desinformadas, desatualizadas e quando se dão conta, perderam seus empregos ou fecharam seus negócios.

Existe uma fábula antiga, que se tornou famosa quando Peter Senge a usou em seu livro “Organizações que Aprendem”.

Conta a história, que um sapo foi jogado em uma panela com água fervendo. Sentindo o forte impacto do calor, o sapo deu um enorme pulo saindo da panela e, assim, conseguiu se salvar. Outro

sapo foi colocado em outra panela, esta com água fria. O fogo foi aceso e a água começou a esquentar lentamente. A água foi ficando morna e o sapo até gostou da sensação do calor e relaxamento. Foi ficando, foi ficando e acabou cozido.

Esteja sempre atento. Da mesma forma do que ocorreu com o sapo da nossa história, você pode estar morrendo e nem sequer está percebendo.

Para as iniciativas humanas, há como não cair na armadilha. A racionalidade e o conhecimento têm o poder de dar um aviso em tempo e assim evitar o que ocorre com algumas empresas que, como o segundo sapo, morrem aos poucos não percebendo as mudanças ocorridas em seu mercado. O empresário fica acomodado e quando percebe, a situação é irreversível.

O remédio contra essa acomodação que inevitavelmente leva a inércia, chama-se **disciplina**.

Como tudo que é bom tem seu lado oposto, se disciplina é necessária, ela não deixa de ser um bocado chata. E como todo bom remédio, tem seu lado amargo. Mas como o sucesso depende disso, é bom que o empreendedor se conscientize da importância de ser disciplinado e, a partir daí, implemente duas atitudes:

1. Disposição para mudar alguns hábitos que impedem que os objetivos sejam atingidos.
2. Manter um compromisso pessoal para assegurar a disciplina, de forma permanente.

Curiosamente, as pessoas não associam a falta de disciplina à dificuldade de atingir o sucesso. Porém, o mundo está aí para mostrar que as melhores oportunidades surgem para pessoas disciplinadas, que conseguiram desenvolver habilidades e conseguem ver com clareza as metas e objetivos que fixaram para sua vida.

O pensador e palestrante norte americano Jim Rohn, tem uma lógica interessante sobre o assunto:

“A disciplina é a chave-mestra. Ela abre a porta para a prosperidade e a felicidade, a cultura e a sofisticação, grande auto-estima e grandes realizações, associando os sentimentos de orgulho, satisfação e sucesso.”

E não fica apenas aí. Consegue com clareza associar acomodação, disciplina e fracasso, em uma frase única e sintética:

“O fracasso não é um evento isolado. Raramente falhamos do dia para a noite. Na verdade, o fracasso é geralmente resultado inevitável de um acúmulo de pensamentos e decisões erradas. Simplificando, o fracasso não é nada mais do que alguns erros de julgamento repetidos todos os dias”.

O SEGREDO DO SUCESSO

As pessoas de um modo geral, em suas vidas pessoais e, principalmente, vidas profissionais anseiam por sucesso, prosperidade e conseqüentemente atingirem a felicidade.

Porém, a maioria esquece que esses objetivos não se concretizam através de um passe de mágica.

O que observamos no cotidiano de nossas vidas é que a maioria das pessoas bem-sucedidas têm uma longa história de muito trabalho e dedicação naquilo que se propuseram a fazer. Além disso, estão sempre atentas a novas oportunidades e o que é mais importante, estão constantemente aprendendo coisas novas.

São pessoas que sabem perfeitamente quais são seus propósitos para o futuro e estabelecem objetivos claros e viáveis. Conseguem claramente perceber que, por mais que se fantasie o futuro, ele será sempre o reflexo das ações praticadas no presente.

Existe uma velha história, onde um homem extremamente ambicioso adquiriu um livro que dizia conter o segredo para se chegar a um grande tesouro.

Era um livro interessante, porém muito volumoso o que certamente iria requerer paciência e atenção por parte de quem se dispusesse a lê-lo. O livro propunha que para o leitor chegar a chave do tesouro deveria passar por três etapas:

Primeira etapa: Decifrar todos os idiomas escritos no livro.

Segunda etapa: Resolver todos os cálculos contidos em um dos capítulos.

Terceira etapa: Ler e entender textos contendo diversas mensagens sobre os mais variados temas.

Quanto mais o homem de nossa história avançava na leitura do livro, mais ensinamentos ia absorvendo, de modo que, de forma gradativa e segura conseguia enxergar e aproveitar novas oportunidades. Esse fato fez, sem que ele se desse conta que sua vida começava a se modificar.

Ao final da leitura, percebeu que após todo aquele aprendizado, passou a ser ele mesmo o tesouro mencionado no livro.

As grandes mudanças são criadas por pessoas cujas imaginações são maiores que suas circunstâncias.

Se você acha que não tem o suficiente, ou que o mundo é injusto, talvez esteja na hora de rever alguns conceitos.

Para que você nunca se torne uma dessas pessoas sugiro uma reflexão sobre as frases a seguir:

“A mudança não assegura necessariamente progresso, mas o progresso implacavelmente requer mudança.”

(Henry S. Commager)

“As pessoas conseguem chorar muito mais facilmente do que elas conseguem mudar.”

(James Baldwin)

“Mude o modo que você olha para as coisas, e as coisas que você olha mudarão.”

(Wayne Dyer)

“Quando novas informações surgem e as circunstâncias mudam já não é possível resolver os problemas com as soluções de ontem.”

(Roger von Oech)

LEMBREM-SE

“Os grandes navegadores sempre sabem onde fica o norte. Sabem aonde querem ir e o que fazer para chegar ao seu destino. É isso que lhes permite administrar a continuidade e a mudança simultaneamente.” (Harvard Business Review)

LINEU ROQUE ACEIRO

CINZAS DO CREPÚSCULO*

Acabo de ler que ontem faleceu o João Ranali, historiador inolvidável, um dos fundadores da Academia Guarulhense de Letras. Desapareceu sem dor, não se viu preso a nenhum mal cruel, apenas quiçá, por merecimento, já que avançou demais nos anos e apesar da lucidez plena, da precisão de idéias, não conseguia mais ler, escrever e as pernas cansadas já não lhe obedeciam. Neste 13 de maio completaria 94 anos, é mais uma cadeira vaga na Academia que agora recebe o seu nome na condição de patrono.

Dorme desde onze de março, não no seio da terra, mas, com Deus nas lonjuras do infinito e suas cinzas claras, foram arremessadas por nós no lugar que ele tanto amava – no verdor do Bosque Maia. Precavido, e para sempre sentir a sua energia moral, seu talento, confesso: recolhi partículas de honradas cinzas bem no fundo do bolso lateral do meu paletó azul.

E escrevo isto agora de olhos enxutos. Há muitas semanas, com medo, esperava a notícia terrível, do desenlace fatal. E, ao recebê-la, chorei. Os soluços vieram-me à garganta e explodiram – chorei, choramos todos... Sobreveio, porém, a reflexão. A morte, comparada aquele resto de vida, era um bem, uma esmola de Deus. Um escritor, um historiador renomado como ele, não poder escrever e nem ler, é sim, e foi, uma dádiva de Deus.

Eu tenho, dessa grande e simpática figura de homem de pensamento, a mais amável das lembranças. Então, recolhi-me a pensar nele, a recordar a nossa estima de vinte e cinco anos, e que, durante esse período, não foi toldada jamais por uma suspeita, não sofreu nunca um esmorecimento, uma fraqueza, uma queixa, uma dúvida.

Evoco a nossa amizade e intimidade, desde o nosso primeiro encontro no plenário da Câmara, na Praça Getúlio Vargas e nos livros que escrevi e que ele, carinhosamente, prefaciou com palavras carregadas de emoção e saudade:

“Como definir um pungente sentimento que nos traz à lembrança momentos de inefável ternura? Sentimento que os românticos chamam de saudade, recanto, ora pastoril, ora urbano, onde instalou-se o arquivo da memória do qual nos socorremos nos instantes nostálgicos de nossas vidas. Quando no extravasamento de arroubos de doçura, festejamos o enlevo da felicidade que embalou nossos sonhos e realizações. É como se nos afigura o Retalhos Guarulhenses, da autoria do ocupante de uma das cadeiras da Academia Guarulhense de Letras, Lineu Roque Aceiro”.

Em outra oportunidade, 1980, quando Ranali tinha 67 anos e Guarulhos comemorava o 1º centenário de Independência Política, assim se manifestou o ilustre companheiro ao invocar o passado de Guarulhos, na sua estrutura mais remota quando escreveu “Palavra Final”, no encerramento do Livro GUARULHOS:

“Quem não desmerece o seu passado saberá caminhar sem troços em busca de um futuro resplendente de paz, compreensão e prosperidade”.

Isso, representa apenas migalhas do gigante que perdemos.

Que suavidade tinha a sua voz e que maravilha a sua palestra! Quão colorido era o seu verbo! Que fertilidade na sua imaginação! Um conto, uma superstição, uma lenda indígena, uma discussão na Academia, tudo isso é vestido por ele, de pedaços de ouro e retalhos de púrpura e imagens das mais ricas.

Houve um dia, em que alguém não falou bem da nossa Academia – então Ranali, em sessão de quarta-feira, sai em defesa do sodalício dizendo: “Há muitos que atacam ou dizem mal da Academia, mas, são os que estão fora dela; os que a compõem sabem amá-la e prezá-la. Aqui, a própria Academia não permite, em si mesma, haver oposição”.

Desse modo era e agia Ranali, uma alma límpida como a luz, um coração ardente como o fogo, um pensamento sereno como um

lago no meio das montanhas – É como Virgínia, sua filha, proferiu na homenagem do Bosque Maia: “Papai era uma criatura amável, chefe de família exemplar, esposo amantíssimo, amigo. Papai gostava de gente, gente das classes mais simples, ele amava esta cidade”.

Ao tomar posse na Academia, cujas portas ele me abriu com o seu prestígio, lá estava o artista na tribuna discursando e fazendo referências simpáticas à minha pessoa. Não o deixo nunca. Não o esqueço nunca. Na Academia, por cinco anos consecutivos, ficaram juntas as nossa cadeiras. Sempre que pude, muitas vezes com receio de incomodar a família, subi as escadas do prédio até o quarto andar do seu elegante apartamento para vê-lo, ouvi-lo, ou participar comovido do seu silêncio, porque, às vezes, Ranali mantinha-se quieto, pensando, pois tinha certeza que o seu silêncio nunca o trairia e que aquela atitude era mais eloqüente que as suas próprias palavras. Da prosa amiga, jamais resultou criticar um companheiro ou queixar-se, tampouco, se alterou ou falou mal de pessoas. Não foram poucas as vezes que ouvi dele: “O homem não é velho enquanto está buscando alguma coisa, precisamos achar nosso canto, saber ouvir e calar – os tempos são outros”.

Dos mais importantes membros da Academia Guarulhense de Letras, caminhando com dificuldade, jamais deixou de apresentar-se para os nossos encontros, atuando sempre como um verdadeiro líder, um pacificador que interferia, na hora certa, quando os ânimos se aqueciam demais e a discussão do tema em pauta tomava rumos contraditórios do escopo a que pretendíamos. Nesta hora, surgia a experiência de 28 anos de Academia e a voz bonita de João Ranali, com habilidade interferia: “Cuidado! Sempre que fugimos do que manda os nossos Estatutos, quebramos a cara”. E a paz voltava para o bem da confraria.

Até que, anteontem, como um raio, me veio aquela triste notícia: estava tudo acabado! ...

A saudade é, porém, um sentimento que ludibria o próprio esforço da morte. E João Ranali continuará a viver e a reviver na minha saudade – na nossa saudade. Não aquele que nas minhas últimas visitas, guardava silêncio enquanto eu falava, mas, o que

falava outrora, no momento em que eu me conservava em silêncio. Não o enfermo, detido em sua cadeira quase inerte, indiferente a tudo que o cercava, mas sim, o Ranali que todos conhecemos, o orador magnífico que silencia o auditório porque a fala é bela, o tribuno das conferências do Rotary, dos colégios, da Prefeitura em datas cívicas – o Ranali da Academia apresentando-se em nossas sessões solenes de final de ano, na velha Câmara Municipal, momento em que, dominava toda a assistência presente pondo-lhe no rosto o sorriso ou a lágrima, formando assim um momento mágico quando perorava: “e no nicho amável de onde preside todas as nossas atribulações e alegrias, lá está a aniversariante de hoje, velhinha apenas pelo decurso do tempo, mas, eternamente jovem pelo amor que devota aos seus fiéis súditos que, genuflexos, num beijo fervoroso que, a cada ano que passa aumenta de intensidade, porque maior o número dos que se abrigam sob o seu manto protetor, faz-se o mensageiro desta singela mas comovente saudação: parabéns Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos”.

Nossa! Que bonito. Seria um prazer ouvi-lo novamente. Eu não o comparo com nenhum outro, eu o separo. Ranali, escritor soberbo das jóias literárias que são: A ficção Veste a História, A História da Igreja Matriz, A História e Estatística de Guarulhos, Repaginando a História, Ranali dos Editoriais, Das Cronologias em dois volumes, Das Coisas Nossas e dos Outros, Dos Florões de Uma Velhice, Da Honomástica Indígena, Do amor à Academia e à Dona Virgínia.

Esse está vivo, e continuará meu mestre e meu amigo. E é por isso que, neste momento, como já dito no começo da homenagem, não choro. É por isso que, nesta hora em que os jornais e todos escrevem – e anunciam que o glorioso historiador morreu, eu, como nas vibrantes saudações funerárias do fascismo, ergo a voz, e chamo:

– João Ranali!

E escuto a resposta que sobe do coração:

– PRESENTE!...

O PRIMEIRO EMPREGO

Nossa! Como as coisas mudam.

Antigamente, no meu tempo de rapazote, iniciava-se a trabalhar bem cedo, precisando ou não. As famílias da época, geralmente numerosas, tinham por nobre reputação de responsabilidade, honestidade e dignidade, anunciar aos vizinhos, amigos e parentes que seus filhos já estavam trabalhando, durante o dia, é claro, e a noite estudavam.

E com que prazer nossos pais mostravam a carteira assinada, recheada de pequenas notas – isso quando conseguiam registro, pois era grande o número dos que, de tudo faziam mas trabalhavam sem nenhum vínculo empregatício. Poucos, também, se importavam com essa irregularidade, porque o trabalho é vida e o importante mesmo era ocupar o tempo, ter o que fazer. Hoje, nossa! Como tem marmanjões vagabundos e, não bastasse isso, mal educados. Ociosos o dia inteiro, gastando água, luz e telefone, ocupando espaços indevidos e comendo igual a cavalos... obesos. Lembro-me do vovô quando dizia: “Na casa do homem bom, quem não trabalha não come”.

No final do mês, não pensem que o envelope de pagamento era do menino trabalhador. Não, parte do suado “dinheirinho”, quando não todo, tinha que ficar com os pais para que pudessem colaborar nas despesas, ou, até mesmo, investir em nosso próprio futuro. Mesada! Nem pensar. Quando muito, dos pais mais brutos, uma virada de mesa na cabeça dos reclamantes. Quantas vezes senti vontade de comer um doce de amendoim com leite da, “Confiança”, na lanchonete do Capistrano de Abreu, mas como, se eu não tinha um vintém aos menos. Tinha passes de ônibus, contadinhos. E a coragem para negociá-los? A noite, porém, depois das onze, um belo prato de sopa quente e suculenta compensava tudo.

Como as coisas mudam, hem!

Nesses dias atuais, tão fugazes, constitui-se em vergonha iniciar um jovem em um trabalho de menor importância e, de maneira

errada, pensam os pais... O que os outros dirão? Que nossa família vai mal, que é pobre ou que estamos enfrentando dificuldades. E daí!!!

Não são com esses pensamentos que se educam os adolescentes. Os membros dessas famílias esquecem que ninguém nasce diretor, gerente, chefe de seção, encarregado de setor, apenas num banco de escola. É necessário e saudável passar por todo o processo de formação prática para que se possa alicerçar cargos futuros e alvissareiros.

Para mais ajudar nessa polêmica, vêm os governantes e colaboram de maneira substancial para que mais jovens fiquem desorientados, perambulando para lá e para cá, à procura de sei lá o quê, pois, só podem trabalhar depois dos 16 anos. Uma pena, pois, é de pequeno que se torce o pepino.

Um dia, cansado de ser caixeiro, eu não queria mais trabalhar nos balcões do Bar e Empório Estrela de Ouro, de propriedade do senhor meu pai, apesar de trabalho honrado e realizado com certa independência. Queria mudar minha vida, crescer, tentar enfim uma atividade nova de melhor posição social, enquanto não chegava a formatura colegial.

Nesse tempo, eu participava ativamente na divulgação do Grêmio Estudantil Guarulhense, nobre Instituição Cultural preocupada com os direitos da estudantada e, também, na divulgação do conhecimento em todas as áreas estudantis. Nessa modesta organização, fui pelas mãos amigas de Heraldinho Evans levado às portas da Prefeitura Municipal. Era prefeito de nossa cidade o Doutor Mario Antonelli, inesquecível homem público dos mais capazes alcaides que Guarulhos conheceu, além de probo, honesto e trabalhador, construtor da nossa tão necessária rede coletora de esgotos sanitários. Heraldinho, como era carinhosamente tratado, apesar da bela estatura, foi efusivamente recebido na Municipalidade, casa onde pude perceber, gozava de grande prestígio. Levou-me, pessoalmente, à presença da autoridade maior, postado em confortável mesa envernizada na antiga Praça Getúlio Vargas – O Mario Antonelli. Fumando, de terno e gravata, da mesma maneira meiga

e cortês, fomos recebidos pelo prefeito. Depois de um aperto de mãos e inteirar-se do assunto disse: Se é amigo do Heraldinho é amigo nosso e concedendo-me a oportunidade, indicou-nos a Secretária da Fazenda onde o competente funcionário de carreira, genitor do meu apresentante era o Diretor.

Tudo ok, graças a Deus e ao querido companheiro, alcancei a almejada colocação. O primeiro emprego, tão difícil, estava ali na minha frente, entremeio aquele ostentoso prédio branco ao lado da fonte da minha juventude, fonte que inspira saudade e de muitas águas, águas coloridas. Igualmente, a minha vida naquele dia distante da década de 60 se encheu de cores, luzes, ilusões – e a alegria e o contentamento de voltar para casa dando a notícia ao papai, à mamãe, parentes e amigos. Os amigos do Flor da Mocidade, o que diriam? Haveriam, por certo, de se orgulharem de mim.

Marcaram um teste para amanhã, eu avisei meu companheiro e agradei efusivamente: “Heraldinho querido, obrigado, muito obrigado, eu não sei como lhe agradecer, meu amigo – agora eu jogo no time titular da Prefeitura Municipal de Guarulhos.

Minha condução, o verde e amarelo partia defronte do extinto e saudoso Cine Jade, na Eugênia Machado. Apressei-me até o local, à noite, para inteirar-me dos horários. No dia seguinte eu estava lá na Casa Branca, bem cedinho, antes das 8,00 horas. Lembro-me como se fosse hoje, de ter colocado um papel sulfite numa Remington de escrever, ter travado suas margens, fixado parágrafos e iniciado a datilografia de um texto, além de uma carta padrão bem distribuída. Não deixei de trazer à memória naquele instante, a escolinha de datilografia da professora Dinah, aqui em Vila Galvão, em frente a altiva estação de trem. Como me foi útil aquele aprendizado de seis meses, em 1956. Fixaram um tempo para a realização da prova e, esgotado o prazo, retiraram os papéis levando-os para uma outra sala ao lado.

Aprensivo, fiquei aguardando o resultado. Logo aproximou-se um senhor sisudo, bem vestido, que colocou sobre a mesa um calhamaço de Imposto de Indústrias e profissões, pedindo para que eu os organizasse seguindo uma ordem alfabética. A vista disso, logo

pude perceber. Ufa! Passei no teste e iniciei a trabalhar com um entusiasmo tal, que alguns funcionários marotos olhavam disfarçadamente para mim, observando um jovem feliz, tão animado com a conquista, que não conseguia esconder a sua perturbação emotiva.

Há! Meu Deus, quanta alegria. As luzes, as máquinas, o ambiente movimentado, o burburinho das pessoas no enorme balcão da entrada principal buscando seus direitos, pagando seus impostos, procurando, enfim, solução para os seus problemas. Era diferente sim e tudo isso me fascinava muito. Até meu pobre pai, coitado! Naquele dia distante, entrou no clima reinante, era todo sorrisos. Ninguém o conteve, colocou a roupa de domingo, ligou o motor do seu Dodge 50 e dirigiu-se à Municipalidade com a intenção única de agradecer seu antigo companheiro, vizinhos que foram na rua Santo Antônio, em Vila Galvão, o Heraldo Evans pai, na ocasião Diretor da Fazenda Municipal. Alto, correto, ex-vereador, sério e autoritário.

Quando Cândido Augusto Aceiro lá chegou, de maneira modesta e cortês, depois de cumprimentar o amigo, disse-lhe:

– Heraldo, muito obrigado pelo meu filho, ele jamais irá decepcioná-lo. Eu já havia falado com meu amigo Moysés Zeraibe.

O Heraldão meneou a cabeça, censurando a atitude... Papai, sem perceber, acabara de assinar a minha sentença de banimento dos quadros de funcionários públicos municipais da minha terra querida de nascimento e criação – GUARULHOS. Esses baluartes da vida pública guarulhense, apesar de suas reais composturas, eram, na verdade, desafetos declarados, por motivos que não nos cabe discutir nem tampouco propalar.

Eu, que nada sabia do ocorrido, logo à primeira hora do outro dia, fui injustamente despedido. Jamais pude me esquecer daqueles momentos dolorosos, tão rápidos e desconcertantes foram. Naquele dia, incumbiram o funcionário Oswaldo Faisca, meu amigo de clube e futebol em Vila Galvão, para que desempenhasse a difícil missão, difícil sim, porque era, o mensageiro, conhecido da família e, o motivo, vil. Então, ele aproximando-se de mim murmurou

baixinho e constrangido: Lineu, você foi aprovado no teste, mas, pede a direção que você aguarde em casa a nossa convocação.

Quedei estupefato diante daquela desculpa e não me recorde de lhe responder nada, mesmo porquê, aquela atitude sem fundamento havia me transformado num “nada”, numa rés do Direito Romano. Pensando em me firmar no cobiçado emprego, fui, naquele dia, muito bem trajado usando o meu melhor terno, preto riscado, bonito e elegante. Nem a boa aparência que tanto prezam ajudou e tudo se apagou rapidamente. Brilhava somente o óleo “glostora” nos meus cabelos ondulados e o vermelhão do sangue que se acumulou nas bochechas sem graça.

E, quando me retirei cabisbaixo daquele prédio da Praça, os companheiros que por mim nada puderam fazer, olhavam-me desconsolados, procurando, para amenizar a minha desventura, não me encarar de frente: Emílio, Celso, Tadashi, João, Jaime Arruda, Lúcio Ferreira, Nélfio, Daniel, Medeiros, Martello, Testoni, Nilton e Ditinho, dentre outros.

Papai nunca soube do motivo verdadeiro e, eu para não magoá-lo mais ainda, jamais contei. Alguns poucos sabiam, notadamente os que assistiram a encenação, até mesmo Heraldinho, isento de qualquer culpa nunca tocou no assunto e, não obstante haver entre nós esse obstáculo, continuamos amigos. Nunca mais foi como antes, é verdade, mas sempre que nos encontrávamos o cumprimento e a admiração cordial renasciam.

Não guardo mágoa nenhuma dentro do meu coração, tampouco, repulsas ou qualquer outro sentimento negativo. Mas cedo ou mais tarde todas essas nóduas acabam por fazer mal para a alma de pessoas puras. A gente, para ser realmente feliz, precisa de muito pouco e quem quiser alcançar a felicidade tão sonhada deve esquecer, compreender, transigir, perdoar. “Ouve, vê e cala se queres viver em paz”, é uma citação antiga, mas, de profunda sabedoria.

As vezes quando eu passo pela atual Câmara Municipal, hoje quase desativada, mas, o prédio ainda é o mesmo, pomposo e soberbo, lembro-me com saudade e melancolia do meu primeiro

emprego – o cargo que infelizmente não vingou. Caminhando um pouco mais além, dirigo-me até o Campo Santo, onde está meu pai morto, o Heraldo Evans também, assim como, o Oswaldo Faisca, meu querido contemporâneo.

É, em geral, depois das grandes fadigas, que se sente mais intensamente o prazer de viver. Eu, que durante esses anos todos, sem perder a esperança aguardei quieto a convocação da Municipalidade, olho agora para o frontispício dessa necrópole e esqueço de tudo, e apago todas essas coisas no momento em que leio em letras garrafais, a sentença cruel:

“NÓS QUE AQUI ESTAMOS, POR VÓS ESPERAMOS”
Vila Galvão, dezembro 2006.

SIMPLESMENTE IGUAL!

Era bem cedo ainda. Um café forte, passado em saco de pano, exalava seu cheiro aromático e estimulante. Dona Páscoa, a senhora da cozinha, coloca um avental branco e suja as suas mãos na farinha de trigo. Láis já se encontra ao seu lado, prontinha para ajudar em qualquer ocupação, enquanto tia Nêga conversa baixinho com a linda, preocupada em não acordar os estudantes.

Tia Eugênia passa pelo corredor, vinda do quarto dos fundos onde arrumou camas e varreu o assoalho que o José Roberto banguçou. Em seguida, lava as mãos e, numa tigela vazia, estala ovos e sova massa para fazer macaráo. Seria, por certo, uma quinta-feira distante, da década de 60.

Agora eleva-se um cheiro diferente, excitante – de cebola refogada e tempero caseiro que inundou as dependências todas da casa velha, alcançando até transeuntes da pacata Luis Faccini. Havia vida naquele ambiente aprazível, antiga morada do Túlio Brancaleoni.

Iniciou-se uma chuva, repentinamente, uma chuva quente, fraca e fina – são chuvas de março. A Laís, tranqüila lava tomates

na cuba da pia – olha do vitrô para fora e fala com espanto:

– Páscoa, olhe o Túlio! Estendendo o terno no varal.

– Deixa ele, responde a irmã – é a sua maneira de lavar as roupas. Não tem como a água da chuva, isenta de poluentes, sem a soda do sabão, é limpa e destilada. O Túlio está coberto de razão.

Chega da rua, sem pressa, o velho Agnelo Trama, e logo percebe contente, o clima da sua “pensão”. Coloca o seu guarda-chuva num móvel antigo, próprio para esse fim e, com um lenço branco, enxuga a cabeça plana, sem cabelos. E, olhando para a mesa de refeições, indaga:

– Vocês viram ontem, a felicidade do Tido?

Também pudera Agnelo – ele foi aprovado no vestibular da Faculdade, respondeu a Páscoa. Mas, olhem a cara dele, eu não entendi porque esse dedo polegar assim apontando para cima.

É giria deles Agnelo, significa positivo, parabéns e que está tudo certo. E precisava fazer essa cara gozada? Tem razão o Tom, quando repete que se parece muito com aquele comediante famoso da dupla “O Gordo e o Magro” – O Stan Laurel.

Então, vamos erguer o polegar para todos aqueles guarulhenses que fizeram bonito, no momento em que, ingressaram em Faculdades importantes, algumas bem distantes daqui.

Em reconhecimento, afixaram a lista desses estudantes aprovados, nos ajulejos do imponente “Ponto Chic”:

Faculdade de Direito de São José dos Campos: William Abbud Zanardi, Benedito Edson Trama, Lineu Roque Aceiro, Rafael Rodrigues Filho, Mércia Katabe.

Faculdade de Direito de Pouso Alegre: Guilherme F. Figueiredo, Agnelo Herton Trama, William Negrão Tomaz, Kléber de Jesus Ferreira, Iderval Schivinatto e Newton Evans.

Faculdade de Direito de Taubaté: Solange de Andrade.

Faculdade de Direito Mackenzie: Leonildo Zampoli.

Faculdade de Engenharia Poli-Técnica: Walter Linki.

Faculdade de Engenharia Industrial: Luiz Vitorino P. da Silva. São 15 os aprovados e matriculados. Não sei se o William Zanardi chegou ao fim...

Poucos dias durou a emoção. Uma noite enluarada, enquanto o Dalvo entretia o Same no balcão, o Moacir Mesquita, o Dionizio e o Heitorsinho arrancaram a relação dos acadêmicos e se puseram a correr graciosamente como gazelas africanas, pois riam, riam muito, subindo a antiga Felício Marcondes.

Decorrido algum tempo, em abril de 65, numa venturosa aula, não sei se do Nelson Presoto, do Nilton Silva ou do Cretela Júnior, eu, Tido, olhei para o seu semblante sério, de aluno bom e comportado e, pensei comigo, incrível! É igual no aspecto. Então, o meu olhar embaçado pela força do riso, viu surgir na minha frente o “Stan Laurel” da famosa dupla de Hollywood. Eu ria, Tido, como eu ria, ria sem parar, copiosamente – mas uma risada sincera, amiga, fraterna, sim, de irmão, porque estava feliz, estávamos felizes – e a “felicidade não é coisa que se experimenta; é sim, algo que se recorda.

Não vai você, querido amigo, chorar agora – sorria também, ou discorde, se puder, dessa minha exclamação...

Simplemente = !!!



MÁRIO YOSHINAGA

NEGLIGÊNCIA URBANA

Se ainda não ouvimos falar, estamos com certeza vivenciando a “negligência urbana” em quase todas as cidades brasileiras. Uma negligência presente, gritante, continuada, onerosa e impune que atinge a milhões de pessoas que vivem e, por causa dessa negligência, sobrevivem nas nossas grandes cidades.

As conseqüências dessa negligência estão evidentes em todas as metrópoles. Se cada negligência fosse representada por um ponto no mapa da cidade, teríamos uma concentração de pontos crescendo do centro da metrópole para a sua periferia.

Essa concentração de negligências da periferia metropolitana atinge cidades periféricas metropolitanas, como o município de Guarulhos. Eis portanto uma das explicações para o problema da ocupação crescente de Guarulhos por habitações de baixa renda, com loteamentos clandestinos e invasões; assim como a invasão do seu território para abrigar equipamentos metropolitanos, como o Aeroporto Internacional. São ocupações que o município se vê desprovido de barreiras para se proteger, mas nada justifica os impactos negativos mal resolvidos causados pela atividade aeroportuária. Houve e ainda continua a negligência, tanto do governo como da sociedade organizada e das empresas privadas do município.

No caso de Guarulhos, a negligência urbana ocorreu quando o Aeroporto Internacional se instalou em seu território, por decisão de instâncias superiores de governo. Embora inevitável, havia a possibilidade de exigir contra-partidas, apesar do clima de governo ditatorial. Nesse clima, a única via de negociação seria pela argu-

mentação técnica ou legal, mas acredita-se que o município não tinha, e talvez nem tenha ainda hoje, uma equipe com conhecimentos tão específicos para tratar de impactos ambientais causados por atividade aeroportuária. Talvez valesse a pena, pois o Aeroporto de Guarulhos concentra uma quantidade de atividades, sem dúvida, a maior do País, tornando o município que o abriga, restrito a uma área envoltória quase que inteiramente sob impacto da atividade aeroportuária.

Essa negligência urbana referente ao Aeroporto Internacional envolve muito mais que a Prefeitura, a Infraero e o Ministério da Aeronáutica. Envolve, além do Poder Público, chamado de Primeiro Setor, a Iniciativa Privada, chamada de Segundo Setor, e as OnGs, organizações não governamentais, chamadas de Terceiro Setor.

Portanto, não se pode culpar apenas o governo local pela negligência, mas a falta de uma ação conjunta e coordenada de todos esses setores. Ainda é tempo de agir em defesa dos interesses do município, e as ações a serem mobilizadas poderiam subdividir-se em dois grupos: as de “Antes” e as de “Depois” da implantação do Aeroporto.

As ações referentes ao “Antes” seriam as de exigir o cumprimento das medidas mitigadoras e compensadoras prometidas no Relatório de Impacto no Meio Ambiente e Estudo de Impacto Ambiental.

As ações referentes ao “Depois” seriam mais complicadas.

Remete a algumas questões, entre elas a de:

- exigir o pagamento de “royalties” para o município, devido ao uso do espaço aéreo e terrestre em função das atividades do Aeroporto;
- exigir a construção, às expensas do Ministério dos Transportes, de um “Anel” rodoviário que facilite as viagens, principalmente de transporte de carga no entorno do Aeroporto;
- exigir a construção de uma conexão ferroviária entre o Aeroporto e o Metrô-SP, cujo traçado contemple pelo menos duas paradas em diferentes bairros ou pólos geradores de tráfego de Guarulhos;

- exigir que a Infraero implante um Programa de redução de poluentes do ar, aplicado aos veículos automotores da frota própria e de empresas vinculadas à atividade do Aeroporto, entre outras ações de mitigação do Impacto negativo ao Meio Ambiente Urbano de Guarulhos.

Essas ações ajudariam a compensar as negligências urbanas do passado e poderiam trazer melhores condições de qualidade urbana para a cidade.

As cidades quando não negligenciadas, apresentam-se como locais agradáveis, promovendo uma sensação de tranquilidade, semelhante à presença de crianças bem educadas e criadas com muita atenção e carinho.

Essas cidades, como as crianças, não são produtos de improvisações; ou de atenção ocasionais prestadas apenas em momentos de crise; ou de viver sem planos a curto, médio e longo prazos.

Afinal, pensar em educar os filhos até que completem o curso universitário, é um plano de longo prazo. Um plano para no mínimo, 17 anos, para habilitá-los a competir profissionalmente neste mundo globalizado do século XXI.

As cidades não negligenciadas, nem sempre foram planejadas para chegarem a uma “forma adulta” idealizada, mas foram certamente administradas com cuidado, evitando excessos e carências inadequadas, agindo no momento certo, com a vontade e a coragem esperada dos governos e sociedade; isto é, sem negligências.

Não temos referências quantificadas sobre estágios de formação de cidades que atingem as várias fases de crescimento até atingir a sua forma adulta. As cidades parecem apenas “ser” e não “estar” em estágios de crescimento, tanto que são denominadas como cidades pequenas, médias e grandes.

Os espaços urbanos adquirem qualidade ao longo de um processo de adaptações pontuais e sucessivas. Assim aconteceu com Veneza, na Praça San Marco, refeita e aperfeiçoada durante vários séculos; e pelo projeto genial de artistas como Michelangelo, que reorganizou uma praça pública; e pela intervenção radical de estruturação viária, implantada pelo Papa Sixtus V, na então desor-

ganizada Roma dos peregrinos, da época em que o Brasil estava sendo descoberto pelos portugueses.

Da mesma maneira, os espaços urbanos podem também sofrer deteriorações sucessivas por obras pontuais destinadas a resolver problemas específicos, como o de um cruzamento de duas avenidas congestionadas, dando como solução a construção de um viaduto. Essas obras pontuais dificilmente significam que possam trazer soluções de continuidade quando considerados em conjunto. Nem sempre se integram, e nem sempre se harmonizam - não foram pensadas como partes de um plano maior.

Os nossos administradores de cidades, ao colocar um elemento urbano como um viaduto, parecem desconhecer uma enorme contradição. Decide-se dar uma solução de curto prazo, construindo-se um elemento urbano que, pela tecnologia atual, poderá durar centenas de anos.

Seria mais coerente considerar que os elementos urbanos de grande durabilidade fossem cuidadosamente integrados a planos de longo prazo.

A longevidade das obras públicas deveria ser obrigatória, assim como a necessidade de agregar grande valor artístico.

Nesse sentido, a negligência urbana do Poder Público é constante, pois as obras públicas estão continuamente perdendo qualidade em todos os aspectos: na construção, no projeto, nas instalações e nos equipamentos. Obras que utilizam materiais escolhidos pelo preço menor, projetos de baixo custo e mão-de-obra a mais barata possível; além de opções por sistemas construtivos "politicamente convenientes", isto é, de menor prazo, ou de "prazo político".

Enfim, critérios muito distantes dos objetivos qualitativos, culturalmente cumulativos e ambientalmente corretos.

O Poder Público não precisa ter pressa na execução de suas obras. Estas, em geral, mal conseguem cumprir uma única função devido a má qualidade de seus materiais, somado à tecnologia rudimentar, que traz como consequência o encurtamento e sua vida útil. Tal como acontece no mundo selvagem, onde um animal

fragilizado é sacrificado pelos demais, as obras que se mostram inadequadas acabam vítimas de vandalismos e menosprezo dos cidadãos.

Cabe a obra pública cumprir, além da sua função primária, como no caso de um banco de jardim, a utilização de todo o seu potencial educativo de civilidade e urbanidade. Assim, o banco de jardim deveria educar o usuário quanto à ergonomia, mostrando-lhe as dimensões corretas para o assento, encosto e apoio do braço; educar quanto aos aspectos de higiene, pela condição agradável de ter um banco bem cuidado e limpo; educar quanto à arte pelo desenho bem elaborado e pelo uso de cores harmonizadas; e educar em tecnologia pela utilização de material de boa qualidade, tornando-o altamente resistente ao uso intenso e às intempéries.

Obras sem qualidade se deterioram com maior rapidez; exigindo constantes manutenções e reparos e contribuem para formar espaços deteriorados na cidade. Além disso, os reparos significam despesas de material e mão-de-obra, além dos transtornos causados ao seu entorno próximo, por desvio de tráfego, poeira, barulho e interrupção de atividades da cidade. É a confirmação do conhecido ditado popular: "o barato sai caro".

As obras não realizadas são muitas vezes negligências urbanas tão graves quanto aquelas construídas inadequadamente, sem qualidade. São em geral obras de grande porte que requerem verbas, às vezes de bancos internacionais, cujas exigências atreladas a esses financiamentos dificultam a prática da cultura de favorecimentos políticos, razão pela qual são deixadas para os momentos de grande pressão da opinião pública.

Essas grandes obras são também procrastinadas por serem demoradas e não se encaixarem como realização de um determinado governo, recaindo no jargão de "prazo político" que é de quatro anos.

O chamado "prazo político" colide frontalmente com os "prazos urbanos", ou de estruturação urbana, pois o primeiro, mesmo que considerando o período de um governo reeleito, de oito anos, ainda está longe de uma intervenção de grande porte, que pode consumir

cerca de 30 anos, entre a sua concepção, elaboração do projeto e as várias fases de sua implantação.

Algumas obras de grande porte como o Rodoanel Metropolitano de São Paulo, ao tentar abreviar o tempo de projeto, limitou-se a um projeto rodoviário e acabou enfrentando dificuldades com as entidades ligadas ao meio ambiente.

A falta de obras rodoviárias para a metrópole paulista, como as de vias expressas; e da insuficiência de linhas ferroviárias, além do trem e do Metrô, é uma das graves negligências urbanas ocorrida nas últimas administrações - resultando no estado caótico de congestionamento de trânsito da região metropolitana de São Paulo.

O custo do congestionamento de trânsito foi estimado em R\$ 474,1 milhões em dez cidades pesquisadas pelo IPEA. Desse total, a maior parte - R\$ 346 milhões - é a perda constatada na Grande São Paulo, seguida do Rio, onde os prejuízos somaram R\$ 72,7 milhões. O cálculo inclui o excesso de tempo, de consumo de combustível e de poluição resultantes do congestionamento de trânsito, além dos investimentos adicionais no sistema viário. Nas dez cidades pesquisadas, constatou-se que os motoristas e passageiros de ônibus desperdiçam 500 milhões de horas por ano nos congestionamentos.

Apesar desses números, a negligência urbana continua. Não parece existir programa de transporte integrado, apenas planos de ênfase em obras do Metrô e de corredores de ônibus. No curto prazo, nada parece responder à necessidade de aumentar os pavimentos já insuficientes para a frota atual, e para os cerca de 700 veículos novos que entram em circulação a cada dia na região metropolitana paulistana.

Um novo termo se agrega ao do congestionamento: são as áreas urbanas saturadas. São Paulo já atingiu esse estado de desenvolvimento urbano, com 10 bairros saturados e 7 em saturação. Essa constatação já tem pelo menos seis anos, com bairros saturados - lugares em que há muito mais carros em circulação do que ruas com capacidade para abrigá-los.

Um distrito de saturação crítica é Perdizes, que apesar da

constatação feita pelo CET em 2002, em três anos recebeu 4.468 unidades residenciais e um Shopping Center que atrai 2,1 mil carros por hora ao distrito. (Jornal da Tarde, 11-5-2008).

Comparando-se as fotos de satélites de 1958, da região do Morumbi, com as atuais, percebe-se claramente as mesmas ruas enquanto que a ocupação com prédios aumentou em 76 prédios residenciais, com 5.764 unidades. Considerando-se que a cada 50 unidades colocam-se 75 veículos na rua nos horários de rush, significa um acréscimo de 8.646 novos veículos.

Eis outra negligência urbana, pois as áreas saturadas deveriam, no jargão técnico, serem "congeladas", isto é, nenhuma nova construção que aumentasse o número de veículos de residentes, ou ocupantes, deveria ser permitida.

A "transgressão" a essas áreas saturadas deve ter como responsável, como toda situação de negligência urbana, o Poder Público, as empresas privadas e as OnGs. Se o governo não atua no controle das áreas saturadas, as empresas de empreendimento imobiliário poderiam evitar construir nessas áreas, e as OnGs deveriam alertar os órgãos públicos e a imprensa, desaconselhando os futuros consumidores a comprar imóveis nesses locais.

Um questionamento torna-se inevitável: o parâmetro dos cerca de 25% destinados às vias públicas nas cidades é hoje insuficiente para a frota de veículos de muitas cidades e deve estar defasado pelo menos 30 anos para o caso de São Paulo e sua região metropolitana.

Essa insuficiência de vias públicas vem sendo compensada pelo transporte oferecido em ônibus e ferrovia, além de programas de trânsito, como o dos rodízios de veículos por final de número de placa, programa de corredores de ônibus, entre outros. Contudo, o transporte coletivo não tem apresentado vantagens convincentes para substituir o transporte individual.

Muito ao contrário, os custos e tempos de viagem se equivalem para um mesmo trajeto, mas o carro leva enorme vantagem quando o usuário necessita de transporte para vários pontos distantes da cidade. Nessa situação estão muitos usuários do transporte

individual, como vendedores, profissionais liberais, professores, etc. além de atividades que requerem o uso de instrumentos e ferramentas de porte ou valor, como o caso dos usuários de “laptops”, técnicos de assistência técnica, que tem o veículo como instrumento de trabalho.

Um outro questionamento a respeito da negligência urbana é a co-responsabilidade das montadoras de automóveis pelos congestionamentos de trânsito. Afinal, os carros que são vendidos causam um “impacto ambiental urbano” que reduz a eficiência das cidades quanto à circulação, qualidade do ar e nível de ruído, além de aumentar os custos de obras em pavimentação e da atividade em engenharia de tráfego.

A indústria automobilística pode alegar que já pagam suficientes impostos para que o governo possa aumentar e manter suas vias rodoviárias. Da mesma forma, a indústria de combustíveis pode alegar que o imposto que incide na venda de combustíveis, o Cide, deveria ser utilizado unicamente para a construção de novas ruas e estradas.

E novamente o governo incide na negligência urbana ao destinar esses recursos para outras obras de maior visibilidade política.

A negligência urbana em relação ao transporte coletivo está na falta de objetividade. O principal objetivo do transporte público deveria ser o usuário. Sem ele, como afirmou um empresário da área de ônibus urbanos, o transporte público não existe: ônibus circulando vazio não é transporte público.

Um conhecido especialista em transportes afirmou que o aspecto mais importante do transporte público é a integração dos meios de transporte. Mas parece ter esquecido que não basta integrar os transportes por meio de estações de transbordo, pontos de ônibus junto a estações de Metrô e terminais de ônibus ligados a estações de trem; esqueceram de que toda esse equipamento precisa do usuário para funcionar.

Esse enfoque no usuário, vale ressaltar para os senhores especialistas, é um assunto que pode estar relacionado menos com transportes e mais com a ciência do comportamento humano.

O aspecto omitido e importante é a qualidade da viagem ao longo de todo o seu percurso.

E a qualidade de uma viagem depende da qualidade dos equipamentos, como ônibus, trem, van ou Metrô; do nível de conforto oferecido pelos equipamentos e instalações, como as estações, os pontos de ônibus, as calçadas iluminadas e desimpedidas de camelôs, viagens sem apertos e com assentos suficientes, etc. o tempo de viagem; e a segurança pessoal ao longo do trajeto, como calçadas sem buracos, perigo de assalto e abordagens de estranhos.

Enfim, uma qualidade de viagem que viabilize aos usuários do transporte individual, de automóveis, utilizar o transporte coletivo sem perdas em termos de conforto, segurança, custo e de tempo.

Essa falta de qualidade das viagens ao longo de todo o trajeto, é atualmente o principal responsável pelo número de usuários de carros, pelo menos em São Paulo. Embora exista um Metrô que é eficiente, confortável (em termos), seguro e de custo razoável, pouquíssimas pessoas têm o privilégio de depender apenas do Metrô para se deslocar pela cidade.

Apenas para ilustrar, considere-se, para a maioria das pessoas, que uma viagem começa no patamar da residência, caminha-se um trecho por calçadas públicas, toma-se um ônibus, e talvez outro, ou um trem ou Metrô, depois outro ônibus, caminha-se novamente por uma calçada, até atingir a entrada do prédio, que é o destino final da viagem.

Assegurar condições de qualidade de viagem aos usuários, entre outros aspectos, significa a qualidade dos equipamentos (veículos), das instalações (estações e pontos), das condições de manutenção (veículos, estações e calçadas), do conforto (proteção em dias de chuva e sol intenso) e de segurança (policimento, iluminação, sinalização).

Na verdade essa falta de qualidade da viagem estimula o uso do carro, que oferece melhores condições de conforto (em dias de chuva principalmente), de tempo de viagem (em alguns trajetos o ônibus, circulando por corredores exclusivos, tem apresentado

vantagem em relação aos carros) e de custos (recentes levantamentos de custos demonstraram que o transporte coletivo e individual estão muito próximos, às vezes com vantagens para o usuário do carro).

A falta de qualidade das viagens do transporte coletivo, associado às facilidades financeiras de aquisição de carros zero quilômetro, vem produzindo congestionamentos de trânsito cada vez piores.

Outra certeza de negligência urbana diz respeito ao transporte e zoneamento.

Quanto maior a área urbana, mais transporte esta necessita para o desenvolvimento de suas atividades. Contudo, muitas viagens podem ser evitadas pela cidade, na medida em que ela é planejada para, intencionalmente, minimizar os deslocamentos de pessoas. Deslocamentos mais freqüentes como as entre residência e escola; residência e supermercado; residência e centros de saúde, podem ser minimizados, a ponto dessas viagens serem feitas sem o uso do carro – a pé ou de bicicleta.

As cidades podem ser mais adensadas, dessa forma reduzindo as distâncias das viagens, e ao mesmo tempo tornando-as mais econômicas, pelo ganho de escala. Tendo mais passageiros por parada, o chamado Índice de Passageiro por Quilômetro melhora, torna a linha de ônibus mais lucrativa para as empresas de transporte, e permite ao Poder Público negociar menores tarifas.

As cidades menores podem ser administradas, até com certa eficiência, por políticos bem intencionados; mas, na medida em que se tornam maiores, exige conhecimentos de especialistas em planejamento e urbanismo. Quando os políticos insistem em assumir a decisão de questões urbanas e, principalmente quando elas vinculam-se a interesses particulares, as cidades sofrem dessa negligência.

Uma negligência urbana muito praticada está na delimitação do que se considera Área Urbana, ou Zona Urbana. Uma delimitação tão importante que estabelece a fronteira entre a Área Rural e Urbana é, em geral, feita pelos vereadores sem maiores justifica-

tivas ou pareceres de especialistas em urbanismo. Aliás, qualquer área urbana deveria ser de interesse de urbanistas.

A metamorfose da passagem de Áreas Rurais para Áreas Urbanas – e bastaria um pouco de bom senso para perceber – significa a certeza de grandes transformações ambientais: ruas pavimentadas; solo ocupado por prédios e calçadas; abastecimento de grande quantidade de água e energia; retirada de lixo e esgoto; muitos postes e fios; e uma quantidade cada vez maior de veículos, poluindo com fumaça e ruído.

Apesar disso, não se conhece – seja de políticos, entidades não governamentais ou de especialistas – qualquer intenção em promover a alteração dessa prática. No mínimo, a criação ou ampliação da Zona Urbana deveria passar pela aprovação de entidades, que em alguns casos se mostram e atuam com extremo rigor, no controle de impactos ambientais.

Estranhamente, um dos maiores impactos ambientais, que é a transformação do ambiente rural para o urbano, passa incólume e sem maiores questionamentos.

É também muito importante observar a necessidade de rever as diretrizes de planejamento urbano. Nesta época de Planos Estratégicos de Desenvolvimento Urbano, deveria ser prioritariamente considerada a implantação de meios de controlar a combinação de Densidade e Nível de Renda.

Sem propor qualquer discriminação de renda, mas baseado na observação de que a qualidade urbana está diretamente relacionada com uma combinação da Densidade Habitacional e o Nível de Renda da população: a combinação de Baixa Densidade Habitacional com a de Zonas Residenciais com população de baixa renda, têm trazido os maiores problemas de atendimento em relação aos serviços públicos, assim como de equipamentos particulares.

Essa combinação de baixa densidade com baixa renda, inviabiliza a instalação de vários tipos de comércio e serviços particulares, pelo baixo poder de consumo, ou na linguagem de marketing, de baixo poder de compra.

Da mesma forma, as empresas concessionárias de energia,

água e esgoto e de transporte coletivo, encontram dificuldades de explorar economicamente essas áreas, devido ao baixo e lento retorno dos investimentos.

Por exemplo, os custos de postes, fios e transformadores são os mesmos para áreas de maior ou menor poder aquisitivo, mas nas áreas de maior pobreza a companhia concessionária de energia elétrica sofre perdas com ligações clandestinas e roubos de fios com maior frequência.

As questões de negligência urbana lembradas neste artigo podem e devem ser complementadas pelas pessoas ligadas a governos, empresas privadas e entidades não governamentais, como caminho para que a cidade se transforme gradativamente para um nível de qualidade urbana que a população deseja e merece.

PLÍNIO TOMAZ

AS ONDAS DE KONDRATIEFF

Sempre tive a curiosidade de entender o crescimento e o declínio das civilizações e procurar uma explicação plausível.

Estando em Lisboa em novembro de 2007 fui apresentado pelo dr. Vitor Simões com o livro *Portugal – o pioneiro da globalização* escrito em agosto de 2007 pelos drs. Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas, é que consegui obter algumas informações matemáticas sobre o assunto e que passo resumidamente aos leitores.

Primeiramente vamos explicar o modelo proposto pelo economista russo Nikolai Kondratieff, em 1922.

Kondratieff demonstrou que as ondas K (de Kondratieff) duram em média 60 anos, sendo que os primeiros 25 a 30 anos representam a fase de expansão e os outros 25 a 30 anos representam a fase de depressão.

Kondratieff previu o colapso do capitalismo em 1929 que é conhecida como a grande depressão mundial, o que agradou bastante aos comunistas. Previu também que após isto haveria a fase de expansão do capitalismo o que ocorreu e, devido a isto, ele foi preso pelos comunistas e executado em 1938.

Felizmente as idéias de Kondratieff foram transcritas para a língua alemã e difundidas para o resto do mundo.

Kondratieff só examinou o período industrial com início em 1800.

A primeira onda K teve a fase expansão de 1800 a 1820 e de 1820 a 1840 tivemos a fase de depressão.

Na segunda onda K teve início com a fase da expansão em 1840 a 1870 e a fase da depressão em 1870 a 1895.

Na terceira onda K teve início a expansão em 1895 e término em 1920 e início da fase de depressão em 1920 e término em 1950.

A quarta onda K teve início a fase de expansão em 1950 a 1.975 e tivemos a fase da depressão entre 1975 a 2005.

Portanto a partir de 2005 estamos na quinta onda de K e podemos constatar facilmente que o mundo está em plena fase de expansão. Lá pelo ano 2030 terá início a fase de depressão do mundo.

Cada onda de Kondratieff tem período de 60 anos e duas ondas K formam o que se chama o *ciclo longo* denominado de CL com período de 120 anos, conforme denominado por George Modelski em 1980.

A visão de Modelski é que a perspectiva tem quatro componentes principais:

- Econômica
- Política
- Social
- Cultural

Modelski usando o evolucionismo Darwiniano aplicado ao *homo sapiens sapiens* definiu os elementos básicos da evolução biológica que deve ser aplicada:

- Variação
- Cooperação
- Seleção
- Transmissão de informação

Examinando-se o mundo desde meados do século X até fins do século XXI temos:

- Primeiro ciclo longo 1 China
- Segundo ciclo longo 2 China
- Ciclo longo 3: Gênova
- Ciclo longo 4 Veneza
- Ciclo longo 5 Portugal
- Ciclo longo 6 Holanda

Primeiro ciclo longo 7 Britânico

Segundo ciclo longo 8 Britânico

Primeiro ciclo longo 9 Estados Unidos

Observe que Portugal durante uns 120 anos dominou o mundo.

Devezas e Modelski estabeleceram a *curva logística* da formação do sistema mundial, em trabalho publicado em 2003, estabelecendo a lei das potências $g = 2^n$ onde g representa o número de gerações e 2 é a base.

Para $n=1$ temos $g=2$ que corresponde a onda K. Para $n=2$ temos $g=4$ que corresponde ao ciclo longo e assim por diante. Para $n=8$ temos $g=256$ gerações e como cada geração tem 30 anos teremos 7.680 anos.

Segundo os autores, o mundo possui 4 fases distintas:

Fase antiga que vai de 3.000aC a 700dC.

Fase clássica que vai de 700 dC ao no 1.000dc.

Fase moderna que vai de 1.000dC a 2.200dc.

Fase pós-moderna que vai de 2.200dC a 5.000dC.

Ninguém sabe e nem imagina como será a época pós-moderna de 2.200dC a 5.000dC.

Vários estudos de especialistas citam que o ponto crítico do mundo se dará no ano 2030, pois haverá um *vácuo do poder mundial* e ninguém realmente sabe o que vai acontecer.

Quatro potências mundiais, o denominado BRIC- Brasil, Rússia, Índia e China estão habilitadas para o futuro.

Alguns não possuem nenhuma dúvida que a China será a maior potência mundial em 2.030, mas existem outras possibilidades. Os Estados Unidos poderão fazer alianças com os países e assumir novamente a liderança no mundo.

Para terminar, vamos citar as idéias do historiador americano John G. Sims Jr publicada em 1930.

Uma tribo batalha contra a miséria e opressão e desta forma torna-se forte, transformando-se em uma grande nação. Então, prossegue vivendo às custas dos esforços dos outros até tornar-se fraca, o que causa a sua queda perante algum povo jovem e viril como fora outrora.

As famílias seguem o mesmo caminho. É comum se dizer que passam quatro gerações desde “mangas de camisa” até “mangas de camisas”. Uma geração acumula riquezas; a segunda geração pratica a gestão de manter esta riqueza; a terceira esbanja-a e a quarta tem que começar tudo de novo.

Indivíduos e negócios seguem o mesmo caminho das famílias e das nações.

ALBERTO TORRES

Li uma dissertação de mestrado apresentada na Universidade Católica de São Paulo em 1978 por Teotônio Simões.

A primeira curiosidade foi saber que o autor, Teotônio, achou num sebo em São Paulo, um livro escrito de Alberto Torres. Leu e gostou. Resolveu escrever a sua dissertação de mestrado sobre o mesmo. Teve a seguinte dúvida, por que escrever sobre um pensador brasileiro, o melhor seria escrever sobre um filósofo francês, alemão, inglês que lhe daria muita projeção. Mesmo assim escolheu Alberto Torres, falecido em 1916.

Alberto Torres foi ministro da Justiça de 1806 a 1897 e foi governador do Estado do Rio de Janeiro entre 1898 a 1900 e fez parte da Corte Suprema do Brasil de 1901 a 1909. Achava que os brasileiros deveriam estudar seus próprios problemas e encontrar suas próprias soluções. Não acreditava em fórmulas estrangeiras para as soluções dos problemas brasileiros. Era anti-racista e condenava vigorosamente a urbanização. Um dos seus discípulos foi Oliveira Vianna.

Torres foi um pensador autoritário e foi totalmente esquecido pela revolução brasileira de 1930. Depois disso, praticamente ninguém mais leu Alberto Torres.

Alberto Torres dizia que era original em seu pensamento, mas na verdade contém muitas idéias do inglês Herbert Spencer, Augusto Comte e Saint-Simon.

Outro pensador brasileiro, Farias Brito, foi totalmente esquecido. Em Guarulhos existia a Faculdade Farias Brito, que mudou depois para UNG - Universidade de Guarulhos.

Em um livro sobre filosofia em todo o mundo “*World philosophies*” de Ninian Smart quando trata do Brasil cita somente Leonardo Boff devido à “Teologia da Libertação”.

Farias Brito e Alberto Torres foram esquecidos pelos brasileiros devido à ditadura de Getúlio Vargas, pois o integralista Plínio Salgado falava que seguia o pensamento somente de tais brasileiros. Isto também aconteceu com o Gustave Le Bon, que escreveu um livro sobre as massas e que era de cabeceiras de Mussolini e Adolfo Hitler, fazendo com que o mesmo fosse esquecido totalmente.

A REVOLUÇÃO DE 32 E O BATALHÃO SUICIDA

Getúlio Vargas (1883-1954) nasceu no Rio Grande do Sul. Em 1930 foi feita uma revolução político-militar e em outubro daquele ano, foi derrubado o presidente Washington Luiz Pereira de Souza, sendo presidido por uma junta militar chefiada por Getúlio Vargas.

Desde o período de 1894 até 1930 as oligarquias principalmente paulistas e mineiras dominavam todos os governos da república através do Partido Republicano.

Em outubro de 1929 houve a crise da Bolsa de Nova York e que repercutiu em todo o mundo e o café entrou também em completa desestabilização. Começaram, então, as revoltas dos jovens oficiais, conhecida como o “tenentismo”. Em 1º de março de 1930 Julio Prestes ganhou as eleições de Getúlio Vargas. Houve denúncias de fraude eleitoral e, também, o assassinato de João Pessoa na Paraíba, que era candidato a vice-presidente na chapa de oposição ao governo. Em 3 de outubro de 1930 começou a revolução em vários estados, como Rio Grande do Sul, Paraíba e

Pernambuco. No Rio Grande do Sul as tropas do exército comandadas por Getúlio Vargas chegaram até o Rio de Janeiro, onde ficava a sede do governo e estabeleceram um governo provisório.

Esta foi à chamada Revolução de 1930.

As tropas de Getúlio Vargas poderiam ser impedidas em Itararé, sendo que a tropa da Força Pública de São Paulo tinha na época 4.800 soldados, possuindo infantaria, cavalaria, artilharia e até aviação, sendo a segunda força militar da América do Sul. Os paulistas poderiam impedir as tropas de Getúlio Vargas, mas não o fizeram e aderiram ao mesmo. Na Batalha de Itararé, houve um incidente interessante: um soldado negro nordestino, que estava do lado de São Paulo, se ofendeu quando um oficial do exército do Rio Grande do Sul ofendeu os paulistas. Ele teve morte instantânea, com uma facada na barriga que lhe abriu os intestinos.

Getúlio Vargas, para agradar o movimento chamado de “tenentismo”, colocou para governar São Paulo o interventor tenente João Alberto, em 25 de novembro de 1930. Praticamente acabou o PRP, isto é, o Partido Republicano Paulista.

Sobre estes episódios tenho ouvido desde criança e não sei realmente se são verídicos ou não, mas estas atitudes mexeram com o brio dos paulistas. Getúlio Vargas definitivamente não gostava dos paulistas. Getúlio Vargas queria a todo custo o enfraquecimento econômico de São Paulo. Reduziu drasticamente o efetivo da Força Pública, chegando ao ponto em que todos estavam descontentes, desde os industriais em dificuldades financeiras, os fazendeiros falidos, os militares, enfim todo o povo paulista empobrecido estava decepcionado com Getúlio. Então os paulistas acreditavam que o governo provisório estava “provisório” demais; queriam a volta ao regime constitucional.

Este descontentamento querendo a volta da democracia ganhou corpo em vários estados brasileiros, principalmente no Rio Grande do Sul e São Paulo, criando-se a chamada Frente Única, de que participavam Partido Republicano Paulista (PRP) e o Partido Democrático (PD).

Para acalmar a situação Getúlio Vargas muito habilmente

pegou um paulista de idade avançada que morava no Rio de Janeiro para ser o interventor civil em São Paulo. Pedro de Toledo foi nomeado em 2 de março de 1932.

No dia 22 de abril, Getúlio consente que o município paulista de Vargem passasse para o Estado de Minas Gerais e os paulistas ficaram mais humilhados, com o desmantelamento do Estado de São Paulo pelo governo do Getúlio Vargas.

Começaram as agitações em São Paulo em diversos lugares, pois Getúlio queria acabar com a Frente Única.

Naquela época, as faculdades de Engenharia, Direito e Medicina tinham sociedades secretas e estas estavam se reunindo constantemente.

No dia 23 de maio de 1932, quatro estudantes foram mortos pela polícia do Getúlio Vargas. Os quatro estudantes: Miragaia, Martins, Drausio e Camargo deram início à famosa sigla MMDC. Imediatamente os paulistas se reuniram no restaurante Posilipio na Praça da República estabeleceram a “Guarda Paulista”. A revolução de 1932 começa às 4h 15min da manhã de 24 de maio de 1932.

Getúlio Vargas começa então a “despaulistar” São Paulo, removendo todos os oficiais paulistas e as armas do exército que estavam no Estado de São Paulo.

Os representantes de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso combinam a revolução com objetivo de se acabar o governo provisório de Getúlio Vargas e se fazer nova constituição brasileira.

No dia 9 de julho de 1932 os paulistas se reuniram numa casa na capital, localizada na Rua Sergipe, 37 sob o comando do idoso General Isidoro Dias Lopes. Foi dado início à Revolução de 1932, com a senha: Sergipe e a contra-senha: 37. O General Bertoldo Klinger que estava em Campo Grande, Mato Grosso trouxe somente uns 100 soldados e assumiu o comando do exército em São Paulo, ficando subordinado ao mesmo o coronel Euclides Figueiredo.

Os paulistas tinham 8.500 homens sendo que os getulistas tinham 18.000.

Lembro quando era pequeno que todos sabiam os nomes das

siglas inclusive meus pais e vizinhos, embora a revolução de 32 tivesse ocorrido havia mais de uma década. Os meus amigos que tinham pais na Força Pública só falavam da tal revolução.

A revolução de 1932 iniciada pelos paulistas foi liderada pelo próprio interventor de Getúlio Vargas, o paulista Pedro Manuel de Toledo (1860-1935). O comandante militar foi o general Bertoldo Klinger (1884-1969) nascido no Rio Grande do Sul.

No dia 10 de julho de 1932 o interventor Pedro de Toledo adere à revolução.

A revolução de 1932 estourou em 9/julho/1932 tendo como apoio militar a Força Pública e os voluntários. Em 27/ setembro/ 1932 a chefe da Força Pública Herculano de Carvalho se rendeu e dias depois o general Bertoldo Klinger fez o mesmo, acabando com a revolução.

O Estado de São Paulo durante a revolução de 1932 foi pressionado por todos os lados com tropas de todas as partes do Brasil. Houve campanha de doações de anéis e ouro para o governo revolucionário.

Os engenheiros e estudantes da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo se alistaram na revolução. Fizeram trens blindados e desenvolveram a fabricação em indústrias paulistas de diversas armas, munições etc.

Na Poli, no prédio da engenharia civil existe uma homenagem “aos politécnicos mortos por São Paulo em 1932”. No monumento está escrito “*Quando se sente bater no peito heróica pancada deixa-se a folha dobrada enquanto se vai morrer...*”

A revolução de 1932 mexeu com os paulistas de uma maneira inusitada. Getúlio Vargas dizia para todos, que São Paulo queria se separar do Brasil ou que os comunistas tinham assumido o poder em São Paulo ou ainda que os estrangeiros tinham tomado São Paulo e por isso a revolução tinha que ser derrotada. Era mentira. *Constituição ou Morte* era o lema dos paulistas.

O Rio Grande do Sul e Minas Gerais não enviaram soldados para ajudar a revolução de 1932, ficando São Paulo somente com Mato Grosso. Nos locais combinados onde as tropas paulistas

encontrariam as do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, ao invés de haver confraternização entre as tropas, os paulistas receberam tiros de canhões e balas de metralhadoras.

Minha mãe contava que naquele tempo via os aviões que vinham do Rio de Janeiro amedrontar São Paulo eram comandados pelo Brigadeiro Eduardo Gomes. Ele próprio participava também dos vôos. Passavam por cima de Guarulhos, pois vinham do Rio de Janeiro e eram os chamados “vermelhinhos” e bombardeavam o Campo de Marte na capital de São Paulo e o município de Campinas.

Guarulhos naquele tempo não tinha a Base Aérea de Cumbica, não havia nenhuma rua asfaltada, não havia rede de água e nem de esgoto. O município deveria ter menos de 10 mil habitantes.

Mesmo assim o pessoal da Banda Lira em torno de uns 30 homens aderiram à revolução de 1932. Muitas outras pessoas também entraram como voluntários chegando a aproximadamente 100 homens dispostos a lutar.

Forneceram uniformes aos voluntários de Guarulhos, mas não havia armas. Ganharam uma matraca, que era uma geringonça que com uma manivela fazia um barulho que parecia uma metralhadora. Só fazia barulho. Contam os antigos que o treinamento era acionar a matraca. Egisto Tomaz, meu pai, quis se alistar, mas não o aceitaram, pois não tinham armas para a luta.

Como os voluntários de Guarulhos não tinham armas, recebeu o nome jocoso de “Batalhão Suicida”.

Foram até desfilar em São Paulo.

É claro que não participaram de nenhuma batalha, graças a Deus, pois senão acabaríamos com a nossa banda que tocava em todas as procissões.

A guerra acabou logo, pois durou somente três meses.

São Paulo perdeu: morreram 601 pessoas, sendo 352 voluntários.

Em agosto de 1932 Getúlio Vargas nomeou o interventor civil e paulista Armando Salles Oliveira.

Muitos guarulhenses morreram na revolução de 1932 e estão enterrados no cemitério do Picanço, num túmulo localizado à

esquerda de quem entra. Morreram mais guarulhenses do que se imagina. Tinham logo no começo se alistado em São Paulo na capital e foram para a luta. Tive um amigo no Rotary Club chamado Gunter Berner, nascido em Santa Catarina e que morava no bairro do Picanço, que lutou por Guarulhos na Revolução de 1932.

A dona Eugênia Forli Tomaz conta que o pai da Clara, co-madre sua, que morava em Tucuruvi, era o encarregado da cremação dos cadáveres dos soldados mortos na frente do Rio de Janeiro. Tirava todos os documentos dos cadáveres e depois a noite ateavam fogo aos corpos, pois não havia tempo para enterrá-los.

Os gaúchos que moravam em São Paulo fizeram o “Batalhão Rio Grandense”, os mineiros fizeram o “Batalhão Mineiro” e os negros fizeram a “Legião Negra”.

Em 14 de julho de 1934 foi promulgada a nova Constituição Brasileira e no dia seguinte Getúlio Vargas foi eleito presidente da República pelo voto indireto da Assembléia Nacional Constituinte.

A revolução paulista de 1932 teve como consequência o enfraquecimento do tenentismo, pois, quase todos se bandearam para o getulismo, abandonando os ideais dos tenentes. Não esquecer que os tenentes eram idealistas e queriam o bem do Brasil, tais como usinas siderúrgicas, código de águas e de mineração em 1934. A revolução de 1932 fez com que Getúlio Vargas perdesse o ódio aos paulistas e preparou o golpe de estado chamado “Estado Novo” implantado em 19 de novembro de 1937.

Em 1945 sob pressão militar Getúlio Vargas marcou eleições e foi eleito o General Dutra. Em 1950 Vargas ganhou as eleições e tomou posse em 1951.

O poder de Getúlio Vargas acabou somente com o seu suicídio em 24 de agosto de 1954.

A Revolução de 1932 teve a participação da Força Pública (atual Polícia Militar), dos oficiais do Exército Brasileiro, das Faculdades Paulistas de Engenharia, Direito e Medicina que participaram das lutas e do esforço revolucionário de São Paulo. Todos os soldados e oficiais de origem nordestina que estavam em São Paulo, lutaram contra Getúlio Vargas.

QUEDA DA BASTILHA

Os franceses comemoram o dia 14 de julho de 1789, como a Tomada da Bastilha. Vi pintura na França com mulheres empunhando armas lutando contra a fortaleza citada. Todas as 863 pessoas que participaram do ataque a Bastilha receberam até o fim da sua vida uma pensão mensal. Há documentos inclusive de pessoas que no ano de 1874 recebiam pensão de “tomadores da Bastilha”.

Os franceses com orgulho lembram a morte de 100 pessoas, centenas de feridos e que o povo furioso tomou a Bastilha e a destruiu.

Tudo mentira. A Bastilha cuja construção teve início em 1370, muito feia, com altura de 23m e foi feita para se defender dos ingleses durante a guerra dos 100 anos. Na época a Bastilha estava praticamente abandonada e só havia sete prisioneiros. Não foi disparado nenhum tiro, pois os poucos soldados e comandante da Bastilha se renderam. Depois cortaram a cabeça do comandante da Bastilha, o Marques de *Launay* enfiaram em um pau e desfilaram pelas ruas de Paris comemorando a “tomada da Bastilha”.

Na verdade a comemoração é simbólica, porém figuras ilustres estiveram presas na Bastilha tais como Voltaire, Cagliostro e o Cardeal Rohan.

Na Bastilha as pessoas comiam muito bem e podiam até fazer um passeio.

Uma curiosidade de um preso foi Conde Alexandre de Cagliostro que dizia durante o tempo da revolução francesa que nascera no Egito e tinha 300 anos de idade e que sua mulher tinha 70 anos. Na verdade Cagliostro chamava-se Giuseppe Bálamo, nascera na Itália na cidade de Palermo de uma família bastante pobre.

Cagliostro foi para a Inglaterra e entrou em uma loja maçônica. Depois foi para a França onde fundou a Grande Loja Mãe da Sabedoria Triunfante. O Cardeal Rohan acreditava em Cagliostro e o levou a Paris. Cagliostro era vidente, evocador de espírito,

magnetizador, alquimista, feiticeiro e estelionatário. Muitas vezes “emprestava” a sua mulher. Fazia ouro, vendia bilhetes de loteria e se vestia usando um uniforme de um oficial prussiano.

O Conde Rohan e Cagliostro estavam implicados no caso do colar da rainha Maria Antonieta.

Em conclusão, existem pessoas que acreditam até hoje que Cagliostro tinha mesmo 300 anos e que morreram muitas pessoas na Tomada da Bastilha.

O MISTÉRIO DA FOTO

Antes que a rua d. Pedro II fosse pavimentada com paralelepípedos, havia em Guarulhos alguns costumes que não existem mais.

Um deles era que os corpos das pessoas mortas eram veladas na Igreja Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em 1635 ou 1761 e localizada no fim da rua d. Pedro II. Após as orações, que eram feitas pelo padre, tocava o sino e o caixão era carregado pela rua d. Pedro II em direção ao cemitério São João Batista, que ficava pertinho.

Todas as lojas e escritórios baixavam as suas portas em sinal de respeito, mesmo não conhecendo quem tinha morrido. Era comum isto acontecer. Lembro que trabalhava no escritório do tio Abílio Lourenço Neves e que, constantemente, tinha que abaixar as portas e ficar olhando o enterro passar e depois, as voltava ao lugar.

Quando se tratava de enterro de crianças, era usual após sair da igreja, os familiares levarem a criança até a Foto Koga, a única da cidade e que ficava a uns duzentos metros da igreja e na rua d. Pedro II.

O Akito Koga era jovem na época. Tirava as fotografias e as revelava e depois os parentes vinham buscá-las.

O Akito Koga contou-me um fato bastante estranho que ele não conseguiu explicar. Tirou a fotografia da criança morta dentro do caixão e quando foi revelar saiu nitidamente a fotografia do caixão com as flores dentro, mas sem a criança. A criança desapareceu da foto. Ele garantiu que ele mesmo tirou a foto e ele mesmo a revelou.

Não sabe o que aconteceu. Ficou bastante preocupado, pois sabia que os parentes iriam reclamar com ele quando viessem buscar a foto. Mas nunca mais apareceram os parentes da criança morta e nem ele sabia quem eram e não encontrou ninguém que os conhecesse. Falou para todos os vizinhos da loja e ninguém sabia de nada.

Uma vez estava na rua d. Pedro II na papelaria do Milton Cuequinha, que ficava do outro lado da Foto Koga. Passou um enterro com poucas pessoas levando um caixão pelas mãos e umas 10 pessoas ao lado. Bem atrás do caixão estava o Moacir Mesquita que era candidato a vereador. Estava de roupa escura, com as mãos juntadas e a cabeça abaixada. O féretro passou, levantamos a porta da papelaria e ficamos conversando quando depois de uma hora, mais ou menos, apareceu o Moacir. Perguntei-lhe quem tinha morrido, pois sua aparência era muito triste.

– Sei lá, disse o Moacir, e concluiu, sou candidato a vereador e estou arranjando votos.

Os parentes daquele morto devem ter tido uma impressão estranha do Moacir. Não o conheciam. Seguiu o caixão até o cemitério e depois desapareceu. Acho que até pensaram que era um fantasma.

VIRIATO, O HERÓI LUSITANO

Na península ibérica (Portugal e Espanha) havia no ano 200 a.C, entre os rios Tejo e Douro uma tribo denominada “lusitanos” que vivia perto do Oceano Atlântico sendo que mais foi tarde foram denominados pelos romanos de Lusitânia.

Viriato nasceu em 170 a.C. mas ninguém sabe exatamente a cidade em que nasceu, e só sabemos através dos escritos dos romanos, pois durante oito anos ele destruiu todas as legiões romanas que foram enviadas contra ele.

Alguns portugueses dizem que Viriato nasceu na Serra da Estrela, mas pode não ser verdade.

O nome Viriato deriva do ibérico *viria*, que significa pulseira, e então Viriato é o portador de pulseiras assim como Torquato é o portador de *torques*, ou seja, colar.

Os romanos comandados por Cepião tiveram que subornar três amigos de Viriato: Audax, Ditalco e Minuro (ou Nicorontes) para que o assassinassem e assim pudessem destruir os lusitanos. Viriato foi assassinado quando estava dormindo pelos três amigos que o feriram no pescoço, pois o mesmo dormia vestido preparado para as batalhas.

Não se sabe o que aconteceu com os três assassinos que provavelmente voltaram para sua casa na cidade de Urso que hoje fica na Espanha e morreram tranqüilamente em suas camas na velhice. Os romanos sempre afirmavam que *Roma não paga os traidores*, o que não é bem verdade.

O cadáver de Viriato foi ricamente vestido e queimado numa pira altíssima.

Os lusitanos eram povos valentes e que sabiam usar bem os cavalos que corriam como o vento e eram peritos na técnica de guerrilha. Havia o mito de que as éguas lusitanas eram fecundadas pelo vento devido a sua agilidade. Salientamos que os lusitanos já usavam o freio (embocadura) nos cavalos.

No começo nem os romanos nem os cartagineses tinham interesse na Hispânia que é a denominação antiga da península ibérica.

Os cartagineses, depois de perderem a primeira guerra púnica com os romanos, passaram a explorar as minas de prata e cobre que havia na Hispânia. Na segunda guerra púnica os romanos atacaram as cidades cartaginesas na Hispânia e viram que podiam auferir um bom lucro com a mineração e passaram a ocupar algumas regiões.

Na região onde viviam os Lusitanos faltavam terras para muita gente apesar de haver ouro, prata e outros metais. Então se tornavam mercenários para os cartagineses, pois muitos lutaram com Aníbal na Itália. Aqueles que ficavam na região formavam verdadeiros exércitos para saquear as cidades da Hispânia, ricas em produtos agrícolas e gado.

A história de Viriato começa quando o pretor romano Sulpício Galba em 150aC reuniu 30.000 homens que receberiam terras e viveriam sossegados. Os romanos colocou-os em três acampamentos e os obrigou a entregar todas as armas e depois que todos estavam desarmados mandou as legiões que matassem a todos. Foram assassinados uns 20.000 lusitanos escapando entre eles Viriato que, a partir daí, começou a lutar ferozmente contra os romanos traidores que faziam sempre esta perfídia.

Galba foi processado pelo senado romano, mas como ganhou muito dinheiro na Hispânia, subornou os senadores e não aconteceu nada com ele.

Os anos de liderança de Viriato duraram de 147aC a 139aC e os romanos batizaram este período de *guerra de fogo*.

Os exércitos romanos tinham de 20 mil a 35 mil homens e mesmo assim eram derrotados por Viriato que teve, no máximo, 10 mil homens.

Uma curiosidade sobre a liderança de Viriato é que ele usava parábolas, alegorias e exemplos para se expressar e ser mais bem entendido. Era hábil no manejo da espada curta e no arremesso da lança longa. A estratégia de Viriato era de estar sempre em movimento.

Viriato usava a tática de guerrilhas para atacar, recuava rapidamente fingindo que estava fugindo e levava os romanos para armadilhas já preparadas. Lutava durante o dia e durante a noite. A rapidez e a surpresa eram essenciais para Viriato.

No território dos lusitanos se falava uma língua indo-européia, ou seja, o lusitano que seria um dialeto com personalidade própria e muito velha com relação as outras línguas existentes na Península Ibérica.

Depois de tantas vitórias e tantas guerras contra os romanos Viriato assinou um tratado de paz com os romanos em 140aC, após sua vitória sobre o exército de Serviliano. Na verdade os lusitanos já estavam cansados de tanta guerra e queriam a paz. Viriato recebeu o título pelo senado romano de *amicus populi romani* e foi considerado uma espécie de rei dos lusitanos, o *dux Lusitanorum* (chefe dos Lusitanos).

Mas os romanos só queriam ganhar tempo. Mandaram outro exército para combater Viriato e Cepião pediu embaixadores de Viriato para novamente fazer um tratado de paz, os subornou e assassinaram Viriato.

Uma observação interessante é que Júlio César demorou somente 7 anos de 58aC a 52aC para dominar toda a Gália, mas os romanos demoraram 200 anos para dominar a Hispânia, isto de 218aC a 19aC.

É bom lembrar que Napoleão teve muitos problemas para dominar a Península Ibérica, pois foi mais fácil dominar a Áustria, Alemanha e Itália.

O ministro das relações exteriores de Napoleão, Taillierand, foi totalmente contra a invasão da Espanha e da Rússia que praticamente exauriu todos os recursos da França.

Camões falou de Viriato, assim como Lope de Veja e Miguel de Cervantes.

Viriato foi um grande herói da liberdade assim como Vercingetorix na Gália, na luta contra os romanos.

Viriato é o herói nacional de Portugal.

SILVIO RIBEIRO

EMIGRAÇÃO JAPONESA

Como toda emigração em massa, a japonesa não ocorreu exatamente por vontade própria.

No final do século XIX, o exílio se tornou a única opção de sobrevivência de muitos japoneses, com o pensamento de conseguir riquezas e um modo de vida melhor fora do Japão, que se encontrava com a economia debilitada, principalmente em países com grandes expansões de terras que pudessem ser compradas e trabalhadas.

Os Estados Unidos foi uma primeira opção, contudo o forte processo de racismo, principalmente calcado no receio de uma possível mistura étnica que viesse alterar com a chegada dos “amarelos” a composição racial do país, fechou as portas para os trabalhadores asiáticos, oportunidade em que o Brasil passou a ser um local preferido para essa pretensão.

O Brasil não esteve sempre aberto aos estrangeiros. O Decreto nº 528 de 28 de junho de 1890 condicionava a entrada de emigrantes africanos e asiáticos à autorização do Congresso Nacional.

As últimas décadas do século XIX, foram marcadas pela discussão de como poderia ser feito para substituir a mão-de-obra que estava desaparecendo do Brasil com o fim do tráfico de escravos segundo o decretado em 1850.

Por volta de 1870 e 1880, cafeicultores debateram muito sobre essa problemática, também usando argumentos preconceituosos e racistas, utilizando a idéia de se trazer trabalhadores europeus, brancos e católicos, que não só colonizariam as terras, como contribuiriam para “branquear” a população mestiça do Brasil.

Contudo, a existência da escravidão no Brasil dificultava ainda mais a atração e a vinda dos emigrantes europeus, italianos, espanhóis, suíços, alemães que preferiam emigrar para os Estados Unidos e Argentina.

Capitalistas brasileiros debatendo-se em Assembléias e no próprio Senado estudavam trazer em caráter de urgência mão-de-obra que se configurasse numa transição, até que o país estivesse preparado para receber os europeus, considerados “superiores”, concluindo-se que para essa transição seria melhor descartar-se a mão-de-obra negra, sinônimo de “atraso” e a do trabalhador nacional, sinônimo de “preguiça”.

Sob pressão dos cafeicultores, o presidente do Brasil, Floriano Peixoto, promulgou a Lei nº 97 em outubro de 1892, permitindo a imigração asiática o que criou alicerces para o início da imigração japonesa em 1908.

No dia 28 de abril de 1908, por volta das 17h50, partia do porto de Yokohama que ficava nas proximidades de Tóquio com destino ao Brasil, o navio Kasato Maru, antiga belonave russa, apreendida pelo Japão durante a guerra russo-japonesa travada entre 1904 a 1905 a qual fora transformada em meio de transporte de passageiros, neste acontecimento conduzindo 781 passageiros, cujo destino era nas fazendas brasileiras de café.

A epopéia da partida dos emigrantes foi revestida de momentos solenes por parte do povo japonês, como, por exemplo, o discurso de um deputado japonês Gonta Doi, *“você estão indo para outro país e não devem esquecer que cada um representa o Japão. É necessário que todos se encarreguem de não manchar a honra japonesa e o nome de sua pátria. Se não forem capazes de viver condignamente, não pensem em voltar. Tenham vergonha disso e morram por lá”*

Naturalmente tais palavras seriam para acobertar a verdadeira vinda dos emigrantes para o Brasil, cuja promessa, era de supostas maravilhas que teriam em terras brasileiras, onde eram produzidas árvores de fruto de ouro as quais encontrariam nas fazendas e que tudo lhes seria fácil e rendoso, o que realmente não ocorreu, pois

foram conduzidos a terras cobertas de florestas rústicas, onde tiveram que trabalhar duro para poderem sobreviver, o que levou muitas famílias a desistirem do contrato de emigração e com algumas economias trazidas na viagem, começaram a adquirir terras e a se estabelecerem por conta própria.

Depois de 52 dias de viagem, embarcados no Kasato Maru, no dia 18 de junho, às 09h30, segundo o diário de bordo, o navio aportou no cais 14 da cidade de Santos (SP). No dia seguinte, por volta das 07h começaram a deixar o navio. No mesmo dia à tarde embarcaram no trem da estrada de ferro da São Paulo Railway, rumo à Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, região central da capital.

Nos dias posteriores, através da Agência de Colonização e Trabalho foram encaminhados para as seis principais fazendas de café das regiões de Itu, Guatapará, da Alta Sorocabana e da Mogiana, localidades que já dispunham de linhas férreas. Na realidade eram fazendas de florestas nas quais tiveram que trabalhar duro cuja jornada de trabalho seguia do nascer do sol até o escurecer.

Nos primeiros tempos tudo ia bem, mas começaram a reclamar não só da duração do tempo de serviço, do fato de trabalharem sob severa fiscalização, bem como das acomodações que eram antigas casas de senzalas adaptadas para suas moradias, na maioria sem móveis ou então casas de pau-a-pique e de chão batido, sem banheiros, servindo como fogão duas grandes pedras sobre as quais as panelas eram equilibradas e para dormir, sobre galhos e palha de milho, tudo muito diferente do que haviam sonhado em sua terra natal.

Na realidade, os operosos imigrantes japoneses, sofriam em todo o continente americano, por serem de fisionomias um tanto diferentes das demais raças, principalmente as de origem européia, descaso, preconceito e maus-tratos.

A partir de 1915, com a inauguração do ramal de Guarulhos, da Estrada de Ferro da Cantareira que servia a zona norte da Capital de São Paulo, muitas famílias imigrantes japonesas se instalaram no município de Guarulhos, incrementando a boa produção de pro-

duto hortifrutigranjeiros, que por meio da estrada de ferro eram conduzidos com destino ao abastecimento do grande mercado municipal de São Paulo.

Através dessa produção guarulhense, muitas famílias de emigrantes se tornaram respeitáveis produtores e de grande destaque no município, não só respeitáveis, como grandes colaboradores da economia do município

A emigração japonesa com destino ao Brasil perdurou por vários anos.

Com o fim da segunda Guerra Mundial e a derrota do Japão, este se tornou um país arrasado, com grande desemprego, fome, e outras dificuldades, o governo japonês liberou de vez a emigração.

Família Akio Nakamura

Como muitos outros, o sonho do enriquecimento no Brasil, não foi diferente para o senhor Akio Nakamura e sua família, esposa, três filhos menores e um sobrinho de 17 anos, que em 1957 desembarcaram no porto de Santos, sendo encaminhados para a cidade de Ourinhos, SP, com destino à fazenda Água de Bugre, onde todos como colonos trabalharam durante dois anos na lavoura de café. Contudo, não se adaptando bem naquele tipo de serviço, resolveram se mudar para a cidade de Indaiatuba também em SP, para trabalharem nas plantações de tomate.

Com a necessidade de atendimento aos estudos dos filhos, transferiram-se para Guarulhos em 1968, onde o senhor Akio por não dispor de condições econômicas suficientes que pudesse ter seu próprio negócio, trabalhou em diversas empresas como funcionário e hoje aos 83 anos está aposentado, convivendo harmoniosamente com sua esposa senhora Massako de 79 anos, os quais ainda com muito vigor participam de grupos de terceira idade, praticando gotembo, tendo conquistado por suas participações vários troféus nas disputas que praticaram.

Como eles, muitas outras famílias japonesas se misturaram à cultura guarulhense e muito colaboraram para o engrandecimento e progresso de Guarulhos. Famílias que até hoje são destaques no município e às quais prestamos aqui nossa singela homenagem pelo

trabalho, respeito, dedicação, colaboração para a história, a cultura brasileira e pela comemoração dos cem anos da emigração japonesa no Brasil.

Em reconhecimento a todo esse empenho da colônia japonesa no município, em São Paulo e por todo o Brasil, no dia 18 de junho do corrente ano, a Prefeitura de Guarulhos remodelou e inaugurou uma grande e bela Praça no Jardim Bela Vista, na Avenida Martins Jr, composta e decorada com arranjos da cultura japonesa, a qual tem o nome do navio que transportou do Japão ao Brasil, o Kassato Maru e que aportou em Santos-SP nesse mesmo dia, no ano de 1908, trazendo 781 emigrantes japoneses.

Meu mais sincero carinho e respeito a toda a colônia japonesa, em particular a todos os japoneses com os quais sempre tive o privilégio de desfrutar de uma amizade sadia.

O MATADOURO

HISTÓRIA

É sabido por todos, principalmente pelas pessoas mais esclarecidas, que a carne bovina configura-se em especial alimento, muito útil para a boa alimentação humana, em especial a de crianças em fase de crescimento e fase escolar, por ser rica em vitaminas e proteínas responsável à boa manutenção do corpo. Para efetuar o abastecimento normal desse produto, havia no município de Guarulhos o matadouro municipal o qual era suprido por touros trazidos principalmente da região do sul de Minas Gerais, touros esses que eram conduzidos a pé pelas estradas afora, até seu destino final lá no matadouro e dali a consecutiva distribuição da carne para toda a população do município e parte da capital. Esse matadouro que ficava instalado às margens do rio Tietê, mais precisamente entre este e a rodovia Presidente Dutra, funcionou até pouco mais

da metade da década de sessenta, quando então fora totalmente desativado e assim permanecendo por muito tempo após ter cumprido uma longa história de vida e de fatos a ele ligados. Por se tratar de um bom local, aproveitável, de fácil acesso, ali fora instalado a nosso Tiro de Guerra, para servir à comunidade guarulhense e adequar a história militar de nossos jovens no que diz respeito a coisas de nossa Pátria. Guarulhos que até então não dispunha de unidade militar do Exército Brasileiro, pois existia apenas o quartel de Cumbica, da FAB – Força Aérea Brasileira, unidade militar onde serviam somente jovens escolhidos, pois dependia da altura e do grau escolaridade, para que os jovens pudessem cumprir suas obrigações para com a Pátria os quais tinham que se deslocar para outras cidades distantes para exercer essa atividade, como Caçapava e Taubaté, em 10 de outubro de 1973, a Câmara Municipal de Guarulhos, pela Lei nº 1.887, autorizou o prefeito a iniciar negociações junto às autoridades federais para a instalação no município de uma unidade do Exército. Pela Portaria 1.201/75 do Ministério do Exército, era criado o nosso Tiro de Guerra sob nº 2-318 com sede em Guarulhos. Em 26 de junho de 1977 era o mesmo instalado e autorizado a funcionar no município e a sua real inauguração se dera em 10 de setembro do mesmo ano, cuja incumbência era a de preparar os jovens reservistas de nossa região como acontece atualmente. *Silogismo* - se por um lado o matadouro que era útil e servia a comunidade, onde diariamente eram abatidos dezenas de touros cuja carne era levada aos usuários, por outro lado nosso Tiro de Guerra, que além de oferecer ao jovem condições para que este cumpra seu dever para com a Pátria, também lhe ensina a ser útil à comunidade, funcionando como o próprio matadouro, matando sua ignorância, transformando-o em verdadeiro cidadão, respeitado, capaz de conciliar seus deveres para com a sociedade em que vive, enfim, um dos poucos locais onde os jovens são realmente encaminhados para uma vida decente e respeitada tal qual todos nós almejamos.

O POLÍTICO QUE O POVO ESPERA!!!

CRÔNICA

Estamos passando por momentos delicados da vida brasileira. Atualmente, o povo apresenta uma característica de desilusão em relação aos nossos queridos representantes políticos em todas as esferas da política partidária de nossa terra e no grande “vai-da-valsá”, ou seja, na votação desses nossos procuradores, vota no primeiro que lhe aparece pela frente, portador de grande lábia demagógica e que consegue com suas promessas descabidas, surrupiar o voto principalmente dos incautos, conseguindo quase sempre de uma forma enganosa eleger-se para um cargo e função para o qual sequer está preparado para exercer, importando sobretudo que terá pelos quatro anos seguintes após eleição, um emprego garantido e a comunidade, cujos eleitores para isso colaboraram, que o procurem no acaso, isso tudo até final de mandato, quando tudo se repetirá novamente. E assim vai pelos tempos afora.

Qual, então, seria a figura ideal para exercer determinado cargo político? Seria aquele cidadão que estivesse realmente preparado com conhecimentos econômicos, jurídicos e sociais, desprovido de interesse pessoal, apenas imbuído da vontade de trabalhar em prol realmente da sociedade em si, que não fosse portador da chamada ganância ou febre do poder e dos valores que poderia usufruir de seu cargo, uma utopia, pois tudo é ao contrário, verdadeiro mal dos políticos em sua totalidade. É lógico que para dar de si em prol da sociedade, tem que haver uma remuneração, pois, nem sempre se vive somente de “brisas”, mas que essa remuneração não fosse encarada como para o todo e sempre, apenas durante o período em que estivesse em atividade, prestando seu valioso serviço de representante do povo, situação essa que nenhum político quer perder, custe o que custar.

Diz o velho ditado popular “o homem é o produto do meio” e se esse meio não está bom, isto é, não está limpo, decente, sadio, presume-se que raríssimos representantes desse meio estejam pre-

parados para resolver, administrar, governar, aquele que consegue fazer uso de suas artimanhas e quase sempre se utilizando da famosa e popular “lei de Gerson”, de sempre levar vantagens em tudo que faz, consegue vencer e satisfazer suas próprias vontades e o povo em geral que se vire como puder, ou melhor dizendo, que se danem todos.

Essa afirmação se configura num sentido geral, porém, dentre esses políticos, alguns se destacam como honestos, sinceros, defensores, batalhadores, fiéis cumpridores dos seus deveres e dos encargos para os quais mereceram o sufrágio do povo, como acontece em muitas localidades espalhadas por esse nosso imenso rincão brasileiro.

Guarulhos, cidade quatricentenária, importante município paulista, não fica fora desse entendimento. Desde o início de suas atividades políticas, por volta de 1880, quando começou a se autogerir politicamente, muitos nomes importantes desfilaram em seus anais e que deveriam a cada tempo ser lembrados, bem como de seus feitos.

Com muito carinho, nesta oportunidade, quero destacar a figura de um ilustre político guarulhense, facilmente enquadrado como grande personalidade, verdadeiro cidadão, possuidor de todos os atributos morais desejáveis para qualquer homem, o qual por duas oportunidades geriu os destinos de Guarulhos com muito trabalho e obras importantes. Estou falando do ilustre senhor Waldomiro Pompêo, que já não vive mais entre nós, industrial do ramo de madeiras, muito atencioso para com todos aqueles que o procuravam, indistintamente em qualquer momento e local sempre com o mesmo carinho, respeito e atenção de grande homem que era atendia indistintamente a todos. O tipo de homem que Guarulhos precisava ter para sempre. Era mais útil ele para Guarulhos, do que Guarulhos para ele.

Deve-se a ele, a remodelação da rua D. Pedro II no centro, onde se inclui desde alargamento após a Praça Conselheiro Crispiniano e toda a recuperação das redes de água esgoto da mesma rua, comunicando-a com a atual avenida Monteiro Lobato. Tam-

bém a construção e instalação da sede da Companhia Telefônica de Guarulhos, atual *Telefônica*, que veio solucionar de vez o tão precário sistema telefônico de Guarulhos. Muitas outras benfeitorias foram por ele feitas ao município, que necessitaríamos páginas e páginas para comentarmos.

O MORTO-VIVO

CONTO

Vivia José Matias lá pêlos idos dos anos cinqüenta sua humilde vida, no pequeno bairro de Gopoúva, na cidadezinha de Guarulhos. Cidadão de pouquíssima instrução, porém, muito honesto, simples e trabalhador e devido a isso era muito querido por todos daquela localidade. Não tinha família e pouco se sabia de sua origem.

Morava numa singela moradia que se compunha de um modesto quarto uma pequena cozinha e um minúsculo banheiro, instalados num canto de terreno que lhe fora autorizado ocupar gratuitamente pelo proprietário.

Não tinha trabalho fixo, pois sua capacidade era limitada considerando-se sua insignificante formação cultural, contudo, o pouco que sabia era por ele desempenhado com muita vontade o que o tornava um bom trabalhador, executando serviços gerais, ou seja pequenos biscates para um e para outra pessoa, sempre com muita rapidez e prontidão, o que o tornava muito querido de todos que o conhecia. Para ele não havia tempo ruim, quer de dia, a noite, com frio ou chuva lá estava ele sempre pronto para atender as pessoas que lhe procuravam e lhe pediam ajuda, limpar um jardim, transportar objetos de um lugar a outro, limpeza de quintais e outros tipos. Possuía uma carriola por ele mesmo construída com a qual utilizava para desenvolver seu trabalho.

Apesar de sua humilde e solitária vida, não tinha vícios como

o de fumar e ingerir bebidas alcólicas, daí ser querido e respeitado por todos. Também cultuava grande respeito para com as moças e senhoras do local, sempre tratando-as com muita cortesia e carinho, praticamente essa era a sua marca registrada.

Todos conheciam o José Matias que sempre estava pronto para atender a todos indistintamente quando fosse solicitado. Era na verdade como se diz “uma boa alma”, para ele não tinha dia bom ou ruim, qualquer dia e hora estava pronto para atender ao chamado.

E assim passava seus dias, anos e anos seguidos. Aparentemente nada sofria de doenças. Com sol, chuva, dia ou noite, lá estava o bom Matias a executar seu trabalho.

O pouco que recebia por seus biscates, dava para custear sua alimentação e roupas simples, nada restando para outras coisas, mas ele não desanimava.

Certo dia, bem cedo, por volta das sete horas, um morador bateu-lhe a porta para requisitar seus préstimos, pois precisava que ele fizesse uma organização em seu jardim, porém este não atendeu seu chamado.

– Por que será que o Matias não me atende? A luz de seu barraco está acesa e ele nem me responde! Será que aconteceu algo com ele?.

– Com certeza alguma coisa deve ter acontecido. Vou ver o que está ocorrendo.

Forçando a porta do barraco, a mesma cedeu e olhando em seu interior deparou com o Matias imóvel em sua cama não respondendo aos seus chamados. Todo assustado foi chamar outros vizinhos para melhor verificar aquele estado do Matias. Logo o barraco estava cheio de pessoas que após examinarem o corpo, chegaram a conclusão de que o Matias havia falecido.

– Vamos tomar as providências para seu enterro, pois ele é só, não tem parentes. Disseram alguns.

E todos trataram de acertar as coisas para que tudo desse certo. Seu corpo foi colocado em um modesto caixão doado pelos vizinhos e postado no centro do pequeno cômodo como era o costume no

época, pois não havia velório público na região e ali o corpo ficou o resto do dia e a noite toda, sendo velado por um ou outro morador que por ele tinha simpatia. Por volta das nove horas do dia seguinte, fecharam o caixão e se puseram a transladar o falecido para o cemitério municipal, o único existente, para proceder seu sepultamento, e que ficava no centro da cidade, ou seja bem distante daquela localidade e o pior de tudo, percurso feito a pé pelas ruas afora até o campo santo, pois não se dispunha de condução adequada para esses traslados.

E lá se foram de mão em mão como era o costume levando o pesado caixão do Matias.

Ainda para agravar mais a situação, o cemitério que se localizava no centro, ficava na parte mais alta da cidade e o acesso principal era por uma íngreme subida de terra, mas a duras penas, chegaram ao cemitério conduzindo o caixão e o colocaram ao lado da sepultura para abrir-lhe a tampa, a fim de que todos pudessem dar uma última olhadela no pobre Matias.

Abriram o caixão e qual não fora o espanto de todos ao perceberem que o Matias estava de olhos abertos, espantado, olhando para todos os presentes e que sentando-se perguntou:

– O que é isso? O que está acontecendo? Vocês estão achando que eu morri e querem me enterrar?

Foi um espanto total aquela cena a ponto de todos saírem correndo assustados, inclusive os coveiros que nunca tinham presenciado um momento idêntico, ficando o cemitério totalmente vazio.

Também assustado com todo aquela ocorrência, o Matias levantou-se do caixão e saiu andando cemitério afora, de volta para o seu barraco, onde ajuntou todas as suas coisas desaparecendo para sempre do bairro.

Naturalmente deve ter ocorrido o fenômeno da catalepsia com o pobre Matias.

Sua história ficou gravada na memória de todos os moradores que nunca mais se esqueceram do acontecido.

VALDIR CARLETO

REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE

De vez em quando, me vêm à mente lembranças de minha infância e adolescência, no bairro do Sapopemba, zona leste de São Paulo, onde meus pais ainda residem.

Em 1960, ainda tinha seis anos e meio quando minha mãe foi me matricular no Grupo Escolar da Vila Belém. Fui aceito porque já sabia fazer umas continhas e ler alguma coisa, que mamãe me ensinara, apesar de ela só ter tido a oportunidade de estudar até o terceiro ano do curso primário.

Fico comparando aquele tempo aos dias atuais. Mamãe levou-me à escola no primeiro dia ou nos primeiros, não tenho bem certeza. A escola ficava a um quilômetro de casa, mas do outro lado da avenida Sapopemba, que ainda era sem pavimentação na época, mas já tinha algum movimento de veículos. Imagine se hoje uma mãe zelosa como a minha sempre foi permitiria que um filho de menos de sete anos fosse sozinho para a escola, tendo de atravessar uma avenida. Minha neta, que já fez dezessete anos, acho que nunca foi sozinha para o colégio. Nem sei se saberia ir.

A escola era de madeira. Só quando eu já estava terminando o primário é que ficou pronto o prédio novo, distante do antigo. Não cheguei a estudar lá.

Dona Davina foi minha primeira professora. Não me lembro muito de como ela era, embora digam que a gente nunca se esquece da primeira professora. Eu me recordo, sim, da cara do diretor, talvez porque ele metesse medo na gente. Senhor Lourenço, se não me engano.

Lembro-me bem que ganhei um caderno diferente por causa de uma doação que meus pais fizeram para a Caixa Escolar. Acho

que era uma espécie de fundo que atendia os alunos que não podiam comprar os materiais.

No terceiro ano, a sala incluía a turma do quarto ano e o professor se desdobrava para lecionar para as duas turmas. Nessa época, tive de fazer um trabalho sobre a Finlândia e gostei de pesquisar sobre outro país, outra cultura. Acho que isso influenciou na escolha do que viria a ser minha profissão muitos anos depois.

No primário, não tive dificuldades. Nem no curso de Admissão, que a gente fazia para ter mais chance de ingressar em ginásio estadual. Estudei no Instituto de Ensino São Jorge, na vila Diva, entre quatro e cinco quilômetros de onde eu morava. Ia e voltava de ônibus.

Tínhamos um vizinho, o senhor Sebastião, que trabalhava com um caminhão tanque. Uma vez ou outra, eu pegava carona com ele, na volta para casa. Eu adorava quando isso acontecia e ficava atento para ver se ele aparecia com seu Mercedes Benz azul. Ele era gordo e vermelhão e me tratava muito bem.

Foi nessa época que eu me machuquei, de bobeira, em um parque infantil que foi instalado na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima e São Roque, do Sapopemba. Eu acabara de descer do giragira, meio tonto, e, de repente, dei de cara com um balanço que vinha em minha direção. Era uma menina, que, atônita com a possibilidade de me acertar com os pés, abriu as pernas. Juro que não deu tempo de ver nada: a tábua do balanço me acertou bem na parte alta do nariz, entre os olhos. Caí de costas, com uma dor horrível. Levantei-me, zombetei e fui para casa, morrendo de medo de apanhar ainda por cima. Fiquei com a cara horrível: os olhos quase fechados, tudo escuro.

No dia seguinte, ao ir para o Instituto São Jorge, o motorista do ônibus tirou um sarro, dizendo para que eu recomendasse a meu pai para não me bater mais daquele jeito. Na escola, foi outra saraivada de gozações. Levou um tempão para a cor do rosto voltar ao normal. Só de tocar no assunto, parece que a dor volta, tal a intensidade com que esse fato me marcou.

No fim do curso, prestei exame de Admissão em dois colégios

estaduais, o André Ohl, na vila Diva, e o Prof. Wolny de Carvalho Ramos, próximo à Água Rasa. Passei nos dois e escolhi o Wolny, o qual, embora mais longe, era mais novo e maior, além de mais bem estruturado.

O diretor era o professor Macayba, um homem de boa cultura, bem diferente de alguns diretores atuais que conheço.

Eu gostava do uniforme da escola, uma espécie de moletom azul marinho, com o distintivo bordado; parece-me que continha uma tocha. O de educação física, então, todo branco... Eu me sentia importante dentro dele, mas nunca fui um atleta na melhor acepção do termo.

Se não tinha dificuldades no primário, não posso dizer o mesmo do ginásio. Na primeira série, ainda fui bem. Até ganhei um passeio de avião, para sobrevoar São Paulo na Semana da Asa. Foram escolhidos os cinco melhores alunos de cada sala. E lá fui eu, passear por alguns minutos sobre a cidade. Uma experiência inesquecível.

Já na segunda série, sofri um bocado com a matemática, principalmente porque eu não conseguia entender patavina do que o mal humorado professor Rafael explicava. As tais equações não entravam na minha cabeça, de jeito nenhum. Cheguei a ficar com média 2,5. Minha carteirinha do colégio tinha uma linha vermelha nos quatro bimestres: a bendita matemática. Não deu outra: fiquei para Segunda Época. Mas, como não sabia mesmo o que era aquilo e meus pais não haviam aprendido para poder tirar minhas dúvidas, repeti de ano.

Lá fui eu, de novo, cursar a segunda série. Com o professor Rafael, outra vez! Era meu inferno. Por mais que eu me esforçasse, que pedisse para um ou outro colega me ensinar, aquilo parecia grego. Fiquei mais uma vez de Segunda Época.

Dessa vez, porém, minha mãe ouvira falar de uma professora, a Mabel – ou seria Madel? –, que dava aulas particulares na vila Santa Isabel. Era bem longe e fora de mão para ir de ônibus. Eu tinha de andar bastante a pé, para poder pegar a condução que me deixasse mais perto. Ou tomar dois ônibus, em um trajeto ainda mais longo. Cheguei a ir também de bicicleta.

Mas, valeu a pena. Lá o que parecia impossível de aprender, pareceu muito lógico, captei com relativa facilidade. E consegui passar de ano, mesmo precisando de uma alta nota no exame.

Aos 13 anos, pedi a meu pai para me matricular no Instituto Universal Brasileiro, para fazer curso de desenho artístico e publicitário por correspondência. É lógico que não poderia dar certo, mas eu achava que daria. Eu fazia as lições, mandava pelo correio, vinham as correções e orientações, mas ensinar desenho à distância é mesmo muito complicado.

Esse curso, entretanto, me abriu uma outra porta. As lições chegavam no endereço de trabalho de papai, a sede social do Jockey Club de São Paulo, na rua Boa Vista, em São Paulo.

Um colega dele achou interessante minha vontade de aprender desenho e disse a ele que talvez conseguisse um emprego ou estágio para mim na Folha de S.Paulo, pois um diretor freqüentava o restaurante do Jockey, onde meu pai trabalhou até aposentar-se.

Realmente, ele falou com a pessoa, que fez uma indicação e isso me valeu a possibilidade de acompanhar o trabalho de arte em um setor criado naquela ocasião, que era o SEF – Suplementos Especiais da Folha.

Eu ficava lá, no nº 401 da alameda Barão de Limeira, das 14 às 18 h, vendo os desenhistas trabalharem. Preparava as tintas, buscava materiais no outro prédio da Folha, no nº 425, assistia as trocas de idéias para que eles definissem o que fariam. Não ganhava nada e nem havia qualquer registro de minha presença. Era como se eu fosse um visitante diário.

Tive muitas alegrias e algumas decepções. Aliás, como acontece em tudo na vida.

Andando de elevador pra lá e pra cá, conheci o Maurício de Souza, cujo estúdio ficava no mesmo prédio onde eu estagiava. Ele já era famoso mas não imaginava que ainda faria tanto sucesso. Um dia, subi no elevador com o Zé do Caixão. Não me lembro bem se esse foi um dos muitos dias em que o elevador Schindler parou fora do andar e ficamos trancados até que alguém providenciou uma escadinha para as pessoas saírem.

Eu era um garoto esperto em muitos fatores, mas muito ingênuo em outros. Por isso, fui vítima de muitas brincadeiras tolas dos desenhistas. Em uma delas, mandaram eu ir até a linotipia buscar uma “rotativa”, alertando-me de que era pesado. Ligaram para uma pessoa do setor, que ficava no prédio vizinho, e pediram para embrulhar umas “calandras”. Quando lá cheguei, o funcionário me entregou o pacote, que pesava uns três quilos, e comentou que não sabia por que os desenhistas haviam pedido aquilo. Retornando ao departamento, eles riram à beça, dizendo que eu havia provado que era muito forte, pois se eu contasse para alguém que havia carregado uma rotativa, ninguém iria acreditar.

Dias depois é que fui descobrir que rotativas eram as imensas impressoras, cujo porte era maior do que uma carreta. Era fascinante ver aquela geringonça funcionando. Descobri, também, que os textos eram compostos em linotipos, umas máquinas cheias de alavancas, que fundiam as linhas de textos em barras de chumbo, que eram chamadas de calandras. Esse sistema prevaleceu até o surgimento da composição eletrônica de textos, alguns anos depois.

Em uma outra peraltice, os colegas de setor me mandaram fazer um desenho de um avião e me disseram que seria publicado no suplemento da Aviação, que iria ser editado pela Folha. No domingo em que o suplemento saiu, fui logo cedo à banca comprar o jornal. Comentei com o jornaleiro que ali estaria um desenho meu. Peguei o suplemento, folheei e ali não havia nenhum desenho feito por mim. Passei a maior vergonha. Pura maldade dos meus “professores”.

Uma coisa muito boa para minha cabecinha adolescente era trazer a Folhinha de S.Paulo para casa às quintas-feiras e poder mostrá-la para as pessoas na sexta, sendo que ela só iria circular na edição de domingo.

Algum tempo depois que passei a fazer esse estágio, o office-boy do setor pediu demissão e ninguém foi contratado para substituí-lo. Passaram a usar meus serviços para cobrir a falta dele. Eu ia a um estúdio fotográfico na rua Augusta, fazia compras de material de desenho em papelarias especializadas. Foi um bom

aprendizado. Mas, também me mandavam fazer serviços em bancos, cartórios, comprar lanches. Quando questionei se não iriam me registrar como empregado, um chefe do setor disse para eu levar minha carteira profissional “dó menor” e combinou que eu iria ganhar meio salário mínimo, que era permitido na época.

Entreguei a carteira e fiquei ansioso para chegar o dia do pagamento no mês seguinte. No dia em que receberia meu primeiro pagamento, peguei a fila e quando chegou minha vez, nada encontraram em meu nome.

Muito aborrecido, fui falar com o chefe e minha carteira profissional ainda estava na gaveta. Pedi de volta o documento, conversei com meus pais e decidimos que eu não continuaria lá, porque a maior parte do tempo eu estava trabalhando como office-boy gratuito; aprendendo mesmo, muito pouco.

Foi uma experiência marcante, que durou uns quatro meses. Se eu tivesse insistido, talvez minha vida pudesse ter percorrido caminhos muito diferentes.

Enfim, depois trabalhei por um ano e meio no escritório de uma fábrica de roupas de couro e de luvas para proteção industrial; em outro, de uma rede de lojas de calçados e em uma empresa de assessoria contábil. Aos 18 anos, tive uma experiência de menos de um ano como lojista de discos, no bairro da Água Rasa, junto com meu primo Sérgio. Atuei por dez meses na Itaú Seguradora e, aos 19, casei-me com Elisabetta e ingressei por concurso no Banco do Brasil.

Sem condições de pagar uma faculdade, fiz três tentativas de ingressar na Comunicação Social da USP, sem êxito. Em 1976, já trabalhando e morando em Guarulhos, resolvi cursar Ciências Contábeis nas Faculdades Integradas de Guarulhos, para fazer carreira no BB. Porém, um ano após formado, já fundara o “Olho Vivo” e decidi retomar os estudos, fazendo Jornalismo na Braz Cubas, de Mogi das Cruzes.

Como diz o ditado, “o que é do homem, o bicho não come”.

Essa “veia” jornalística me acompanhara desde a adolescência, por influência do Francisco Plaza, que foi meu professor de catequese.

Ele é cego e montara o Serviço de Alto-falantes do Catecismo Santa Inez, que fazia as vezes de uma rádio comunitária, na vila Geni, no Sapopemba.

Fui vê-lo operar a aparelhagem de som, maravilhei-me com o poder da comunicação, a utilidade que tinha para as pessoas e para o bairro, e passei a ajudá-lo nos fins de semana. Fazia locução comercial e o auxiliava a catalogar os discos que ele ganhava das gravadoras.

Como o som não atingia todo o bairro, decidimos fazer um jornalzinho com uma folha de papel sulfite mimeografada, na frente e verso, para divulgar as atividades que ali eram desenvolvidas.

Em 1968, no Colégio Estadual Anne Frank, no bairro do Brás, onde cursei a partir da terceira série do ginásio, um grupo de alunos do qual eu fazia parte lançou o jornal “O Crânio”, que circulou até o terceiro ano do ensino médio.

No Banco do Brasil, na vila Maria, fiz parte do jornal interno “O Vilão”, corruptela do Estadão. Em Guarulhos, lancei o “Guaru-BaBy”, que o confrade José Augusto Pinheiro ajudava-me a elaborar. No Parque Cecap, cuidei do departamento de Jornalismo do Conselho Comunitário, e editei, com a Elisabetta e alguns colaboradores, o jornal “Comunicação”, por treze meses, até que nasceu o “Olho Vivo”, em janeiro de 1981.

Nessa época, a adolescência ficara bem para trás, mas o sonho acalentado há tanto tempo começava a tomar forma. O resto da história, Guarulhos conhece bem.

É POSSÍVEL HAVER UM SALDO POSITIVO

Assisti à entrevista de Ana Carolina Oliveira, mãe da menina Isabella, no “Fantástico” e fiquei me perguntando o que será dessa moça. Aos vinte e poucos anos, ela ficará indelevelmente marcada por esse episódio. Se tiver uma outra filha, a criança irá sempre se sentir a substituta de Isabella.

Eu espero, sinceramente, que toda a repercussão que o caso teve tenha um saldo positivo, que é o de fazer as jovens refletirem sensatamente sobre a gravidez, pois ficou evidente que todo esse drama teve como origem uma concepção não planejada. E esse é apenas um entre milhões de casos, nos quais a vida da mulher adolescente sofre um imenso tranco, de repente. Uma criança é uma dádiva da natureza, mas é preciso preparar todo o ambiente para recebê-la. Esse ambiente não se resume a um espaço físico, nem a condições materiais, como é possível ver, de forma cristalina, no caso Isabella.

Içami Tiba, no livro “Adolescentes: Quem Ama Educa!”, classifica a gravidez na adolescência como um dos maiores problemas da atualidade. Ele defende que o tema seja aberto às conversas em casa, entre pais e filhos, entre irmãos, para que todos tenham intimidade suficiente para poder preveni-la.

O autor cita números assustadores. A adolescente brasileira tem mais probabilidade de engravidar (14%) do que de terminar a faculdade (7%). Uma em cada dez adolescentes brasileiras engravida antes dos 15 anos. Em 20 anos, os índices de gravidez entre 15 e 19 anos cresceram 26%. As jovens que engravidam deixam seus sonhos de lado para assumir uma responsabilidade muito grande para sua idade. A gravidez atrapalha os estudos e as perspectivas de carreira e de relacionamentos. Mais da metade das meninas admite não terem usado camisinha na relação sexual.

Na opinião de Tiba, para se engravidar é necessário que uma mulher esteja biologicamente amadurecida e preparada psicologicamente, e com um companheiro para formar uma família. Que seja um homem amadurecido, preparado e que tenha uma fonte de renda estável, para prover e educar o filho.

Em resumo: a criança precisa de um lar. Se as jovens pensarem um pouco, terão muito mais cuidado.

(publicado no Diário de Guarulhos em 13 de maio de 2008)

AINDA SOBRE GRAVIDEZ PRECOCE

No meu artigo na anterior, publicado no Diário de Guarulhos de 13 de maio, manifestei o desejo de que o caso Isabella sirva de motivo para reflexão e que, em decorrência, sejam reduzidos os índices de gravidez na adolescência.

Naquela semana, o artigo teve grande repercussão e a maioria das pessoas concordou com meu raciocínio. Porém, para alguns o comentário soou machista, na medida em que finalizei dizendo que “se as jovens pensarem um pouco, terão muito mais cuidado”. A crítica é de que eu deveria ter escrito “os” jovens, porque a responsabilidade é de todos. Sem dúvida que é. Mas eu não me enganei e explico o que quis dizer.

Vou contar um caso recente de uma jovem que engravidou do namorado. Quando descobriu, já nem estavam juntos. Ao ligar para contar ao rapaz, soube pelo pai dele que uma outra menina também engravidara, mais ou menos com o mesmo tempo de gestação. E ainda teve de ouvir que não contasse com ajuda, porque o “menino está no papel dele, vocês é que tinham de seu cuidar”.

Está explicado porque o rapaz age com tanta irresponsabilidade. E, infelizmente, é assim que costuma acontecer, na grande maioria dos casos.

Para os homens, é muito cômodo, principalmente se não tiverem atingido a maioridade. Vão fazendo filhos por aí, sem ter a mínima consciência da gravidade de seus atos. E nem consequências!

O ônus de fazer o pré-natal, de se cuidar durante a gravidez, de se submeter ao parto, de cuidar do bebê, alimentá-lo, vesti-lo, educá-lo, é quase sempre da mãe – e de sua família. Avós acabando assumindo o papel de mães, porque as jovens raramente estão preparadas para tal.

A gravidez na adolescência interrompe bruscamente os sonhos da mocinha, seus estudos, seus planos profissionais. Se obtiver maturidade – felizmente muitas o conseguem –, irá se dedicar ao filho, vai amá-lo e fazer tudo o que puder por ele. Com isso, perderá

bons anos de sua juventude, postergando algumas conquistas e abrindo mão de muitas outras.

Enquanto isso, o rapazinho inconseqüente, acobertado por pais irresponsáveis, estará curtindo a vida.

Se as jovens pensarem, negarão, por mais que eles insistam. Quando um não quer dois não brigam. Se ela se recusa ou, no mínimo, se cuida, será mãe só quando chegar o momento ideal. Com mais chance de ser feliz.

(publicado no Diário de Guarulhos de 20 de maio de 2008)

BANDA LIRA, UMA LIÇÃO DE VIDA

A Corporação Musical Banda Lira de Guarulhos realizou no dia 1º de junho de 2008, seu tradicional baile da Melhor Idade, porém desta vez comemorando os cem anos da banda, completados em maio.

Os integrantes da Banda Lira e as pessoas que freqüentam seus bailes são um exemplo de vida para todos nós. A banda, por manter viva essa chama por todos esses anos, sem esmorecer diante dos obstáculos. Os dançarinos, pela jovialidade que demonstram, pela disposição e alegria que transmitem.

Pude observar ali senhoras com mais de 80 anos, dançando, animadas, minimizando as limitações que a idade tenta lhes impor. Que energia, que lição de vida!

No cotidiano, vemos pessoas se entregando ao marasmo, conformadas com tudo que as envolve, incapazes de esboçar reações, aceitando levar uma vida quase vegetal, mesmo tendo todas as condições físicas para serem felizes e fazer felizes outras pessoas.

Engana-se quem pensa que os bailes da Banda Lira são freqüentados apenas por idosos. Há ali pessoas de todas as idades. Basta apreciar música de boa qualidade e um ambiente de convivência saudável. Sei de gente que encontrou lá sua outra metade: foi ao baile espantar as mágoas e encontrou a felicidade.

A Câmara Municipal outorgou, no dia 7, o título de Cidadã Guarulhense a Dolores Nievas Testai, a dona Lola. É mais do que merecido.

Lola acompanha a banda desde jovem e por muitos anos esteve ao lado de seu marido, César Testai, o Nenê, como ela ainda se refere a ele. Após ele falecer, o irmão Américo Testai passou a reger a banda, à qual se dedica de corpo e alma.

No leito de morte, o então maestro Benedito Thieso disse a Lola que temia partir e que a banda fosse extinta. Ela prometeu a ele que, enquanto vivesse, faria tudo para manter a banda. Ele pôde descansar em paz e ela cumpre, a cada dia, sua promessa. Guarulhos deve muito a essa mulher.

Estão de parabéns todos os integrantes da banda, tanto os mais antigos, por manter essa tradição tão importante para a cidade, quanto os mais jovens, que emprestam a ela um novo colorido.

(publicado no Diário de Guarulhos de 03 de junho de 2008)

GESTO EXEMPLAR DE SOLIDARIEDADE

Ao longo de quase 30 anos de Jornalismo, tive a oportunidade de testemunhar inúmeros gestos de boa vontade e de exemplos do exercício correto da cidadania, em contraponto a centenas de atitudes indignas.

Em boa parte das vezes, quando um empresário se dispõe a fazer alguma doação a uma entidade ou a setores da comunidade local, faz questão de chamar a Imprensa para divulgar sua atitude, tenha ou não conotação eleitoral.

Lembro-me de uma vez, na qual o comerciante Jacques Soares Vieira, que veio a falecer precocemente, chamou-me à Jac's Calçados e me disse que o inverno daquele ano havia feito com que ganhasse um bom dinheiro, mas que, ao mesmo tempo, sabia que muita gente estava sofrendo com o frio. Por isso, havia comprado

algumas dezenas de cobertores e queria fazer com que chegasse a pessoas carentes.

Imaginei que pretendesse que divulgássemos. Muito pelo contrário. Ele apenas queria que eu indicasse alguém sério para cuidar da distribuição a quem realmente merecesse. E proibiu-me de divulgar que partia dele a doação. Agora já posso fazê-lo.

Há alguns dias, outro empresário amigo meu, cumprindo uma intenção que fizera, doou 40 toneladas de alimentos, por intermédio das paróquias de Nsa. Sra. de Fátima, da vila Fátima, e de São Judas Tadeu, do Torres Tibagy. Investiu nada menos de R\$ 58 mil, em arroz, feijão, café, açúcar, leite em pó e óleo de soja. E se dispõe a doar mais cinco toneladas por mês, se tiver certeza de que são necessitadas as famílias que terão o donativo.

Contou-me que o faria e pediu-me para divulgar seu gesto, desde que não citasse seu nome, nem o de sua empresa. Não quer e não precisa aparecer. Deseja, apenas, que sua atitude sirva de exemplo para outras pessoas que tenham condições de doar.

Segundo ele, se cada empresário fizer um pouco, dentro das possibilidades que tiver, a fome será dizimada. Recomenda que se procure verificar na própria comunidade na qual a empresa está inserida quais as reais necessidades da população carente, por meio de cadastros feitos por instituições de credibilidade, sem envolvimento de políticos. Pode ser paternalismo, admite, mas diz que as crianças que passam fome não têm culpa da situação e precisam ser alimentadas.

(publicado no Diário de Guarulhos de 10 de junho de 2008)

GRATIDÃO, CULTURA E DESENVOLVIMENTO

O Brasil é o país com mais japoneses fora do Japão. Não é por acaso. Os nipônicos encontraram aqui, em abundância, terra fértil para desenvolver suas técnicas de plantio e saíram-se hábeis cultivadores de verduras, legumes, cereais, frutas e flores, contribuindo de forma decisiva no abastecimento de gêneros de primeira necessidade.

Encontraram aqui hospitalidade para aliviar as cruéis marcas da guerra. Puderam aplicar sua habitual dedicação nos estudos e ocupar postos de comando nas organizações, além de criar empresas de sucesso em diversos ramos de atividade.

Guarulhos, particularmente, tem fortes laços com a comunidade japonesa, a começar pela União Cultural e Esportiva Guarulhense (Uceg), que originou-se da junção de várias pequenas associações fundadas para preservar a cultura dos locais de origem de grupos imigrantes. A Beneficência Nipo-Brasileira mantém várias instituições que prestam relevantes serviços sociais na cidade e na região.

Ao mesmo tempo em que se conservaram apegados às suas tradições, assimilaram hábitos, disseminaram costumes, cativaram a simpatia dos brasileiros, irmanaram-se nas dificuldades do nosso povo, sobressaíram em esportes e na cultura. E até o que, a princípio, parecia difícil aconteceu. Descendentes de japoneses casaram-se com brasileiros e constituíram famílias com mescla de culturas.

A "Revista Guarulhos", do Grupo Olho Vivo, dedicou sua edição de junho de 2008 à colônia japonesa, comemorando o centenário de sua imigração no Brasil.

Mais do que homenagem, é o registro da gratidão do povo brasileiro – e, particularmente, dos guarulhenses – por tudo que os japoneses e seus descendentes contribuíram e contribuem para o desenvolvimento da nossa cidade, do estado de São Paulo e do país.

Sua presença está marcada em todas as atividades, nos lugares, na beleza dos jardins que cultivam. Já aprendemos muito e temos mais a aprender com os orientais, cujo culto aos antepassados, a paciência, a perseverança, o respeito à criança, entre tantas outras qualidades, são exemplos que devemos seguir.

O abraço que o monumento de autoria de Tomie Ohtake simboliza, na entrada do Aeroporto Internacional de Guarulhos, é o nosso abraço, é o abraço do Brasil ao Japão e a todos os seus descendentes.

Arigatô!

(publicado no Diário de Guarulhos de 02/07/2008)

WENCESLAU NASARI CAMPOS

MÃE

..., mas no insondável que repousa
nas profundezas do nosso inconsciente,
o *Ser*
e o *Existir*
convivem com o primeiro
e com o último pulsar da vida...

... e, se Existimos,
é porque o Ser,
que se desperta em nós,
ciclicamente,
imprecívél que é,
reacende-se na chama da
Existência,
para prosseguir,
na reintegração do cosmo,
a caminhada evolutiva...

... é, portanto,
na certeza do Ser
que vamos Existindo,
para que,
na expectativa do reencontro,
projetado na incógnita do tempo,
possamos agradecidos dizer:

– espelhamo-nos em seus olhos,
em suas mãos carinhosas,
em seu colo generoso,
em sua tenacidade inquebrantável,
em seu sorriso franco, bonito...
...na paz e na sabedoria
dos seus ensinamentos:

MÃE, sopro supremo de DEUS.

MÃE

Por que,
mistificando sentimentos maiores,
o propósito de concentrar,
em um só dia,
aquele que – em realidade –
transcende os horizontes
da eternidade?

Fixado no tempo
que os astros demarcaram,
não pela nossa vontade,
mas pelas Leis do Arquiteto Maior,
chega-se,
passo a passo ao grande dia.

Fantástico!...

... no ilusionismo
de um passe de mágica,
tudo se harmoniza
ao som cristalino das taças,
quem sabe,
despertando, em almas adormecidas,
o senso do reconhecimento,
do carinho,
da gratidão permanente.
Que felicidade
compartilhar sua presença
altiva,
nobre,
feliz...
sentada à cabeceira de honra
e no templo da compreensão,
vivendo em estado numinoso.

... refletindo! bem,... refletindo:

– Por que,
mistificando sentimentos maiores,
o propósito de não concentrar,
em todos os dias,
momentos e oportunidades,
reverências,
solicitudes,
atenção e amor incondicionais
àquela que,
incorporada à vontade do Criador,
é origem e centro da família?

Mãe! ...

hoje e sempre,
somente quem,
pelos desígnios de Deus
não pode acariciar a sua face,
sentir o seu perfume
e abraçá-la fortemente,
reconhece e sente,
emudecido,
a falta do seu olhar profundo,
sorriso franco,
do seu colo quente,
aconchegante,
insubstituível...

MÃE

nos Templos Celestiais,
projetados por inspirados arquitetos
e erigidos por mãos angelicais,
corais,
em brilhante unísono,
ensaíam o festivo concerto
para homenagear,
do ano,
um dia muito aguardado.

das suas colunas,
decoradas com sutis
e surpreendentes arabescos,
raios de luzes multicoloridas
destacam,
além de contrastantes contornos,

suave e transparente imponência,
reflexos autênticos dos grandes iniciados.

nesse ambiente,
reserva do Jardim do Éden,
adornado para especial recepção,
o perfume da Paz
e o canto dos pássaros
anunciam,
da falange de serafins,
o hino augusto
que precede a entronização
das eleitas de Deus.

...reencontros,
emoções e
merecidas homenagens,
tudo,
com simplicidade e perfeição,
desenvolvem-se,
e o caminho da eternidade
surge mais amplo
e seguro.

hoje,
retornadas à Pátria Espiritual,
rogamos,
ainda uma vez,
com a mesma inocência
e necessidade de berço,
que nos protejam,
conduzam-nos e
abençoem-nos
com suas mãos de anjo.

MÃE,

reflexo da imagem de Deus.

PAI

..., e de todos,
qual o mais belo, forte, invencível;
aquele que tudo sabe!... resolve
e sempre dá um jeitinho?

– é o Zorro, o Aranha..., talvez o Super Homem ou o
Tarzã!!! ...

todos, sabemos,
são homens que, da ficção à realidade
perderam-se no tempo,
ocupando espaço na memória da nossa infância.

..., hoje,
girado o mundo vezes sem conta,
com nó na garganta ou,
plenamente emudecidos,
relembramos de todos;
homens invencíveis, protetores,
incapazes de quaisquer maldades...

...mas, quem,
ao longo dos tempos,
mesmo pelo vazio da ausência
permanece incansável, forte, belo...

... imbatível?

- ele, o herói de ontem, de hoje...,

de sempre: Pai

NATAL

... e no olhar das crianças
nesse frenesi de luzes multicoloridas,
brilha,
da fantasia à realidade,
a estrela cadente da esperança
em flashes de anseios incontidos.

é o mundo
projetado numa constelação
de infinitos pontos cintilantes,
transformando-se
em astro de primeira grandeza...

é o poder inocente
de corações ansiosos, pulsando,
descompassadamente,
à espera da grande noite...
... do grande dia.

é Ele,
surgindo tal qual viajor incansável,
travestido com longas e alvas barbas,
depositando aqui..., acolá...,
sob árvores reluzentes,
sonhos transformados em realidade.

ah!...
se em verdade
tudo pudesse acontecer,
também eu,
de joelhos
e olhar fixo voltado ao infinito,
reverenciando o momento sublime
da Estrela Guia

direcionada à manjedoura,
rogaria pelo presente maior:

– nesse Natal
de luzes multicoloridas
e olhos de criança,
quisera,
ainda que por um segundo,
abraçá-la forte,
beijar sua face
e acariciar seus alvos cabelos,
abrandando minha saudade...

NATAL

em noite de luminosa lua,
descortinando, ao fundo,
imenso palco,
coreografado por anjos e arcanjos,
número sem conta
de bailarinas cintilantes
preludiam,
ao som da orquestra cósmica,
o grande balé dos novos tempos.

da cíclica mudança de cenários
que se amoldam às melodias
e cantos,
a harmonia dos astros,
no melhor do seu cromatismo,
empresta ao celestial espetáculo
inigualáveis crescendos de

emoções,
sentimentos,
expectativas...

... de repente,

ao soar festivo das trombetas,
... surge,
em salto acrobático,
cortando o firmamento
com iluminada cauda,

a estrela solista,

apontando para o viajor
o caminho que
à humanidade inspiraria
o senso da FÉ,
da ESPERANÇA,
da FRATERNIDADE incondicional.

nesse bailado apoteótico,
onde a sinfonia dos mundos
ganha crescente altruísmo,
desperta,
na simplicidade de uma manjedoura,
o Eleito de Deus,
para semear,
em planeta conturbado,
a religião universal,
espelhada no
AMOR
e na LIBERDADE.

ao revivermos,
como parte do Universo que somos,
esse momento divino,
carecemos da iluminação espiritual
para nos fazermos presentes,
não somente nesses dias
de luzes intermitentes,
multicoloridas,
mas no despertar
e no adormecer de cada dia...

... de cada momento.

Os conhecimentos, aqui partilhados, deverão continuar o desafio de construir um mundo melhor, cada um com seus argumentos, cada um com seus motivos.

Um poema, uma crônica, um conto ou outros registros, sempre nos trarão uma reflexão e um incentivo para buscarmos e conquistarmos o bem maior: a felicidade.

A história desta "Revista" já de alguns anos, sem dúvida, é permeada de muitos matizes e somos conscientes de que a cultura não é exclusiva ou estática e por isso, com todo o respeito às diferenças, agradecemos a disponibilidade de cada acadêmico que deixa aqui registrada sua participação, com o carinho próprio dos integrantes de tão especial sodalício.

A AGL - Academia Guarulhense de Letras completa neste ano o trigésimo aniversário graças ao empenho dos seus fundadores e de acadêmicos que vislumbram possibilidades de colocar em comum tantas experiências através das letras.

Que este trabalho, mais uma vez, ajude a sobrevivência de valores com a soma de experiências dos pensadores preocupados com o mundo em que vivemos e o acolhimento de leitores ávidos por descobertas preciosas ou, ao menos, que lhes confirmem não estar sozinhos.

Clovis Domingues